

PARA OS FÃS DE
JOHN GREEN

COISAS
QUE
NOS DIZ
O



JESSI KIRBY

 EDITORIAL PRESENÇA



PARA OS FÃS DE
JOHN GREEN

COISAS QUE NOS DIZ O



JESSI KIRBY

 EDITORIAL PRESENÇA

JESSI KIRBY



**COISAS
QUE
NOS DIZ
O CORAÇÃO**

TRADUÇÃO DE
MARIA DAS MERCÊS PEIXOTO

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Things We Know by Heart*

Autora: *Jessi Kirby*

Copyright © 2015 by Jessi Kirby

Edição portuguesa publicada por acordo com *HarperCollins Children's Books*, uma divisão da
HarperCollins Publishers

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria das Mercês Peixoto*

Revisão: *Mariana Portela/Editorial Presença*

Capa © Grace Lee

Design: *Erin Fitzsimmons*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, maio, 2016

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para as minhas irmãs,
que têm corações lindos e destemidos*

coração (s.m.):

órgão muscular que bombeia o sangue através do aparelho circulatório por meio de contrações e dilatações rítmicas; o centro da personalidade global, especialmente no que respeita a intuição, sentimentos ou emoções; a parte central, interior ou vital de algo

Definição da palavra *coração*

NÃO SEI COMO é que eu soube, quando as sirenes me acordaram quase ao amanhecer, que elas tocavam por causa dele.

Não me lembro de ter saltado da cama, ou de ter atado os atacadores dos sapatos. Não me lembro de as minhas pernas me terem levado pelas escadas abaixo até ao vestíbulo, e depois pelo sinuoso trecho de rua que medeia entre as nossas casas. Não me lembro de sentir os pés baterem no chão, ou dos meus pulmões a inspirarem, ou do meu corpo a correr para alcançar aquilo que o meu coração já sabia que era verdade.

Mas lembro-me de todos os pormenores que se seguiram.

Ainda vejo as luzes azuis e vermelhas, girando espalhafatosamente contra o céu pálido do romper do dia. Oíço as vozes entrecortadas dos médicos. As palavras *traumatismo craniano* repetidas acima da confusão ruidosa dos seus rádios em segundo plano.

Lembro-me dos soluços fundos e sufocados duma mulher que eu não conhecia e não conheço, ainda hoje. O estranho ângulo da sua carrinha, com o capô tapado pelas hastes partidas e flores espalhadas dos girassóis que ladeavam a rua. A vedação, despedaçada e caída.

Lembro-me dos vidros como cascalho, cobrindo todo o asfalto.

Sangue. Demasiado.

E o sapato de ténis, a seu lado no meio de tudo aquilo. O coração que eu tinha desenhado na sola com um marcador preto permanente.

Ainda sinto o vazio do seu sapato quando o apanhei do chão, e do modo como a ausência de peso me fez cair de joelhos. Sinto a força das mãos enluvadas que me levantaram e depois me detiveram quando tentei correr para ele.

Não me permitiram. Não quiseram que eu o visse. Por isso, aquilo que mais recordo dessa manhã é estar de pé na berma da rua, sozinha, envolta em escuridão enquanto o dia ia clareando. Luz da manhã sobre as pétalas douradas, espalhadas onde ele estivera caído a morrer.

«Comunicar com os recetores de transplantes pode ajudar os familiares dos doadores no seu sofrimento... De modo global, as famílias dos doadores e os recetores, bem como os seus parentes e amigos, podem beneficiar da troca de pensamentos e emoções sobre as suas experiências com a doação... o dom da vida... Pode demorar meses e até anos até que uma pessoa esteja preparada para enviar e/ou receber correspondência, ou pode nunca chegar a saber nada deles.»

Programa dos Serviços de Apoio aos Familiares de Doadores de Órgãos da Life Alliance

CAPÍTULO UM

QUATROCENTOS DIAS.

Repito o número na minha cabeça. Deixo-o preencher a sensação de vazio enquanto seguro o volante. Não posso permitir que este número passe como sendo apenas mais um dia sem fazer isto. Quatrocentos merece algo, uma espécie de referência. Como 365, quando levei flores à mãe dele mas não à sua sepultura porque sabia que ele teria querido que ela as recebesse. Ou como quando foi na data do seu aniversário. Foi há quatro meses, três semanas e um dia. No dia 142.

Eu tê-lo-ia passado sozinha, pois não suportaria ver os pais dele nesse dia, e porque uma pequenina e secreta parte de mim acreditava realmente que, se ficasse sozinha, talvez houvesse de alguma maneira a possibilidade de ele voltar, tornar a ter dezoito anos, e retomarmos tudo no ponto em que tínhamos interrompido. Ser comigo um finalista do secundário, concorrer às mesmas faculdades, fazermos o nosso último regresso a casa para o fim de semana e irmos ao baile de finalistas, atirarmos os barretes ao ar na festa de fim de curso e beijarmo-nos ao sol antes de eles chegarem ao chão.

Como ele não voltou, enrolei-me na *sweatshirt* que ainda tinha um restinho do seu cheiro, ou talvez fosse imaginação minha. Puxei-a bem contra mim e formulei um desejo. Desejei, com muita força, não

ter de fazer nada dessas coisas sem ele. E o meu desejo realizou-se. O último ano do secundário transformou-se em neblina. Não enviei a minha candidatura para as faculdades. Não fui comprar um vestido. Esqueci-me até de que havia um céu ou uma luz do sol para encimarem os beijos.

Os dias passavam, um após outro, medidos a um ritmo ininterrupto e interminável. Parecendo infindáveis, mas passando num piscar de olhos — como as ondas que batem na praia, ou as estações do ano que se sucedem.

Ou como o bater dum coração.

O Trent tinha um coração de atleta: forte, regular, com menos dez batimentos por minuto do que o meu. Antes, tínhamos estado deitados peito a peito, e eu tinha abrandado a minha respiração para a pôr a par da dele, tinha tentado enganar as minhas pulsações para o conseguir; mas nunca resultou. Mesmo após três anos, o meu pulso acelerava só ao aproximar-me dele. Contudo, descobrimos juntos a nossa própria sincronicidade, o coração dele batendo a um ritmo lento e firme e o meu preenchendo os espaços intermédios.

Quatrocentos dias e demasiados batimentos cardíacos para contar.

Quatrocentos dias e demasiados lugares e momentos onde o Trent já não existe. E ainda sem resposta de um dos únicos lugares onde existe.

Uma buzina toca atrás de mim, arrancando-me aos meus pensamentos e à sensação de nervosismo no estômago. Pelo espelho retrovisor vejo o condutor a praguejar enquanto se dirige a mim — de mão irada no ar, os lábios cuspindo uma pergunta através do para-brisas: *Que raio está a fazer?*

Perguntei a mim própria a mesma coisa quando entrei no carro. Não tenho a certeza *daquilo* que estou a fazer, apenas de que tenho de fazê-la porque preciso de o ver pessoalmente. Por causa do modo como me senti ao ver os outros.

Norah Walker foi a primeira recetora de um órgão do Trent a contactar a família dele, embora eles só mais tarde soubessem o seu nome. Os recetores de órgãos podem em qualquer altura dirigir-se às

famílias dos seus dadores através do coordenador e vice-versa, mas mesmo assim a carta foi uma surpresa para todos nós. A mãe do Trent telefonou-me no dia seguinte e pediu-me que fosse até lá; e ficámos sentadas juntas na sala de estar luminosa, na casa que guardava tantas recordações, a começar pelo dia em que eu tinha passado por ela a correr pela quinta vez, na esperança de que ele reparasse em mim.

O som de passos tentando alcançar os meus fez-me abrandar apenas o suficiente para o permitir. A voz dele, até então desconhecida para mim, conseguiu colocar as palavras entre os movimentos respiratórios.

— *Eh!*

Respiração.

— *Espera!*

Respiração.

Tínhamos catorze anos. Estranhos até esse momento. Até essas duas palavras.

Quando estava sentada em casa do Trent com a mãe dele, no sofá onde ele e eu costumávamos ver filmes e comer pipocas da mesma tigela, foram as palavras de uma estranha, e a gratidão nelas contida, que me arrancaram do lugar escuro e solitário que eu tinha habitado durante tanto tempo. A carta dela, escrita com mão trémula num papel bonito, melhorou algo em mim nesse dia. Era uma carta respeitosa. Lamentando profundamente a morte do Trent. Profundamente grata pela vida que ele lhe tinha dado.

Nessa noite fui para casa e escrevi-lhe em resposta, o meu próprio agradecimento pelo momento de luminosidade que ela me concedera com as suas palavras. E na noite seguinte, escrevi a outro dos recetores, e depois a outro — cinco ao todo. Cartas anónimas para pessoas anónimas que eu queria conhecer. E quando as enviei para o coordenador de transplantes para que as fizesse seguir, foi com a ténue esperança de que essas pessoas me escrevessem de volta. De que reparassem em mim tal como ele reparara.

Olho de relance sobre o ombro e ali está ele, a sorrir, segurando

um girassol mais alto do que eu, com o caule a arrastar no chão atrás dele, com raízes e tudo.

— Sou o Trent — diz ele. — Mudei-me recentemente para o fundo da rua, a pouca distância daqui. Deves viver perto, não? Tenho-te visto correr todas as manhãs esta semana. És rápida.

Mordo o lábio inferior. Sorrio por dentro. Tento não confessar que tenho poupado a minha velocidade para o trecho de rua em frente da casa dele todos os dias desde que a camioneta das mudanças subiu até à entrada da casa e ele saiu.

— Sou a Quinn — respondo.

Respiração.

Escrever as cartas fez-me sentir que podia respirar de novo. Escrevi acerca do Trent e de todas as coisas que ele me tinha dado em vida. Da sensação de conseguir fazer o que quer que fosse. Da felicidade. Do amor. As cartas eram uma maneira de lhe prestar homenagem, e uma esperança de algo mais. Uma mão anónima que se estendia para o vazio, procurando uma conexão. Uma resposta.

Rio-me, porque ele continua ali sem fôlego, e porque parece que ele não se lembra de que tem uma flor gigantesca a pender da sua mão.

— Oh — diz ele, seguindo o meu olhar —, isto era para ti. Eu... — Passa uma mão nervosa pelo cabelo. — Eu, hum, apanhei-a ali, ao pé da vedação.

Estende-a para mim e ri-se. É um som que quero continuar a ouvir.

— Obrigada — agradeço. E estendo o braço para a receber. A primeira coisa que ele me deu.

Recebi quatro respostas das pessoas a quem ele doou.

Após 282 dias, múltiplas cartas para lá e para cá, documentos de autorização e aconselhamento antecedendo os encontros, a mãe dele e eu fomos as duas de automóvel aos Serviços de Apoio aos Familiares de Dadores de Órgãos e sentámo-nos lado a lado enquanto esperávamos que eles chegassem. Para os conhecermos pessoalmente.

Tal como tinha sido a primeira a dirigir-se a nós por palavras,

Norah foi a primeira a estender a mão, e apesar de todas as vezes que eu tinha imaginado o encontro com ela, nada me podia ter preparado para aquilo que senti ao segurar a mão dela e ao olhar para os seus olhos e saber que uma parte do Trent também estava ali. Uma parte que tinha salvo a sua vida e lhe permitira ser a mãe duma pequenita de cabelo aos caracóis que espreitava por detrás das pernas dela e uma esposa para o homem que estava de pé ao seu lado a chorar.

Quando ela inspirou fundo com os pulmões do Trent e levou a minha mão ao seu peito para que eu pudesse senti-los encher e expandir, o meu coração também se encheu a par deles.

Foi o mesmo com os outros que conheci — o Luke Palmer, sete anos mais velho do que eu, que cantou e tocou guitarra para nós, e que podia agora fazer isso porque o Trent lhe dera um rim. Lá estava o John Williamson, um homem de poucas palavras mas caloroso, na casa dos cinquenta, que escrevia belas cartas poéticas sobre a maneira como a sua vida tinha mudado desde que recebera o transplante do fígado, mas que se atrapalhava para encontrar as palavras certas para nos dizer naquela pequena sala de visitas. E depois estava Ingrid Stone, uma mulher de olhos azul-claros tão diferentes dos olhos castanhos do Trent mas que conseguia ver novamente o mundo, e pintá-lo nas suas telas em cores vivas, devido a eles.

Dizem que o tempo cura todas as feridas, mas conhecer aquelas pessoas naquela tarde — uma família improvisada de estranhos reunidos por uma pessoa — curou mais em mim do que todo o tempo que passou nos dias antecedentes.

Foi por isso, quando se passava dia após dia sem resposta do último recetor, que eu comecei a procurá-lo. Foi a razão de o ter procurado — encontros combinados com novas histórias e novos hospitais — até que o encontrei tão facilmente que quase não queria acreditar. Foi também por isso, perante todos os outros, que eu fingi entender as razões pelas quais ele não tinha respondido. Que, conforme nos disse a senhora nos Serviços de Apoio aos Familiares

de Dadores de Órgãos, algumas pessoas nunca o fazem, e é a sua escolha.

Agi como se não pensasse nele todos os dias e não estranhasse a sua opção. Como se tivesse feito as pazes com ele. Mas sozinha, naquelas horas intermináveis que se estendem até à eternidade antes do amanhecer, eu voltava sempre à verdade: que não tinha feito as pazes. E não sei se o consigo enquanto não fizer isto.

Ignoro o que o Trent pensaria se soubesse. O que ele diria se pudesse de algum modo saber. Mas já passaram quatrocentos dias. Espero que ele compreendesse. Durante tanto tempo, *eu* fui a única dona do seu coração. Só preciso de ver onde é que ele está agora.

«O coração tem razões que a própria razão desconhece: sabemos isso de múltiplas maneiras.»

Blaise Pascal

CAPÍTULO DOIS

NÃO HÁ NENHUM sítio onde se possa voltar para trás nesta estrada, mesmo que eu quisesse. Apenas uma descida inclinada por uma vertente ladeada de carvalhos musgosos que se erguem da erva alta e doirada pelo sol do verão. A estrada prossegue assim quilómetros e quilómetros até à costa, onde ele sempre viveu os dezanove anos da sua vida. A uma distância de cinquenta e oito quilómetros.

Quando as árvores finalmente dão lugar a uma vasta extensão azul de oceano e céu no limite desta vila, as minhas mãos tremem tanto que tenho de desviar para o miradouro à beira da estrada. Uma fina linha de nevoeiro cola-se ao rebordo dos rochedos, desfazendo-se ao sol da manhã que se vai espalhando sobre a água lá em baixo. Desligo o motor mas não saio do carro. Em vez disso, desço o vidro e respiro. Respirações lentas e profundas, numa tentativa de sossegar a consciência.

Já aqui estive, em Shelter Cove, imensas vezes antes. Passei por este local e segui até à pequena praia junto à vila em inúmeros dias de primavera e de verão, mas hoje a sensação é diferente. Nada da estonteante expectativa que costumava irromper entre mim e a minha irmã, Ryan, no banco traseiro enquanto seguíamos com a mãe e o pai, a mala do carro apinhada de toalhas de praia e pranchas de *bodyboard*, malas térmicas cheias de comidas que nunca nos deixavam comer em casa. Nada da excitação de liberdade que senti quando o Trent tirou a carta de condução e viemos os dois na sua carrinha de caixa aberta para passarmos aqui o dia, sentindo-nos adultos e românticos. Hoje apenas há uma sinistra espécie de determinação, e o sentimento de tensão que a acompanha.

Olho para a água lá ao fundo, e ocorre-me um pensamento inquietante. Pergunto a mim mesma se, nalguma das vezes em que aqui estive, terei visto o Colton Thomas. Se o Trent e eu alguma vez teremos passado por ele na rua, cruzando os nossos olhares por meio segundo antes de prosseguir caminho sem pensar mais nisso, como acontece com os estranhos. Desconhecendo completamente que um dia haveria esta ligação entre nós. Antes de tudo. Antes do acidente do Trent, e de escrever cartas, e de conhecer os outros, e antes de eu ter passado tantas noites na esperança de receber resposta do Colton Thomas e de pensar por que razão nunca a recebi.

É uma cidadezinha pequena. Suficientemente pequena para que nos tivéssemos visto nalgum momento das minhas vindas aqui. Mas, mais uma vez, talvez não. Provavelmente ele não passava os verões como o resto de nós fazia. Estudei a cuidadosa cronologia que a irmã dele registava no seu blogue, que foi o que por fim me trouxe até ele. Embora ela só o tenha começado quando ele foi colocado na lista de transplantes, sei que ele tinha catorze anos quando o coração começou o lento e angustiante processo de falência. Ele entrou para a lista de transplantes aos dezassete anos. E teria morrido se não tivesse recebido o telefonema às onze horas da manhã do dia em que completou dezoito anos. No último dia em que o Trent tinha dezassete anos.

Afasto o pensamento e a pesada sensação que o acompanha. Volto a respirar fundo e relembro a mim mesma que tenho de agir com muita cautela. Já infringi demasiadas regras, escritas e não escritas, protocolos destinados a proteger tanto as famílias dos dadores como as dos recetores de saberem demasiado. Ou de terem demasiadas expetativas.

Mas quando descobri o Colton, e toda a sua história exposta a qualquer um, substituí mentalmente essas regras por um novo conjunto. Regras e promessas que tenho repetido vezes sem conta, que me trouxeram até tão longe e que me apoiam o suficiente para voltar à estrada enquanto as repito: vou respeitar o desejo do Colton

Thomas de não estabelecer contacto, apesar de achar que nunca vou entender isso. Apenas quero vê-lo. Ver quem ele é na realidade. Pode ser que consiga entendê-lo. Ou pelo menos que fique em paz com ele.

Não vou interferir na sua vida. Não vou falar com ele, nem sequer ouvir o som da sua voz. Ele nem vai saber que eu existo.

Estaciono do outro lado da rua da Good Clean Fun e desligo o motor, mas não saio do carro. Em vez disso aproveito o momento para absorver os pormenores da loja, como que na possibilidade de ver algo que me possa dizer mais sobre o Colton do que todos os *posts* que a irmã dele publicou. É exatamente como nas fotos que eu já tinha visto: pranchas de *bodyboard* e caiaques cuidadosamente empilhados enchem as prateleiras de ambos os lados da porta, salpicos garridos de amarelo e vermelho contrastando com a manhã cinzenta. Por detrás deles consigo ver através da montra, onde uma variedade de fatos de mergulho e de coletes salva-vidas se encontram pendurados em filas bem ordenadas, prontos para os clientes que procuram aventuras. Nada para além do que eu esperava. Mesmo assim, é estranho vê-la agora, uma loja por onde eu devo ter passado mais do que uma vez e a que nunca prestei atenção. Hoje é um lugar que eu sinto que conheço, com uma história feita de muito mais do que o equipamento exposto.

A loja ainda não está aberta, e a rua está quase vazia; mas mais acima, onde o paredão faz uma saliência para dentro do oceano picado e cinzento, os habitantes locais já andam na rua, começando os seus dias. Surfistas salpicam a água de um e de outro lado das estacas cobertas de mexilhões. Um pescador põe o isco no anzol antes de lançar a linha sobre o gradeamento. Duas senhoras de idade, vestindo fatos de treino, caminham a passos enérgicos ao longo da água, conversando e erguendo os braços com entusiasmo. E no parque de estacionamento ao lado do molhe, três tipos de calções desportivos e havaianas estão encostados ao gradeamento, a observar as ondas enquanto o vapor se eleva preguiçosamente em

círculos dos copos de café que seguram.

Decido que o café pode ser uma boa ideia. Nem que seja para ter algo nas mãos. Pode ser que seja o suficiente para as pôr firmes. E se encontrasse algum dar-me-ia algo para fazer em vez de ficar sentada no lado oposto da loja à espera, e a cada segundo menos segura de mim.

Algumas portas adiante, do lado da rua onde me encontro, está uma tabuleta que parece promissora: THE SECRET SPOT. Dou mais uma olhadela à loja fechada que aluga equipamentos para desportos náuticos, depois saio do carro e sigo pelo passeio, tentando parecer confortável e descontraída, como se pertencesse aqui.

O ar está espesso com o nevoeiro matinal e o cheiro salgado da água, e embora o dia vá aquecer, ainda está suficientemente frio para me deixar os braços arrepiados enquanto caminho. Quando empurro a porta do estabelecimento, o cheiro a café envolve-me, bem como as notas suaves de guitarra acústica que saem do pequeno altifalante sobre a porta. Os meus ombros descontraem-se um nadinha. Quase me apetece ter mesmo vontade de tomar um café, talvez dar um passeio pela praia, e ir-me embora sem mais avanços. Mas sei que isso não é verdade. Há demasiadas coisas envolvidas nisto, e nele, para que eu consiga fazê-lo.

Estremeço ao ouvir a voz que vem do outro lado do balcão.

— Bom dia! Já vou ter consigo. — A voz é calorosa. Amigável, como um sorriso.

— Está bem — respondo, consciente de quão tensa a minha voz soa, em contraste. Como se tivesse perdido a prática de interagir com pessoas. Tento rapidamente pensar em qualquer outra coisa para acrescentar, mas em vão. Em vez disso, dou um passo atrás e observo à minha volta. É um lugar acolhedor, com paredes de um azul-turquesa escuro que fazem sobressair as fotos a preto e branco com motivos de *surf*. Por cima de mim, velhas pranchas de *surf* pendem lado a lado do teto, presas por laçadas de uma corda náutica usada. Junto ao balcão mais uma prancha de *surf* — esta com um bocado cortado em forma de dentada — encostada à parede,

servindo de quadro com a ementa escrita à mão.

Não tenho fome nenhuma, de qualquer modo leio-a, à procura de um burrito para um pequeno-almoço diferente do habitual. O preferido do Trent, principalmente depois do treino de natação matinal. Quando ele se despachava cedo, e tínhamos tempo antes da escola, íamos ao centro da cidade e comprávamos um para partilharmos no nosso pequeno lugar secreto: um banco de jardim escondido atrás do restaurante e voltado para o riacho. Às vezes conversávamos — sobre o próximo jogo dele ou meu, ou sobre os nossos planos para o fim de semana. Mas as vezes que eu preferia eram aquelas em que ficávamos apenas ali sentados com o som suave da água a correr sobre as rochas e o silêncio calmo que vem de nos conhecermos um ao outro tão bem.

Um rapaz com cabelo louro despenteado e olhos azuis vivos surge da porta da cozinha, enxugando as mãos a uma toalha. — Desculpe a espera — diz ele, lançando-me um sorriso de um branco que contrasta com o bronzeado do rosto. — O meu colaborador ainda não chegou. Não faço ideia por que razão. — Faz sinal com a cabeça para indicar o quadro de giz que regista as condições do dia para a prática do *surf*: *swell de sul com ondas de 6 pés, brisa offshore... vamos a isso!*

Quando ele olha pela janela para a praia e encolhe os ombros, fico com a impressão de que não está muito preocupado.

Não digo nada. Faço de conta que estou a examinar a ementa. O silêncio é um bocadinho constrangedor.

— Ora bem — diz ele, juntando as mãos —, o que posso preparar-lhe agora?

Na verdade eu não quero nada, mas estou aqui, e parece demasiado tarde para me pôr a andar. Além disso, ele tem um ar simpático.

— Vou tomar um moca — respondo, num tom de voz pouco seguro.

— É tudo? — pergunta ele.

Aceno afirmativamente. — É.

— Tens a certeza de que não queres mais nada?

— Sim. Quero dizer, não, obrigada. Tenho a certeza. — Os meus olhos voltam-se para o chão, embora sinta que ele está a olhar para mim.

— Tudo bem — diz ele após um longo momento. A sua voz agora mais gentil. — Venho já trazer-to. — Aponta para as mesas vazias. — Tantos lugares, escolhe o que quiseres.

Assim faço, uma mesa mesmo ao cantinho, de frente para a janela. Lá fora, o sol vai rompendo por entre o cinzento da manhã, imprimindo a água de luz e cor.

— Aqui está.

O tipo do café traz uma caneca grande e fumegante e um prato com um *muffin* gigante.

— É de banana com lascas de chocolate — diz ele quando eu ergo o olhar. — Sabe a felicidade. Parece que hoje estás a precisar um bocadinho, por isso fica por conta da casa. E o café também.

Ele sorri e reconheço o modo cuidadoso como o faz. Não é só esta manhã. É o mesmo sorriso que as pessoas me têm dirigido de há uns tempos para cá, que parece exprimir um misto de compaixão e de pena, e pergunto a mim mesma o que vê ele em mim que o faz pensar assim. A minha postura? O tom de voz? É difícil adivinhar depois de todo este tempo.

— Obrigada — respondo. E a seguir tento retribuir-lhe com um sorriso como deve ser, para assegurar a ambos que estou bem.

— Vês? Já está a produzir efeito — afirma, sorrindo abertamente. — A propósito, sou o Chris. Se precisares de mais alguma coisa diz, OK?

Aceno afirmativamente. — Obrigada.

Ele volta para a cozinha, e recosto-me na cadeira, com a caneca quente nas mãos, sentindo-me já um pouco mais calma. Embora ainda consiga ver a loja de caiaques do outro lado da rua, esta distância parece-me segura e razoável. Como se eu não tivesse feito nada de errado ao vir aqui. Lá fora, um surfista passa à minha frente e, num relance, vejo uns olhos verdes e uma pele bronzeada que

rapidamente afastam o meu olhar, descendo-o para a espuma do moca. Ele é espetacular. Assusta-me reparar nisso, e faço-o com uma ligeira sensação de culpa.

Um momento depois a porta abre-se completamente, ele encaminha-se de imediato para o balcão sem me ver no meu canto e rapidamente toca a campainha cinco vezes. — Bom dia! Está aqui hoje alguém a trabalhar, ou foram todos para a água?

O Chris volta da cozinha, no rosto um sorriso de familiaridade. — Olha quem esta manhã decidiu dar-nos a honra da sua presença! — Saúdam-se batendo com a palma da mão um no outro e dão um quase abraço por cima do balcão. — Que bom ver-te, meu. Já voltaste ao *surf*?

— Vi o sol nascer dentro de água — responde o dos tais olhos. — Venho agora de lá. Estava bom, porque não apareceste? — Estende a mão para uma chávena e serve-se a si próprio.

— Alguém tem de governar isto — diz o Chris, bebendo um gole da sua chávena.

— Há alguém que tem as prioridades erradas — comenta o outro, num tom sério.

O Chris suspira. — Acontece.

— Eu sei. Quando não estás a ver — responde simplesmente o amigo. Sopra com cuidado para a chávena. — É por isso que estás agora aqui, para não sentires a falta daquilo.

— Essa foi profunda, pá. — O Chris sorri. — Mais alguma sabedoria que queiras transmitir-me hoje?

— Não. Mas este *swell* deve estar para continuar. Uma sessão amanhã ao nascer do sol?

O Chris inclina a cabeça, reorganizando as suas prioridades.

— Vá lá — sorri-lhe o amigo. — A vida é demasiado curta. Por que razão *não* havias de ir?

— Está bem — diz o Chris. — Tens razão. Às cinco e meia. Queres comer alguma coisa?

Quando uma pequenina parte de mim espera que ele diga que sim para poder ficar, apercebo-me de quão atentamente tenho estado a

seguir a conversa deles. E a ele. Consciente do que faço, levo a caneca à boca mais para me esconder atrás dela do que para beber. Forço os meus olhos a voltarem-se para o lado de fora da janela.

— Não, tenho de ir abrir a loja. Há uma família de oito pessoas que vem agora alugar caiaques, e prometi à minha irmã que estaria lá para tratar disso.

As palavras dele, ditas casualmente, atingem-me de imediato, como uma saraivada de setas: *caiaques, loja de aluguer de artigos náuticos, irmã*. O meu estômago dá uma reviravolta com a possibilidade tão real de ser *ele*. Mesmo ali à minha frente, a tão pouca distância. Esse pensamento faz-me inspirar com força e imediatamente me engasgo com o café. Ambos os rapazes olham na minha direção enquanto eu cuspo e estendo o braço para pegar no copo de água sobre a mesa. Em vez disso entorno a caneca, deitando-a ao chão com um estrondo. O café espalha-se em todas as direções.

O surfista dá um passo para mim quando me levanto de um salto do meu lugar. O Chris atira-lhe um pano por cima do balcão. — Colt, agarra aí.

O coração salta-me do peito, levando consigo todo o ar da sala e deixando-me sem conseguir respirar.

Colt.

Como o Colton Thomas.

«Cientistas identificaram neurónios individuais, que se excitam quando uma pessoa em particular foi reconhecida.

Assim [é possível que], quando o cérebro dum recetor analisa os traços duma pessoa que impressionou significativamente o dador, o órgão doado possa reagir com fortes mensagens emocionais, que evidenciam o reconhecimento do indivíduo.

Estas mensagens de retorno ocorrem no espaço de milésimos de segundo e o recetor [pode mesmo acreditar] que conhece a pessoa.»

«Memória Celular nos Transplantes de Órgãos»

CAPÍTULO TRÊS

COLTON THOMAS CAMINHA para mim, as sobrancelhas escuras enrugadas de preocupação, o pano numa mão, a outra estendida do lado oposto da poça de café entornado.

— Estás bem?

Aceno afirmativamente, apesar de estar longe disso.

— Por aqui, passa por cima disto. Eu trato do assunto. — Pega ao de leve no meu cotovelo e fico tensa com o toque dele.

— Desculpa — diz, largando-me rapidamente. — Eu... tens a certeza de que estás bem?

Aqui está ele, mesmo à minha frente com um pano da loiça na mão. A perguntar-me se estou bem. Isto não devia estar a acontecer, isto...

Afasto o olhar. Tusso mais uma vez, depois aclaro a voz e inspiro, trémula. *Acalma-te, acalma-te.* — Lamento — consigo articular. — Lamento muito. Eu só...

— Está tudo bem — diz ele, como se tivesse vontade de rir. Olha por cima do ombro para o Chris, que parece já estar a preparar outra chávena.

— Aqui vai um acabadinho de fazer! — exclama o Chris.

— Vês? — diz o Colton Thomas. — Nada de preocupações. — Aponta para a cadeira mais próxima. Deixa comigo. Podes sentar-te. Não me mexo, e nada digo.

Ele põe-se de cócoras para ensopar o café com o pano, mas depois olha para trás na minha direção e sorri, e isso deixa-me em choque por ver como este sorriso é tão diferente do sorriso débil em tantas fotos da irmã dele. Porque *e*le não parece o mesmo das fotos. Acho que não teria adivinhado que se tratava da mesma pessoa. Se calhar, nem mesmo que ele se tivesse dirigido diretamente para a loja dos pais.

O Colton das fotos estava doente. Pele pálida, olheiras fundas, rosto inchado, braços magrinhos. Um sorriso que parecia feito com esforço. Esta pessoa ajoelhada à minha frente é ativa, e saudável, e a que...

Quero desviar o olhar, mas não consigo. Não com o modo como ele está a olhar para *mim*.

A sua mão detém-se e hesita acima do chão pegajoso como se tivesse esquecido o que estava a fazer. E depois, sem desviar os olhos de mim, ergue-se lentamente até ficarmos cara a cara e vejo os seus olhos de um verde profundo que procuram os meus.

A sua voz está mais suave, quase hesitante, quando por fim diz qualquer coisa. — Estás... tens... será que eu?

As perguntas dele flutuam no ar, inacabadas, no espaço entre nós, e por momentos prendem-me ali. E a seguir de novo o pânico.

A realidade do que eu fiz — ou estive perigosamente prestes a fazer — atinge-me, empurra-me para longe dali esbarrando nele e dando-lhe um encontrão no ombro, e saio para a rua antes de ele conseguir dizer mais uma palavra. Antes que pudéssemos olhar um para o outro por um momento mais demorado.

Não me viro para trás. Caminho o mais depressa possível pela rua abaixo até ao meu carro, levada pela certeza de que não devia ter vindo e que tenho de me ir embora *agora*. Porque, à mistura com o facto de saber que fiz algo muitíssimo errado, tenho a impressão irresistível de que quero conhecer melhor esta pessoa. Colton Thomas, de olhos verdes e pele bronzeada, e um sorriso de quem me conhece. Que parece tão diferente da pessoa que eu pensei que ia encontrar.

O som da porta atrás de mim, e depois os passos, dão-me vontade de correr.

— Eh — exclama uma voz. — Espera! — A voz dele.

Aquelas duas palavras.

Elas fazem-me querer... parar e esperar, voltar-me e tornar a olhar para ele. Mas não o faço. Em vez disso, caminho mais depressa. Para longe dali. *Isto foi um erro, um erro, um erro.* Enfio a mão no bolso e carrego várias vezes seguidas no botão de destrancar as portas, agora já num estado frenético. No momento em que desço do passeio para me dirigir à porta do carro, os passos dele chegam mesmo ao pé de mim, muito perto.

— Eh — diz novamente —, esqueceste-te disto.

Sinto-me gelar, os dedos enrolados em volta do manípulo.

O meu coração bate com toda a força ao voltar-me de novo, lentamente, para ele.

Ele engole em seco. Estende-me a minha bolsa. — Aqui tens.

Pego nela. — Obrigada.

Estamos ali os dois de pé, a sustentar a respiração. À procura de mais palavras. É ele quem as encontra primeiro.

— Eu... estás bem? Pareces... se calhar não estás?

As lágrimas afloram-me aos olhos rapidamente, e abano a cabeça.

— Desculpa — diz ele, recuando um passo. — Isso era... não é da minha conta. Eu só... — Os seus olhos percorrem o meu rosto, sondando uma vez mais.

Isto é mais do que um erro. Puxo o manípulo e abro a porta, enfio-me lá dentro, e fecho-a atrás de mim com a mão trémula. Preciso de me ir embora já. Remexo as chaves para encontrar a que quero, mas elas parecem todas iguais, e sinto o olhar dele em mim, e só preciso de sair daqui, e nunca devia ter vindo, e... encontro a chave certa, meto-a na ignição, e faço-a rodar. Ao fazê-lo, ergo os olhos a tempo de o ver desviar-se, assustado, saltando para o passeio. Engreno a primeira, rodo o volante, e acelero. A fundo.

O impacto é súbito e ruidoso. Um insulto que vem não sei de onde. Metal e vidro que rangem. O meu queixo bate no volante. A buzina

toca, e o seu som é absorvido no silêncio do momento, e fui eu que fiz isto. Tudo o que estive a fazer. Fecho os olhos, na leve esperança de que, de alguma maneira, nada disso tenha acontecido. Que apenas sonhei, tal como quando sonho com o Trent, e tudo é tão nítido e real, até que acordo e percebo que estou sozinha e ele foi-se embora.

Lentamente, abro os olhos. Tenho medo de fazer mais alguma coisa, contudo a minha mão move-se automaticamente, estaciona o carro. E então a minha porta abre-se.

Colton Thomas não se foi embora. Está mesmo aqui, a olhar para mim com preocupação e algo mais de que não estou certa. Inclina-se para dentro do carro e passa o braço à minha frente para desligar o motor.

— Estás bem? — Há preocupação na sua voz.

A minha boca treme, mas digo que sim com a cabeça, evito o seu olhar, reprimo as lágrimas. Sinto o gosto a sangue.

— Estás ferida — diz ele.

Levanta a mão, só um nadinha, como se fosse desviar o cabelo do meu rosto, ou limpar o sangue do meu lábio, porém, não o faz. Continua somente a olhar para mim.

— Por favor — diz após um longo momento —, deixa-me ajudar.

«O coração, [descobriram cientistas], não é apenas uma bomba, mas também um órgão de grande inteligência, com o seu próprio sistema nervoso, capacidade de tomar decisões, e de se conectar com o cérebro. Eles descobriram que o coração efetivamente “fala” com o cérebro, comunicando com ele de modos que afetam a maneira como sentimos e reagimos ao mundo.»

Dr. Mimi Guarneri, *O Coração Fala: Um Cardiologista Revela a Linguagem Secreta da Cura*

CAPÍTULO QUATRO

O COLTON ESTÁ de pé entre o para-choques do meu carro e o da carrinha VW azul em que bati, avaliando os estragos. — Não foi assim tão grave — diz, agachado entre os dois para-choques. — Quero dizer, *tu* é que ficaste pior. — Olha para o maço de lenços que estou a comprimir contra o lábio inferior. — Isso tem de ser cosido. Nós temos de ir a um médico.

Tento ignorar a parte do «nós». Agora preciso ainda mais de me ir embora do que precisava antes, mas compliquei as coisas exponencialmente. — Não posso sair daqui assim — respondo. — Bati num carro. Tenho de registar a ocorrência ou fazer qualquer coisa. Ou pelo menos telefonar para a minha companhia de seguros. E para os meus pais. Que coisa! — Eles já não estavam em casa quando eu saí de manhã e provavelmente esperam que eu lá esteja quando chegarem à hora do almoço, porque tenho almoçado em casa todos os dias nas últimas semanas, desde que acabei os exames.

O Colton levanta-se. — Podes fazer tudo isso mais tarde... primeiro tens de ser tratada. Escreve só um bilhete. Deixa o teu número de telefone. As pessoas aqui são pacatas. E tu fizeste uma pequena amolgadela. Não é nada de mais.

Quero discutir com ele, porém o lábio lateja e a viscosidade quente dos lenços que comprimo está a enervar-me. — Tens a certeza?

— Tenho — responde, olhando por cima do ombro. — Espera aí. Eu volto já.

Vira as costas e atravessa a rua a correr agilmente até à loja de aluguer de caiaques, onde se encontra uma pequena multidão, presumivelmente a família que ele mencionou no café. Os adultos olham alternadamente para os relógios e para o espaço em redor, enquanto alguns adolescentes permanecem encostados à montra, absortos com os seus telemóveis, e os dois miúdos mais pequenos correm um atrás do outro entre os expositores de caiaques. Eu devia ir já embora. Deixar um bilhete rápido na carrinha e sair daqui agora, antes que as coisas avancem mais.

Dirijo-me apressadamente para o meu carro e sento-me no lugar do condutor para pegar na mala. O movimento brusco provoca-me uma nova onda de dor e viscosidade na boca, e tenho de respirar fundo antes de procurar na mala uma caneta e algo onde possa escrever.

Olho para o lado oposto da rua, vejo o Colton a aproximar-se da família de clientes. Parece estar a pedir desculpa ao apontar na minha direção, provavelmente a explicar o que aconteceu. Eles esboçam um gesto de compreensão e ele pega no telemóvel, faz uma chamada rápida, a seguir aperta a mão a todos mais uma vez antes de se voltar para vir ter comigo. Finjo que estou tão absorta a escrever o bilhete que nem levanto os olhos quando os pés dele se detêm mesmo à minha frente.

— Posso levar-te ao hospital — diz ele.

Escrevo o meu nome e o número de telefone na parte inferior do bilhete. — Obrigada, mas a sério, está tudo bem. Eu posso ir a conduzir.

— Não sei — contrapõe. — Tens a certeza de que é boa ideia?

— Não é grave. Estou ótima, eu...

— Ora bem. — Tira-me o pedaço de papel. Dá-lhe uma olhadela.

— Por que razão não vais pôr isto no carro, depois trocamos de lugares e eu levo-te?

Não me movo. Em parte porque sei que é uma má ideia e em parte porque estou um bocadinho estonteada.

O Colton agacha-se à minha frente de maneira a que eu não

consiga evitar os seus olhos. — Ouve. Precisas de levar aí uns pontos, eu já tirei o dia, e não posso deixar-te ires a conduzir nesse estado.

Não espera que eu responda e dirige-se à carrinha, levanta o limpa-para-brisas e entala o papel debaixo dele. Antes de eu conseguir arranjar uma desculpa para que ele não me leve, já está ao lado do lugar do condutor, onde eu ainda me encontro.

Olho para ele por um momento mais prolongado, suficientemente prolongado para pensar em todos os motivos que demonstram que seria um erro não impedir que as coisas fiquem por aqui.

— Posso? — pergunta. E ao olhar para mim com aqueles olhos, há neles algo de profundo que me faz dizer que sim.

Não falamos enquanto ele segue pela rua principal, no início. A sonolenta cidadezinha de praia está agora cheia de vida, e os passeios apinhados de pessoas que vão para a praia, dirigindo-se para o areal com as suas havaianas e os seus páreos, de sacos a abarrotar pendurados ao ombro. Sinto-o olhar para mim de tantos em tantos segundos, e faço um grande esforço para não estabelecer contacto visual. Finalmente, quando ele parece já ir a divagar nos seus próprios pensamentos, olho-o de soslaio, tento apanhar os detalhes. Calções azul-marinhos, *T-shirt* branca, havaianas. Sem pulseira de identificação para o caso de emergência médica. Tudo isto me surpreende, como se devesse haver algum indício exterior.

Ele parece à vontade a conduzir o meu carro, e eu procuro aceitar bem a situação, mas não aceito. Acho que mais ninguém voltou a conduzi-lo desde que o Trent partiu, e tenho a sensação de que, se agora fechasse os olhos, conseguiria vê-lo aqui. Sentado naquele lugar, com uma mão no volante, a outra no meu joelho, a cantar em voz alta ao som do rádio e a dizer as palavras erradas de propósito para me fazer rir. E incluindo o meu nome em todas as canções que passassem.

Porém, agora não há música, e o Colton Thomas está a conduzir o meu carro. Um profundo rio de culpa corre por mim, e à medida que

seguimos tento reunir um novo conjunto de regras para lidar com a situação que criei. Não vou fazer-lhe perguntas nenhuma, e vou responder o menos possível. Não vou mencionar de onde sou, ou por que razão fui a Shelter Cove, ou quem sou. Talvez nem sequer lhe diga o meu verdadeiro nome, porque...

— Pois bem, Quinn — diz ele, sem tirar os olhos da estrada. — Vamos começar pelo princípio.

Olho para ele, assustada com o meu próprio nome. Depois lembro-me do bilhete que assinei.

— Eu sou o Colton — apresenta-se.

— Eu sei. — Escapa-me sem eu querer.

— Sabes? — Há na sua voz um ligeiro desapontamento que não entendo.

Aceno afirmativamente. Apetecia-me estar em qualquer outro sítio que não aqui. — Sim — respondo de imediato. — Eu... tu... o teu amigo do café disse o teu nome.

Olho-o de soslaio para ver se acredita em mim, depois compreendo que não tem motivos para não acreditar. Ele não faz ideia de quem sou. Sou invadida por uma onda de náusea — ou de culpa, é difícil dizer qual. Devia simplesmente dizer-lhe a verdade já. Talvez ele ficasse tão horrorizado que desse meia-volta de regresso à sua loja e saísse do carro, e isso seria o final de tudo. Eu poderia ir-me embora e certificar-me de que os nossos caminhos não voltariam a cruzar-se. Fechar a porta que não devia ter aberto. Abro a boca para dizer as palavras, mas elas ficam presas e embatem no fundo da garganta.

— Então estiveste a ouvir? — pergunta o Colton, com um leve sorriso. — O suficiente para ficares a saber o meu nome?

Olho em frente pelo para-brisas e digo a verdade. — Estive.

— E não és daqui?

— Não.

— Estás de férias?

Abano a cabeça. — Vim só passar o dia. — Não digo de onde.

— Sozinha? — A voz dele denota esperança.

— Sim.

Paramos num sinal vermelho. Ele fica um momento calado, e a palavra rodopia na minha cabeça. *Sozinha*. É assim que me tenho sentido há tanto tempo. Há quatrocentos dias. Desde o dia em que o Trent morreu, tenho estado sozinha e solitária. Mas agora, neste preciso momento, compreendo que não estou nem uma coisa nem outra.

Imaginei várias vezes como seria ver o Colton Thomas, pensava qual seria a sensação de olhar de longe para uma pessoa que recebeu uma parte tão vital do que o Trent era. Olhar para o peito dum estranho e saber o que se encontra bem lá dentro. A mãe do Trent contou-me que a avó dele estava junto dela quando soube que eles tinham doado o seu coração. Que ela não tinha discordado em relação a nenhum dos outros órgãos, mas que o coração era diferente. O coração era tudo o que fazia duma pessoa aquilo que ela era, e a avó achava que o neto devia ter sido enterrado com ele. Depois de ter conhecido os outros, eu tinha esperança de que o facto de ver outra pessoa que estava viva por causa do Trent seria algo terapêutico. A terapia *final*. Mas não imaginei, em nenhuma das vezes, que quando a visse de certo modo iria imediatamente sentir-me menos só.

— Não é um mau início — diz o Colton, como se conseguisse ouvir os meus pensamentos.

— Não é um mau início para o quê?

— Para um recomeço — responde simplesmente.

«Os gregos acreditavam que o espírito residia no coração. Na medicina tradicional chinesa, crê-se que o coração armazena o espírito, shen. A ideia do coração como um livro interior, que contém um registo de toda a vida duma pessoa — emoções, ideias e memórias — surge na teologia cristã primitiva, mas pode ter raízes mais antigas que remontam à cultura egípcia.

Nenhuma outra parte do corpo humano tem sido tão vastamente celebrada na poesia, tão comumente usada como símbolo do amor e da alma.»

Dr. Mimi Guarneri, *O Coração Fala: Um Cardiologista Revela a Linguagem Secreta da Cura*

CAPÍTULO CINCO

FICAMOS AMBOS TENSOS quando as portas do hospital se abrem com um zumbido, e assim que chegamos à entrada caio na realidade. A realidade do Colton, que, de acordo com todos os *posts* da irmã, foi vivida a entrar e a sair de hospitais, com medicações infundáveis sempre a precisarem de ajustes, estadias prolongadas e idas às urgências — sustos que o levavam e à sua família a entrarem por estas mesmas portas receando o pior. Esse pensamento faz-me querer pegar na mão dele quando nos dirigimos para o balcão da receção.

Por detrás deste, uma mulher anafada com bata verde-hortelã está sentada frente a um computador, clicando nas teclas. Ficamos ali um bocadinho até que ela ergue os olhos e os passa desinteressadamente pelo meu rosto. Por um breve segundo, aterram nos lenços ensanguentados com que tenho estado a comprimir o lábio; depois tira de uma pasta uma prancheta e empurra-a até mim sobre o balcão, antes de se virar de novo para o computador.

— Sente-se e preencha isso — diz ela, sem olhar para mim. — Assim que pudermos, vamos ter consigo.

A voz dela é monótona, como se já tivesse dito aquelas palavras um milhão de vezes, e isso faz-me pensar no que seria preciso entrar por aquela porta para ela *não* falar naquele tom. — Obrigada —

respondo. E ela levanta os olhos de novo, mas desta vez repara no Colton e reage.

— *Colton*, querido! Desculpa, eu não te tinha visto! — Levanta-se dum salto da cadeira e empurra a porta junto ao balcão, num instante com a mão no braço dele. — Está tudo bem? Queres que te anuncie ao Dr. Wilde?

— Não, não, eu estou bem — diz ele. — Na verdade, estou ótimo. Aqui a minha amiga é que precisa de ser vista. Tem um corte jeitoso no lábio. Acho que precisa de uns pontos.

A enfermeira põe uma mão no peito, visivelmente aliviada.

— Ah, ainda bem. — Olha para mim com uma expressão de desculpa. — Peço perdão, eu não queria dizer ainda bem que você está magoada, referia-me ao facto de o Colton estar aqui...

— Dantes eu era um cliente habitual — interrompe ele. — Desculpem a minha indelicadeza, não vos apresentei. — Dirige-me um sorriso firme e aponta para a enfermeira. — Quinn, esta é a Mary. Mary, a minha amiga Quinn.

Mary fixa-o por um momento antes de olhar outra vez para mim. Um momento suficiente para que alguma coisa, talvez uma pergunta, ou uma opinião passe entre eles. Isso faz-me endireitar os ombros quando ela se vira novamente para mim.

— Bem, Quinn, é um prazer conhecer quem é amigo do Colton. — Estende-me uma mão delicada mas firme.

— Igualmente — respondo, apertando-a.

— Então vocês já se conhecem há muito tempo? — pergunta ela, ainda a segurar a minha mão e a abaná-la.

Olho para o Colton.

— Acabámos de nos conhecer — diz ele com um sorriso fugaz.

Confirmo com um aceno, e o momento em que parece que ele ou eu devíamos dar mais explicações prolonga-se entre nós os três ali parados de pé, com a Mary ainda a agarrar a minha mão entre as suas.

O Colton tosse ligeiramente, depois aponta para a prancheta na minha mão.

— Não é melhor irmos sentar-nos para preencheres isso?

— É, é — concorda a Mary, libertando finalmente a minha mão. — Vão os dois sentar-se ali, e assim que terminarem levamo-vos para um gabinete. — Dirige-me um sorriso simpático, que me dá a sensação de uma espécie de aprovação da escolha, algo que eu não mereço.

— Obrigada — repito, e voltamo-nos à procura de um lugar, contudo a voz da Mary faz-nos retroceder.

— Colton, querido — diz ela, fitando-o com os olhos húmidos. — Estás com ótimo aspeto, estás mesmo. — Abana a cabeça e os seus olhos enchem-se de lágrimas. — Nem acredito que já passou mais de um ano. É tão bom ver-te... — Avança para ele e dá-lhe um abraço apertado antes que ele possa reagir.

Ele demora um segundo, mas depois abraça-a também, duma maneira simultaneamente desajeitada e carinhosa.

— Também fico muto feliz por vê-la.

Observar este momento parece-me uma intromissão, estando ele a tentar tão obviamente evitar o assunto. Viro as costas e procuro um lugar para me sentar. Estão apenas mais três pessoas na sala de espera: um tipo encolhido na sua cadeira de plástico azul como se ali se encontrasse há demasiado tempo, e a agarrar o braço assente no colo; e um casal idoso sentados lado a lado em silêncio, cada um lendo uma secção diferente do jornal. O homem tem a mão pousada no joelho da mulher, um gesto que é tão familiar e tão claramente natural entre eles que me faz deter onde estou. Não consigo lembrar-me de quando foi a última vez que o Trent pousou assim a mão na minha perna. Mas lembro-me de todas as vezes que o fez, com os dedos a tamborilarem como se não conseguisse mantê-los quietos.

A voz do Colton traz-me de novo ao presente. — Eh, desculpa.

Desvio o olhar do casal quando ele se senta ao meu lado e expira ruidosamente.

— Tudo bem; ela foi simpática... quando te viu. — Ele olha para mim e tenta sorrir, mas sinto que está tenso. — Seja como for — acrescento, tentando desanuviar a tensão —, parece que és uma

pessoa muito estimada por aqui.

Não é uma pergunta, mas deixa espaço para uma resposta. Para uma resposta, se ele quiser dar-ma.

Não dá. Esboça mais um sorriso forçado e um gesto de anuência e senta-se na cadeira, com os braços cruzados sobre o peito. E fica a um milhão de quilómetros, ao meu lado na cadeira azul, enquanto eu fico de novo sozinha. Procuro algo mais para dizer, algo para mudar de assunto, que até o faça rir, mas não sei o que dizer porque, bem, eu não o conheço.

Por isso não digo nada. Pego na caneta presa a uma pequena corrente e começo a preencher os impressos. Ao fim e ao cabo, se calhar é preferível assim, esta distância. É preferível ficarmos por aqui. Preencho os impressos em silêncio enquanto o Colton permanece sentado ao meu lado, a sapatear distraidamente no chão, os dedos das mãos a tamborilarem nos braços da cadeira, e nestes momentos existimos em universos separados, tal como era antes de eu vir aqui e eles terem colidido.

— Não precisas de ficar aqui comigo — digo quando termino o último impresso. — Quero dizer, se quiseses ir-te embora, não me importo. Fico bem. Já fizeste bastante ao trazeres-me cá, a sério.

Isto arranca-o de lá onde ele estava. — O quê? Não. Por que motivo eu havia de ir a algum sítio? — Ajeita-se na cadeira de modo a poder olhar de frente para mim, e descontrai os maxilares. — Desculpa. Na verdade não gosto de hospitais, só isso. Já passei demasiado tempo neles.

Faz uma pausa, como se soubesse que deixou escapar o suficiente para me dar oportunidade de perguntar porquê. Sinto o quanto ele não deseja que eu faça a pergunta, e é a última coisa de que eu quero falar agora, por isso não a faço. As perguntas são para nós um território perigoso, e de certo modo parece que ambos nos apercebemos disso.

Seja como for, ele dá uma explicação. — Tendência para acidentes — afirma. — Tal como tu — acrescenta com um sorriso.

Revejo toda a sequência de acontecimentos: eu a entornar o café,

a sair a correr do estabelecimento, a bater com o carro. E dá-me vontade de rir a maneira como tudo isso lhe deve ter parecido. — Fui muito ridícula há bocado, não fui?

— Não. — O Colton tenta manter uma expressão séria ao abanar a cabeça. — De modo nenhum. — Encolhe os ombros. Esboça um sorriso. — Não foi nada. Ninguém viu.

— *Tu* viste. E eu estava de todo.

Agora também o Colton se ri. — Não, só parecias...

— Doida. Parecia completamente doida. Desculpa. Tudo isto é muito embaraçoso.

— Doida, não — diz ele. — Um bocado perigosa, talvez. — Sorri de novo. — Mas está tudo bem. Já fiz figuras piores.

Olha para o colo, e o sorriso esmorece ligeiramente. — Uma vez desmaiei, perante a turma inteira, no oitavo ano. Deixei-os a todos traumatizados quando bati contra uma carteira e acabei por ter de levar doze pontos na cabeça. Depois, durante algum tempo tive de andar como um Frankenstein careca. — Ri-se outra vez, mas o sorriso rapidamente se desfaz.

Ficamos um momento em silêncio, e aquilo atinge-me diretamente. Esta história é-me familiar. A irmã dele escreveu sobre o assunto: como a princípio ninguém percebia porque começaram a acontecer-lhe essas coisas. E depois elas foram piorando, quase de repente.

— De qualquer maneira — diz ele, voltando-se para mim —, o que tu fizeste foi muito mais impressionante.

— É uma maneira de pôr as coisas. — Baixo o olhar, procuro focar-me nos impressos que tenho no regaço em vez de na proximidade com que estamos sentados, porém, ao fazê-lo, os meus olhos encontram os dele. — Obrigada por me teres trazido aqui. Tenho a certeza de que a maioria das pessoas teriam ficado assustadas comigo.

— Eu não sou a maioria das pessoas — comenta ele com um encolher de ombros. — E, tal como disse, fiquei impressionado. — Aclara a garganta e deita um olhar ao balcão. — Por isso vai lá, entrega os papéis à Mary. Eu não vou a lado nenhum.

Assim que entrego a prancheta à Mary, uma outra enfermeira de bata verde-hortelã com o cabelo encaracolado e despenteado, pintado de vermelho-vivo, conduz-me pela sala de espera até ao gabinete médico. Sento-me na marquesa coberta de papel fininho e quebradiço e baixo a mão que tem estado a segurar os lenços contra o lábio por um tempo que me parece uma eternidade. Julgo ser um bom sinal já não sentir nada quente ou pegajoso ao retirá-los, mas de repente sinto-me nervosa. Exposta.

A enfermeira espreita o meu lábio do lugar onde está, depois segura-me a cabeça com ambas as mãos e inclina-a um pouco para trás de modo a que a luz lhe permita observar melhor. — Então és uma nova amiga do Colton? — pergunta, com toda a naturalidade. Há na sua voz algo idêntico ao que notei na voz da Mary. Interesse. Uma ponta de afeição.

— Hum... sim. — Não sei qual a resposta acertada, ou se existe mesmo alguma. Abro a boca para explicar, porém o movimento repuxa-me o canto do lábio e, em vez de falar, encolho-me.

Ela torna a inclinar-me a cabeça para trás e os nossos olhos ficam ao mesmo nível. — Ele é tão bom rapaz. Nós aqui gostamos imenso dele. — Levanta-se, dirige-se a um armário e volta com um montinho de compressas e um frasco com um soluto cor de ferrugem. — Fica aqui deitada na marquesa, filha.

Obedeço, e ela esguicha um bocado do líquido para a compressa, esfrega cuidadosamente a pele em volta do corte. — Ele já passou por tanta coisa, mas é um lutador, é mesmo. Aceitou tudo com melhor disposição e com mais coragem do que a maior parte das pessoas, sabes?

Aceno afirmativamente como se soubesse, e ela faz força no chão com um pé, empurrando o seu banco até ao caixote do lixo, pisa o pedal para abrir a tampa e atira lá para dentro a compressa suja. A seguir desliza novamente até mim e deita mais soluto numa nova compressa, dando mais umas pancadinhas leves junto ao lábio, mas agora mesmo junto ao golpe. Recuo quando lhe toca diretamente.

— Desculpa. É uma zona sensível, bem sei. — Torna a passar a

gaze pelo rebordo da ferida. — A boa notícia é que é um golpe pequeno. Dois ou três pontos devem ser suficientes. Num instante vais ficar tratada e sair daqui.

— Está bem. — Mais uma vez aceno que sim, tentando manter a calma, apesar de um pânico silencioso começar a subir dentro de mim. Nunca na vida levei pontos. Nunca parti um osso, nunca fui além de uma injeção. Subitamente sinto-me trémula, fraca só de pensar numa agulha a entrar e sair do meu lábio.

Ela deve ver esse medo na minha cara, porque poisa a mão na minha e aperta-a. — Não tenhas medo, filha. Não vais sentir nada depois de te anestesiarmos o lábio. E é mesmo no canto, por isso mal se vai notar a cicatriz, se é que vai ficar alguma. — Sinto os olhos encherem-se de lágrimas, e ela também repara nisso. — Queres que eu vá chamá-lo? Ao Colton? Por vezes ajuda termos alguém connosco, e além disso ele já tem muita prática destas coisas... de tudo.

Surpreendo-me ao constatar o quanto quero dizer que sim, apesar de ele ser para mim quase tão estranho como ela é. Mas depois de ter visto como ele estava tão desconfortável na sala de espera, abano a cabeça e minto acho que pela centésima vez hoje. — Não, obrigada. Eu estou bem.

— Tens a certeza?

Inspiro fundo, e aceno que sim ao expirar.

— Então está bem. — Levanta-se e tira as luvas, dobrando-as sobre si mesmas e a seguir uma sobre a outra. — Já cá vem uma pessoa para tratar de ti, e depois vamos fazer-te um penso e mandar-te embora.

— Obrigada.

— De nada. — Sorri-me de novo e dá-me umas palmadinhas na mão. — Vais só prometer-me uma coisa.

Sento-me apoiada nos cotovelos. — O quê?

Penso que vai dizer que eu tenho de ter coragem, ou que devo ter mais cuidado, mas não o faz. Encara-me com um olhar bondoso e firme, e diz:

— Promete-me que, como... amiga do Colton, vais ter cuidado com o coração dele. Ele é forte, mas ao mesmo tempo frágil. — Torce os lábios por um instante. — Trata-o bem, sim?

Sinto um nó na garganta e mordo a bochecha por dentro.

— Sim, prometo — consigo articular. Com dificuldade. A minha voz soa baixinho, assustada, mas ela parece não notar. Ou talvez pense que ainda são os nervos por causa dos pontos. Não faz ideia de quão descuidada eu fui, ou de que eu conheço o coração dele talvez ainda melhor do que ele próprio.

Ela acena com a cabeça como se tivéssemos feito um acordo e fecha a cortina, deixando-me ali sozinha na marquesa a olhar para os buracos no revestimento do teto. Porém, eles rapidamente ficam nebulosos. Penso no Colton, no tempo todo que ele passou doente. À espera de um coração. Sem saber se este alguma vez chegaria, e consciente do que aconteceria se ele não chegasse. Sabendo que morreria antes mesmo de ter vivido.

Quando o Trent morreu, achei que o pior de tudo era eu nunca ter pensado que isso ia acontecer. Que não tivera maneira de saber que já tínhamos dado o último beijo, ou que tínhamos trocado as nossas últimas palavras, ou tocado um no outro pela última vez. Passei os primeiros meses sob o enorme peso dessas mágoas, pensando em milhares de coisas diferentes que gostaria de ter feito de outro modo se soubesse que elas seriam as últimas.

Porém, agora penso na maneira como o Colton mudou quando entrámos no hospital. Em tudo o que lhe deve ter voltado à ideia, e acho que entendo. Saber o que ia acontecer teria sido muito pior.

Por um momento quase o compreendo por não ter querido contactar com a família do Trent. Ou comigo, depois de eu lhe ter escrito. No lugar dele, provavelmente eu também não teria querido. Talvez preferisse deixar para trás toda essa parte da minha vida, para conseguir ir em frente com a que julgava que não chegaria a viver.

Subitamente parece-me que fui egoísta ao vir procurá-lo. Uma pequena mas desconfortável interrogação, que quase tenho medo de fazer a mim mesma, permanece no fundo dos meus pensamentos. E

se eu não fui completamente honesta *comigo própria* sobre o motivo pelo qual queria encontrá-lo? Justifiquei a tentativa de o procurar com a ideia de que precisava de o fazer para poder seguir em frente. Para poder encerrar tudo, dizer adeus, todas essas coisas. Mas, e se tudo o que realmente tenho tentado encontrar é uma maneira de conservar uma parte do Trent? A essa parte tenho dado mais significado do que ao resto, talvez porque uma pequena parte de mim sente que uma parte essencial dele pode ainda encontrar-se ali, no seu coração.

É por isso que, uma hora mais tarde, quando saio e encontro o Colton ainda na sala de espera, me encho de coragem com o calor do seu sorriso e ignoro a ligeira palpitação que ele provoca no meu peito. É por isso que ao vê-lo de pé à minha frente a olhar para o meu lábio sem dizer uma palavra e levanta outra vez a mão como se fosse estendê-la para lhe tocar, eu recuo para me distanciar suficientemente dele. E é por isso que, ao sairmos do carro em frente da loja dos pais dele, não desligo o motor e não me atrevo a olhar para ele. Os meus olhos focam-se apenas no volante à minha frente.

— Então estamos de novo onde começámos — diz ele. As suas palavras pairam entre nós, uma fração da manhã e um começo que não devia ter acontecido. Tudo o que agora posso fazer é terminar aqui.

— Desculpa ter-te tomado a manhã toda — digo. — Obrigada. Por tudo. — A minha voz tem um tom duro, frio. Ele nada diz, mas sinto que os seus olhos procuram os meus, e faço um esforço enorme para o evitar. — Tenho de ir — adianto, tão firmemente quanto me é possível. — Estive fora de casa demasiado tempo, e os meus pais vão ficar enervados, e realmente eu tenho de... — *Não olhes para ele, não olhes para ele, não...*

— Queres comer alguma coisa? — pergunta ele. — Antes de partires?

Encaro-o. Preferia não o ter feito, porque o seu sorriso transborda esperança e possibilidade.

— Eu... não. Obrigada, mas tenho de ir.

— Oh! — O seu sorriso desvanece-se. — *OK.*

— *OK* — repito como um eco.

Nenhum de nós se move. Ou fala. E a seguir fazemo-lo, ao mesmo tempo.

— Talvez para uma próxima?

— Gostei de te conhecer.

Ele volta a recostar-se no assento.

— Vejo nisso um não.

— Sim. Quero dizer, não. Não posso... não devo.

Nem sequer tento explicar, porque sei que se o fizer vou meter-me numa confusão ainda maior. Detesto o olhar no seu rosto, como se eu tivesse acabado de lhe partir o coração. Mas estou a tentar cuidar bem dele, como disse a enfermeira, e isso significa acabar com este sentimento antes que ele tenha hipóteses de começar.

«De todas as histórias sobre o coração, as de luto são as que ficam mais gravadas na psique dos pacientes. Mas essas perdas são muitas vezes enterradas, feridas que os pacientes não têm vontade de revelar [completamente].»

Dr. Mimi Guarneri, *O Coração Fala: Um Cardiologista Revela a Linguagem Secreta da Cura*

CAPÍTULO SEIS

SINTO-ME DESORIENTADA AO estacionar junto à entrada de casa, porque não me recordo de ter conduzido até cá. Procuro mentalmente alguma prova concreta de ter efetivamente regressado a conduzir, porém, as únicas coisas em que consigo pensar são a cara do Colton ao inclinar-se para a janela do lado do condutor e dizer um último adeus, e a expressão dele no espelho retrovisor, parado no meio da rua vazia, a ver o meu carro afastar-se, com a mão meio erguida. Eu devo ter revisto todo o filme durante o trajeto para casa: ele a entrar no café, os seus olhos e a maneira como me olhou. O seu tom de voz ao dizer adeus, como se mal conseguisse acreditar.

A dor surda do meu lábio é a única coisa que me impede de pensar que todo o dia foi um sonho. E agora estou de volta. De volta aonde pertença, e onde sei que a minha mãe estará à espera, ansiosa e preocupada sem saber onde estive. Zangada quando descobrir o que aconteceu. Desligo o carro e permaneço sentada a ouvir o motor ficar silencioso como a noite em volta, até me sentir preparada para a encarar.

— Onde é que tens estado? — pergunta a minha mãe, contornando a esquina do vestíbulo assim que entro em casa. — Sabes quantas vezes te telefonei hoje?

Não sei. Perdi o hábito de olhar para o telemóvel, ou mesmo de o ligar.

Fecho suavemente a porta atrás de mim e pouso a mala na mesinha da entrada. — Eu sei. Desculpa.

Os seus olhos dirigem-se para o meu lábio inchado e para os pontos, e ela atravessa a distância entre nós em dois passos, e está mesmo à minha frente, as mãos na minha cara, inclinando-me a cabeça para trás para ver melhor, tal como tinha feito a enfermeira. Num segundo a sua voz passa de irritada a preocupada. — Meu Deus, Quinn, o que *aconteceu*?

Imediatamente os meus olhos se enchem de lágrimas, em resposta à preocupação na sua voz. — Nada, eu... — Respiro fundo, tento manter a voz firme, mas a maneira como ela está a olhar para mim faz-me ceder. Fico completamente destroçada e irrompo num choro. — Choquei com um carro, e a minha cara bateu no volante, e...

— Tiveste um *acidente*? — Empurra-me outra vez pelos ombros e os seus olhos percorrem-me toda à procura de mais alguma lesão. — Por que razão não me telefonaste? Alguém ficou ferido?

— Não, ninguém mais se magoou. Foi contra um carro estacionado, e não estava lá ninguém, por isso deixei um bilhete, e...

— Onde é que isso foi?

Hesito um momento, não querendo ter de explicar por que motivo fui a Shelter Cove. Mas não há como contornar a verdade, não entre a carrinha contra a qual choquei e a ida ao hospital. — Em Shelter Cove — respondo. Encolho os ombros. Desfeita em lágrimas. Patética.

As sobrancelhas da minha mãe franzem-se, enrugando-lhe a testa. — O que foste lá fazer? Porque não me deixaste ao menos um bilhete? Ou respondeste aos meus telefonemas? Quinn, não podes desaparecer assim.

Não há modo de eu poder responder honestamente a estas perguntas. Os meus pais não me têm largado desde o dia do acidente do Trent. Têm tido tanta, tanta paciência comigo. Até me apoiaram quando tive a ideia de conhecer os recetores dos órgãos, apesar de eu saber que isso os deixou bastante desconfortáveis. Acho que eles tinham tanta esperança como eu, ou talvez mais ainda, de que isso me ajudaria a encontrar uma espécie de desfecho. Não têm parado de me dar amor e tempo. Sempre ao pé de mim e à espera de verem

de que é que eu preciso. Compreenderam quando eu quis espaço e quando precisei de falar. Não me forçaram. Mas sei que, por detrás da sua paciência comigo, também tem havido a esperança de que eu prossiga e a preocupação de que talvez eu não o faça. Dizer à minha mãe que estive em Shelter Cove à procura do recetor do coração do Trent não é algo que eu possa fazer, por isso não digo.

— Desculpa — repito. — Devia ter-te dito onde ia. Eu apenas... senti que tinha de passar o dia fora, e meti-me no carro e acabei ali, na praia. — Faço uma pausa e observo-a a refletir nesta explicação, o que me faz sentir muito mal, pois sei o que o tom da minha voz implica: foi um «daqueles» dias em que é dolorosamente evidente que nada fiz, como há umas semanas quando passou o dia 365 desde a morte do Trent e eu cheguei da casa dos pais dele e não saí do quarto durante três dias.

— Lamento muito — repito, com as lágrimas a correrem de novo. Lágrimas genuínas, porque lamento genuinamente. A preocupação que lhe dei, e por usar assim o desgosto como uma desculpa, e pelo que fiz hoje ao ir até lá. Lamento tudo isso.

Os seus olhos investigam o meu rosto. Por fim, inspira fundo e deixa sair o ar num suspiro. — Telefonaste para a companhia de seguros? Ou para a polícia?

Abano a cabeça, e ela respira fundo novamente e acena com uma expressão severa, e sei que estou a levá-la aos limites da compreensão.

— O melhor é subires para te lavares e depois desce para o jantar, e vamos esclarecer as coisas.

Abraço-a com gratidão.

— Desculpa, mãe.

Ela devolve-me o abraço sem hesitar. — Está bem. Mas tens de ser sincera comigo, Quinn. Se hoje não estás bem e precisas de te afastar e ficar sozinha, tens de falar comigo. De me dizer. Sê sincera comigo, é tudo o que te peço.

— OK — respondo com a boca junto ao seu ombro, e prometo a mim mesma que o farei.

Depois do duche e de um jantar em que remexo a comida no prato em vez de comer, sou completamente sincera para com ela ao dizer que me sinto esgotada com os acontecimentos do dia e só quero ir deitar-me. Está um grande silêncio no meu quarto, que se encontra abafado com o calor do dia. Abro a janela toda e respiro o ar fresco e sinto o cheiro que vem das colinas. Lá fora, os grilos rompem o silêncio, e as primeiras estrelas cintilam no alto do céu do crepúsculo.

Atravesso o quarto até ao toucador, quase receosa de olhar para o meu reflexo. Evitei olhar para o espelho da casa de banho, mas aqui, sozinha no quarto, não consigo. Aproximo-me do espelho do toucador e os meus olhos dirigem-se logo para o lábio inchado, onde uns pequenos pontos da sutura, de cor negra, sobressaem em grande contraste com a minha pele pálida. A prova de que o dia de hoje aconteceu. De que encontrei o Colton Thomas e de que, apesar das regras que estabeleci para mim própria, travei conhecimento com ele. Levo as pontas dos dedos aos três pontos e por um segundo penso em quantos terão sido precisos para prender o coração do Trent dentro do peito dele. A ideia bloqueia-me por tantos motivos que não dá para explicar.

Os meus olhos vagueiam pelas fotos coladas a toda a volta do espelho, fotos de grupo disparatadas com danças, imagens de passeios com amigos que costumávamos partilhar. Todas as pessoas que eu afastei na tentativa de me manter presa a ele. Não demorei muito a compreender que, por muito que eles também gostassem dele, os seus mundos não pararam como o meu parou quando ele morreu. Eles abrandaram momentaneamente, o tempo suficiente para fazerem o luto pela perda do amigo, mas pouco a pouco recuperaram. Voltaram aos seus ritmos e rotinas da vida. Tiraram novas fotos. Planearam os seus futuros.

Forma-se-me um nó na garganta, e os meus olhos recaem na minha fotografia preferida. O sol brilha, iluminando a faixa de água azul-turquesa da piscina nas traseiras. O Trent está de pé atrás de mim, forte, os braços bronzeados em volta dos meus ombros, o queixo enfiado na reentrância do meu pescoço, a sorrir para a

câmara. Eu estou encostada contra o peito dele, a rir. Não me recordo porquê, qualquer coisa que ele disse ou fez. E agora, por mais que eu tente não a perder, já comecei a esquecer-me da sensação de estar assim envolta nos seus braços e do modo como isso conseguia fazer desaparecer tudo o mais.

Passo um dedo pelo vidro da moldura e roço o girassol seco que pende junto dela. A primeira coisa que ele me ofereceu, no primeiro dia em que nos conhecemos. Cortei o caule e enfiei-o numa jarra quando cheguei a casa, e após essa primeira semana em que passámos todas as tardes juntos, percorrendo para a frente e para trás a distância entre as nossas duas casas para podermos continuar a conversar, as pétalas começaram a murchar. Então pendurei a flor voltada para baixo, como tinha visto a minha mãe fazer, e deixei-a secar até ficar conservada, porque sabia que aquela flor era o princípio de nós. Mantive-a ali, um lembrete de que eu estava certa.

As pétalas estão agora desbotadas, quase sem cor devido ao tempo e ao sol, e tão quebradiças que começaram a desfazer-se e a cair. Já mal se reconhece a flor. Porém, não a tirei, porque não consigo; tenho medo do quanto vou esquecer se o fizer.

Dou meia-volta, vou para a cama e deito-me; mas sei que não vou dormir. Nem me dou ao trabalho de fechar os olhos. Em vez disso fico ali deitada a olhar fixamente para um nó na madeira do teto que já me é familiar, desejando poder recuar até ao tempo em que ele cá estava e estávamos juntos. Ou pensando que ele podia simplesmente estar aqui comigo, nem que por um só momento, para me fazer recordar essa sensação antes que também ela desapareça.

«A corrente eletromagnética do coração tem uma amplitude sessenta vezes superior à do campo cerebral. Também emite um campo de energia quinhentas vezes mais potente que a do cérebro, podendo ser medida a mais de três metros do corpo.»

Dr. Mimi Guarneri, *O Coração Fala: Um Cardiologista Revela a Linguagem Secreta da Cura*

«Os dados [de um estudo intitulado “A Eletricidade do Toque”] demonstraram que, “quando as pessoas se tocam ou estão muito próximas, ocorre uma transferência da energia eletromagnética produzida pelo coração.”»

Instituto da Matemática do Coração

CAPÍTULO SETE

ACORDO TÃO LENTAMENTE que consigo sentir as camadas do meu sonho a escaparem-se, e luto para as conservar porque sei que, assim que abrir os olhos, o Trent já não estará aqui e eu ficarei sozinha. Novamente.

Quatrocentos e um.

A casa está tão silenciosa, sei que não há mais ninguém, e depois percebo que é sábado e provavelmente os meus pais já saíram para a sua caminhada de fim de semana até ao café da vila, seguida pela volta pelo mercado dos agricultores, antes de regressarem para um dia prescrito pela mãe sem telefones ou *e-mails*, a trabalharem no quintal ou a cozinharem ou lerem juntos.

Faz parte da campanha que ela começou para renovar todo o estilo de vida que tinham depois de, numa tarde de domingo, o meu pai ter aparecido na cozinha parecendo confuso e com a fala entaramelada. Ela levou-o imediatamente para o hospital, receando o pior. Após horas de exames, os médicos apuraram que ele não tivera um verdadeiro AVC, mas algo chamado acidente isquémico transitório, ou AIT. Disseram-nos que isso significava que tinha havido um breve bloqueio da circulação sanguínea para o cérebro, e apesar de não ter originado nenhuma lesão permanente, constituía um sinal de aviso.

Um precursor de um derrame cerebral.

Duma cadeira ao canto do quarto de hospital do meu pai, observei a minha mãe de pé junto da cama dele, a segurar-lhe a mão enquanto o médico enumerava todos os fatores de risco: a sua tensão arterial, o colesterol, os maus hábitos alimentares, o stresse, e por aí fora. Não era nada que a minha mãe já não tivesse tentado dizer-lhe, mas acho que era diferente vindo do médico depois desse episódio. Mudar todas essas coisas já não era uma recomendação inteligente, mas uma questão de vida ou de morte.

Quando voltámos para casa o pai ainda estava trémulo, porém, a mãe tinha um propósito e um plano. A par da medicação que os médicos prescreveram, ela ia mudar todos os fatores de risco que podiam ser alterados. Ao pé de mim, ela procurava focar-se menos nos benefícios para a saúde dessa «mudança de estilo de vida», mas eu sabia o que ela estava a fazer. Estava a lutar pela vida do meu pai. Os meus avôs tinham morrido antes dos sessenta anos, um de ataque cardíaco, o outro de um acidente vascular cerebral — e ela não ia permitir que a história se repetisse e ela ficasse viúva como a sua mãe ficara. Ou a sua filha.

Primeiro, contratou um colaborador para o escritório de contabilidade de ambos e tomou a seu cargo a maior parte do trabalho do pai. A seguir, insistiu para que ele viesse jantar a casa todos os dias, um jantar saudável preparado por ela, em vez de ficar até tarde no escritório e comprar qualquer coisa para comer no regresso a casa, como ele sempre fizera. Pensei que ele ia resistir e dizer que havia muito trabalho para fazer que não lhe permitia alterar esse hábito, mas não o fez; e foi assim que percebi que também ele tinha apanhado um susto. Todos tínhamos. Foi nove meses depois da morte do Trent, e acho que até os meus pais ainda estavam a recompor-se da noção de que a vida pode acabar num instante, sem qualquer aviso. Numa fração de segundo.

Felizmente, o meu pai tinha tido um aviso, forte e claro. Durante toda a minha infância ele nunca jantara connosco, mas de repente ali estava ele todas as noites, comendo obedientemente peixe grelhado

e legumes e cereais de que nunca tínhamos ouvido falar. Depois, a mãe voltou-se para os fins de semana, que, nos últimos anos, ele passara geralmente no seu escritório de casa, sentado ao computador, respondendo a *e-mails* e trabalhando em folhas de cálculo, resmungando porque os outros não sabiam fazer o seu trabalho como devia ser. Não tinha sido sempre assim. Era ele que costumava ir chamar-me a mim e à minha irmã logo ao amanhecer para nos levar para uma corrida ao longo dos serpenteantes caminhos rurais em redor da nossa casa.

Agora é a minha mãe que o acorda e faz levantar cedo nas manhãs dos fins de semana. Percorrem a pé o longo trajeto até ao centro da vila, conversando e rindo juntos, só os dois. Voltando a conectar-se, acho que poderíamos dizer, depois de tantos anos dedicados a erguerem um negócio, e a levarem-nos à escola, à Ryan e a mim, e aos treinos e a reuniões. É bom para ambos voltarem a ter essa ligação, e sinto-me satisfeita por eles terem isso para se focarem, porque me alivia um bocadinho. Até certo ponto.

Lá em baixo, na cozinha, a minha mãe deixou-me um bilhete dizendo que a avó vai passar por cá depois do *brunch* com as senhoras da Red Hat*, porque quer estar um bocado comigo (ou porque a mãe lhe pediu que tomasse conta de mim depois do acidente), e a avó precisa de ajuda para um «projeto». E também que me deixou no frigorífico um jarro com sumo de «*wheatgrass* matinal não sei que mais». Os sumos também se tornaram parte da dieta.

Em vez disso dirijo-me à máquina de café, enfio uma cápsula e ponho uma caneca por baixo da bica. O meu telemóvel toca em cima da bancada, e quando pego nele não reconheço o número. Hesito um momento, penso deixar a chamada ir para a caixa de correio e mais tarde telefonar de volta quando não tiver acabado de me levantar, mas depois decido atender.

— Estou?

— Bom dia, posso falar com a Quinn Sullivan? — É uma voz masculina, formal.

— Sou eu... ela. — Reviro os olhos. — É a Quinn que fala.

— Ah! — Ele aclara a garganta. — Olá. Você, hum... acho que foi você que bateu na minha carrinha ontem? E deixou um bilhete com este número?

— Fui — respondo, pousando o café na bancada da cozinha. — Lamento imenso. Bem sei que devia ter ficado lá à sua espera, mas fiz um golpe no lábio, que tinha de ser cosido, e... — A campainha da porta toca. — Desculpe, estão à bater à porta. Posso telefonar-lhe já a seguir?

— Certamente — diz o tipo, e desligo sem me despedir.

Poiso o telefone na bancada e dirijo-me à porta da frente, desejando já estar vestida, porque a primeira reação da avó ao verme ainda de pijama quando já devia estar pronta será dizer algo sobre a importância de «seguir em frente», como ela diz, que é o que ela própria tem feito todos os dias ao longo de dezasseis anos, desde que o meu avô morreu. Fico parada no vestíbulo, aliso o cabelo o melhor que posso, e preparo-me para a sua reação exagerada ao ver como ficou o meu lábio com o acidente, sobre o qual a minha mãe de certeza já lhe falou. Depois inspiro fundo e abro a porta.

E fico sem ar.

O Colton Thomas está na entrada à minha frente, com o telemóvel numa mão e a outra atrás das costas.

— Olá — diz ele. Apoia-se num pé e depois no outro. Dirige-me um sorriso inseguro. — Pooois, como eu estava a dizer, deixou-me um bilhete, e o seu número, e...

Demasiadas coisas me passam pela cabeça de imediato, demasiadas para conseguir formar uma frase. Mas olho por cima do ombro dele e lá está ela, a carrinha VW azul contra a qual bati, com o para-choques amolgado e tudo.

Ele segue o meu olhar e vira a cabeça na mesma direção. — Não te preocupes com isso. — Olha novamente para mim. — E por favor não fiques nervosa. Eu só... — Faz uma pausa e olha um instante para os pés, depois outra vez para mim, para o meu lábio. — Eu só queria... ter a certeza de que estás bem. E dizer-te que não te preocupes com a carrinha. Serviu-me de pretexto.

Finalmente encontro a minha voz, mas ela sai num tom desagradável. — Porque não me disseste que a carrinha era tua?

Não podes estar aqui é tudo o que consigo pensar.

— Tu estavas tão nervosa, e eu não quis fazer-te sentir ainda pior, e... desculpa. Devia ter-te dito qualquer coisa.

— Mas como é que soubeste onde eu... — *Não podes estar aqui.*

Ele abre a boca para responder, mas hesita. Aclara a voz. — Conheço umas pessoas.

— No hospital? Aquela enfermeira? Ela disse-te onde é que eu moro? Eu... tu...

Não pode estar aqui.

Detenho-me, compreendendo que ele não é mais culpado do que eu quando fui procurá-lo. Não sei o que fazer com o facto de, ao vê-lo de novo, sentir a cara ficar quente e as pernas trémulas. Cruzo os braços sobre o peito, subitamente consciente de que ainda estou de pijama. Olho para baixo, não na sua direção mas para as unhas dos pés que deixei de pintar há imenso tempo.

— Desculpa — diz ele, inclinando-se um pouco para me olhar nos olhos. — Lamento muito ter aparecido assim sem avisar. Não é... não é algo que eu costume fazer. — Olha para mim como fez no café, e isso provoca-me uma palpitação que começa no fundo do peito e num instante se espalha por todo o meu corpo.

— Ontem foi... tu estavas... — Franze o sobrolho. Dá uma tossidela e olha para o chão, para a casa, para o céu. Por fim, olha para mim. — Desculpa, nem sei o que quero dizer. Eu apenas... — Inspira fundo e expele o ar lentamente. — Apenas queria ver-te outra vez.

Antes que eu consiga responder, ele tira a mão de detrás das costas. Estende-a para mim. E eu sinto-me desmoronar em milhões de pedaços invisíveis.

Ele leva o olhar de mim para o girassol que tem na mão e de novo para mim. — Hum...

Não consigo responder. Nem sequer respirar. Ardem-me os olhos, e o chão parece-me pouco firme. Olho para ele ali parado à minha porta, com uma flor na mão, e tudo o que consigo ver é um lampejo

do Trent. É demasiado. Tudo isto é demasiado. Abano a cabeça como se pudesse livrar-me dela.

— Eu... *não*. Não posso. Desculpa. — Recuo um passo, começo a fechar a porta, porém, a voz dele detém-me.

— Espera — diz, parecendo confuso. — Desculpa. Isto foi... na verdade eu não planeei nada disto, eu só... gostei mesmo muito de te conhecer ontem, e pensei que talvez...

Está com os ombros descaídos e parece perdido de um modo que me faz desejar que ele acabe a frase.

— O quê? — digo num sussurro. Abro a porta mais um bocadinho. — O que foi que pensaste?

Ele não responde imediatamente, e eu não me afasto da soleira da porta.

— Não sei o que pensei — responde por fim. — Eu só queria conhecer-te melhor, só isso. — A mão que segura o girassol tomba ao seu lado. — Tenho de ir. — Inclina-se e coloca a flor no degrau da entrada, aos meus pés. — Gostei de te conhecer, Quinn. Fico satisfeito por estares bem.

Não respondo.

Ele acena como eu fiz, depois volta-se e afasta-se descendo lentamente os degraus junto à porta. Olho para o girassol ali pousado. O Colton atravessa o acesso do jardim dianteiro dirigindo-se à carrinha, e eu sei que, se ele se for embora agora, não voltará e será o final de tudo. E devia ser o final de tudo. Só que, neste momento, não quero que seja.

O coração bate cada vez mais forte nos meus ouvidos a cada passo que ele dá, mas quando ele chega à porta do carro, o único som que oiço é a minha própria voz.

— Espera!

A palavra surpreende-nos a ambos.

O Colton fica paralisado, e decorre um segundo antes de ele se voltar, enquanto eu penso com preocupação que cometi um erro terrível. Que ultrapassei os limites não só em relação a ele, como também ao Trent. Só quando ele se volta e me olha com aqueles

olhos comoventes é que compreendo que já estou do outro lado da fronteira.

— Espera — repito, desta vez num tom mais suave.

Não preciso de dizer mais nenhuma palavra, o que é bom, porque ainda estou tão chocada comigo mesma que nem consigo. O Colton atravessa novamente o troço do jardim e volta à entrada, rápido mas cauteloso, como se não quisesse assustar-me outra vez. Para à minha frente, um degrau mais abaixo do que eu, de modo que ficamos de olhos nos olhos. Espera que eu diga algo mais.

O meu pensamento corre acelerado. *O que estou a fazer, o que estou a fazer, o que estou a fazer?*

— Então e... então e a tua carrinha? — Gaguejo. — Como é que eu... Tenho de tratar disso, ou pagar o arranjo, ou... fazer qualquer coisa.

Ele abana a cabeça, sorri. — Não, não tens. Não é nada.

— Qual não é nada, é... — Procuro as palavras certas, quaisquer palavras, para dizer a verdade. — Tenho de te compensar de alguma maneira... pela carrinha.

O que é que eu estou a fazer?

Ele vira-se lentamente para trás e encara-me de novo. — Não precisas de me compensar de nada — afirma. — Não foi por isso que cá vim. — Encolhe os ombros e sorri ligeiramente. — Ontem gostei de estar contigo. Por isso, gostaria que me fosses ver da próxima vez que voltares a Shelter Cove. O que achas? Um dia destes?

É um convite, mas ele parece saber que está a proporcionar-me uma desculpa elegante, se é isso que eu procuro, e aperceber-me desse pequeno gesto deixa-me sensibilizada. Sinto que os meus olhos se voltam para o seu peito, e também um aperto no meu.

— Está bem — respondo por fim. — Eu vou... um dia destes.

Um lento sorriso espalha-se pelo seu rosto. — Então, até um dia destes. Sabes onde me encontrar, não sabes?

Aceno afirmativamente, e ficamos ali parados com o sol a bater-nos e o calor do dia a aumentar à nossa volta. Um momento depois ele volta-se para se ir embora, e desta vez não o retenho. Fico a vê-lo

encaminhar-se para a carrinha e entrar. Acena-me um adeus, depois faz marcha-atrás até à rua e eu permaneço à entrada. Uma brisa ligeira roça a minha pele, trazendo consigo o aroma do jasmim e um frémito de algo mais. De esperança, talvez. Ou de possibilidade. Espero até ele virar para a estrada e desaparecer e depois torno a olhar para o girassol. Desta vez ele tem um significado diferente: menos uma lembrança dolorosa e mais um sinal, que talvez o Trent compreendesse.

É isso que digo para mim mesma ao baixar-me para o apanhar. E ao pensar: *Sim, sei onde o encontrar.*

Red Hat Society — sociedade americana essencialmente formada por mulheres com mais de 50 anos e que se dedica à interação social e apoio a outras mulheres. (NT)

«Nos Estados Unidos, cerca de 3000 pessoas estão em lista de espera para um transplante do coração seja em que dia for. Por ano estão disponíveis cerca de 2000 corações de doadores. Os doentes que são elegíveis para um transplante cardíaco são colocados numa lista de espera para um coração doado. Esta lista de espera faz parte do sistema de atribuição de órgãos de doadores.

É a Organ Procurement and Transplantation Network (OPTN) que dirige este programa. A OPTN segue políticas que asseguram que os corações dos doadores são atribuídos de maneira justa. Tais políticas baseiam-se em urgência da necessidade, órgãos disponíveis e localização do doente que vai receber o coração (o recetor).»

Instituto Nacional do Coração, Pulmão e Sangue

CAPÍTULO OITO

AS PALAVRAS DO Colton pairam à minha volta no quarto quando me sento em frente do computador, a olhar para o primeiro *post* que li acerca dele. Ecoam, tal como aconteceu com outro conjunto de palavras, antes de eu saber onde encontrá-lo: *sexo masculino, 19 anos, Califórnia*.

À família do Trent apenas tinham sido dadas as informações mais básicas acerca dos recetores dos seus órgãos, e esses três dados eram tudo o que eles sabiam sobre o recetor do coração. Era tudo o que eu sabia quando lhe escrevi. E mais tarde, foi aquilo a que me agarrei quando ele não me respondeu. Quando quis saber onde encontrá-lo, porque *precisava* de saber mais acerca dele.

Uma sequência de palavras, separadas por vírgulas, escritas numa caixa de pesquisa: *sexo masculino, 19, CA*. Acrescentei *transplante do coração* e obtive 4,7 milhões de resultados em 0,88 segundos. Resultados que eu podia separar por data e relevância, restringir ainda mais por localização geográfica, e ainda ficar com imensos *links*, peças que podiam ou nem sequer podiam ter pertencido ao mesmo *puzzle*. Segui-os todos noite após noite, observando as peças no brilho pálido do meu computador até encontrar aquelas que poderiam encaixar.

Na Califórnia há doze centros de transplantes, mas apenas um tinha realizado um transplante de coração no dia em que o Trent morreu. Fui dar com ele num *post* dum blogue, escrito por uma rapariga que se encontrava incrivelmente assustada mas tentando manter a esperança acerca do seu irmão mais novo, que tinha estado ali internado na unidade de cuidados intensivos. Já lhe tinha sido colocado um coração artificial, mas estava cada dia mais fraco enquanto se prolongava a espera por um coração novo.

Eu tinha olhado para a foto na publicação do blogue da irmã, o Colton com um sorriso cansado, erguendo os polegares para a câmara, nesse dia rodeado pelos pais e pela irmã, que sorriam de lágrimas nos olhos. A irmã dele escreveu que, nessa foto, eles tinham acabado de receber a notícia de que fora encontrado um coração compatível e que, de acordo com os testes, era perfeito para ele. Isto deve ter sido à mesma hora em que, a quilómetros de distância, o coração do Trent estava a ser retirado do seu peito enquanto as nossas famílias se apoiavam mutuamente na sala de espera, derramando lágrimas de espécies completamente diferentes.

No momento em que um coração é retirado de um dador, o relógio começa a sua contagem, e os médicos iniciam uma corrida contra o tempo para o colocarem no recetor. O coração é selado num saco de plástico cheio de uma solução estéril, depois envolto em gelo para o transporte, quase sempre de helicóptero. O do Trent foi. E, enquanto ele era levado para o centro de transplantes, o Colton já estava a ser preparado para a cirurgia. A sua família rezava, e pediram aos amigos que fizessem o mesmo, e aquilo que para ele representava a vida ou a morte continuava a ser um procedimento comum para os médicos que o efetuavam. Poucas horas depois de o coração ter sido removido do peito do Trent, foi colocado no do Colton. Os vasos sanguíneos ligados, e ao ser-lhe infundido o sangue do Colton ele começou de novo a bater por si só. Precisamente quando o meu mundo se imobilizou.

Faço *scroll down*, passando por palavras que já li tantas vezes que poderia recitá-las de cor, até à foto seguinte do Colton, tirada logo

que ele acordou da cirurgia. Está deitado de costas na cama do hospital, com as olivas dum estetoscópio encaixadas nos ouvidos, e o círculo com a membrana pressionado contra o peito pela mão de outra pessoa. A ouvir o bater do seu novo coração.

Foi duro para mim olhar para essa imagem da primeira vez que a vi, tantos meses depois da morte do Trent... foi duro não sentir outra vez a dor aguda da perda. Contudo, era impossível não ficar emocionada com o que vi captado nessa foto, e com a emoção viva no rosto de Colton Thomas. Isso deu-me vontade de o conhecer. E após meses sem resposta à minha carta, foi através das palavras e das fotos da irmã que eu comecei tudo.

Percorri todos os *posts* da Shelby e, com eles, construí linhas do tempo paralelas. No dia em que enterrámos o Trent, foi feita a primeira biópsia ao novo coração do Colton, que não demonstrou sinais de rejeição. Nove dias mais tarde, ele já se encontrava suficientemente forte para sair do hospital pelo seu pé e voltar para casa com a família, e eu estava demasiado fraca para ir ao último dia do meu ensino secundário sem o Trent. Passei o verão, e depois o ano pré-universitário, suspensa numa neblina de dor. O Colton passou esse tempo ficando cada vez mais forte, impressionando os médicos com o seu progresso. A recuperar. Eu não sabia isso na altura, mas meses após a morte do Trent, quando escrevi a minha carta anónima ao rapaz de 19 anos da Califórnia, estava ele a fazer tudo ao seu alcance para seguir em frente e ficar bem. E então ontem eu decidi que precisava de o ver para fazer o mesmo.

Agora não sei o que se seguirá.

Faço um *scroll up* no *post* mais recente do blogue da Shelby, escrito há umas semanas, no dia 365. O aniversário da morte do Trent, e da segunda oportunidade do Colton para a vida. O ponto inicial das nossas linhas do tempo paralelas. Ontem uni-as, embora tal devesse ser o fim. Não devia haver nenhum «um dia destes». Porém, depois penso nele ali parado à entrada a sorrir para mim, com o sol a brilhar sobre nós como um convite e, sem levar em conta aquilo que devia ser, não me apetece que seja o fim.

Uma pancada na porta com os nós dos dedos interrompe o pensamento antes de ele conseguir avançar. Reconheço as pancadinhas rápidas e em *staccato*, e sei que são da avó. Também sei que só vai bater mais uma vez antes de usar a chave para entrar e subir as escadas para ver por que razão não fui abrir. Ela é espantosamente rápida para uma pessoa de oitenta anos, por isso fecho o portátil, penteio o cabelo com os dedos e levanto-me da secretária ao ouvir a segunda batidela. Atravesso o quarto rapidamente, mas ao ver a flor do Colton no meu toucador detenho-me por um momento. Está mesmo ao lado da foto em que eu estou com o Trent, e da flor agora a desfazer-se que *ele* me deu no primeiro dia.

Os meus olhos vão direitos a ele, e o seu sorriso paralisa-me ali. Fico automaticamente tensa, à espera do familiar aperto no peito. Mas ele não vem. Olho outra vez para a nova flor.

— Isto foste tu? — murmurei.

Apesar de saber que não é possível, desta vez quase espero uma resposta. Porém, tal como de todas as outras vezes, a única coisa que oiço no silêncio que me rodeia é o bater do meu coração.

Uma lembrança inegável duma verdade única e insondável: que eu ainda aqui estou, embora ele não esteja.

— Olha só para ti — diz a avó, tirando os óculos de sol *Jackie O* quando eu chego ao cimo das escadas.

— Olha só para *ti* — respondo, com um sorriso.

Ela estende os braços e dá uma voltinha.

— Toda a gente olha, minha querida.

E têm bons motivos para o fazer, principalmente hoje. A avó vem vestida com o seu «traje completo» vermelho e roxo, como ela e as senhoras da Red Hat Society lhe chamam. O seu grupo corajoso de «mulheres de certa idade» usam orgulhosamente combinações de cores que não condizem, como símbolo do facto de terem idade suficiente para não se importarem. Quanto mais extravagantes, melhor. E a avó já nasceu extravagante. Hoje escolheu *leggings*

roxas com um *top* fluido a condizer, uma boa de plumas vermelhas, e o seu indispensável chapéu debruado com uma larga faixa vermelha e uma pluma de penas roxas que continuam a flutuar e balançar no ar mesmo quando ela para de se mover.

Quando acabo de descer as escadas, ela abre os braços e envolve-me num abraço de penas e do seu cheiro familiar a perfume da *Estée Lauder*, creme *Pond's* e biscoitos com cobertura de hortelã-pimenta. Absorvo esse cheiro e abraço-a também antes de ela me afastar para me percorrer com o olhar.

— Como é que *estás*? — pergunta, virando-me o queixo para um lado e depois para o outro. — Há aqui qualquer coisa diferente...

Toco nos três pontos no lábio, e ela agita a mão num gesto negativo.

— Não, não se trata disso. Isso apenas faz o teu lábio parecer cheio e saliente. — Inclina-me o queixo outra vez, voltando-o para um lado e o outro, e eu sustenho a respiração. A avó tem uma maneira de olhar para as pessoas que é como se estivesse realmente a olhar *para dentro* de nós, e hoje isso deixa-me nervosa por causa do que ela possa ver.

— Não sei — diz por fim, baixando a mão. Eu suspiro de alívio. — Hoje *estás* com bom aspeto. Bem podias ter ido ao *brunch* comigo e com as outras raparigas.

Esboço um sorriso. «As raparigas» que fazem parte do seu grupo da Red Hat Society têm todas mais de setenta anos, embora na verdade não pareçam. São um bando turbulento.

— Desculpa — respondo. — Fiquei muito cansada depois do dia de ontem.

A avó concorda com um breve aceno.

— Bem. Estou satisfeita por ver que *estás* melhor. Temos trabalho à nossa espera. *Brownies*. Vinte e cinco dúzias de *brownies* para o nosso *stand* na feira.

— Uau!

— Uau, é isso mesmo. Agora vem ajudar-me com as mercearias.

Descarregamos o carro, a avó põe o seu avental vermelho en-

quanto eu pré-aqueço o forno, e depois ambas metemos mão à obra. É uma das minhas maneiras preferidas de passar o tempo com a avó. Ela dirige e eu obedeço, e entramos num ritmo de partir ovos, e pesar, e mexer, por vezes conversando o tempo todo, por vezes caladas, mergulhadas nos nossos próprios pensamentos. Hoje ficamos um bocado em silêncio, mas sei que não vai durar muito. Ela espera que eu deite o primeiro lote de massa para o tabuleiro untado e começa as perguntas.

— Então — diz, não muito casualmente —, a tua mãe contou-me que ontem tiveste um pequeno acidente junto à praia? Que resolveste ir até lá sem dizeres a ninguém?

Mostro-me atarefada com a espátula, a rapar bem a massa da tigela, sentindo-me arrependida por ter ido sem avisar os meus pais, já para não falar do acidente.

— Andaste no engate? — pergunta ela com um sorrisinho maroto.

— *O quê?* — Solto uma gargalhada. A pergunta dela surpreende-me, apesar de já nada nela me surpreender. — *No engate?*

— Não é como vocês dizem agora? — pergunta, enquanto levanta a tigela dela com ambas as mãos, já um pouco mais trémulas do que era costume. — Como uma pantera?

Seguro um tabuleiro bem por baixo da tigela, e ela deita-lhe a massa.

— Não. Isso é... — Rio-me, desejando que a Ryan estivesse aqui para ouvir aquela. — Isso é algo muito diferente, avó. E acho que já ninguém usa essa expressão.

— Bem. Seja lá o que for que queiras chamar-lhe. Era por isso que *eu* ia à praia quando tinha a tua idade. Assim que me punha em fato de banho, os rapazes aproximavam-se. — Abre o forno, mete lá dentro os dois tabuleiros, e fecha-o. — Foi assim que cacei o teu avô, sabes. — Sorrio ao pensar na avó em jovem, à caça de rapazes na praia. — Foi por isso que ele se apressou a casar comigo. Viu-me de fato de banho e ficou ansioso por me ver sem ele, sabes o que quero dizer, e quando nós...

— QUANTO TEMPO TÊM DE FICAR NO FORNO? — interrompo.

A avó pisca-me o olho. — Exatamente quarenta e três minutos. — Começa a pesar cacau em pó para outra fornada, e eu passo-lhe a farinha.

— Eu não andei no engate — afirmo, evitando o seu olhar. — Apenas fui dar uma volta. Fazer algo diferente. — Sendo um motivo tão vago, sei que ela aceitará esta resposta.

— Então, ainda bem — responde. — Às vezes precisamos de um escape, sem mais ninguém. Sair. Passar um dia sozinha na praia. — Diz isto como se estivesse orgulhosa de mim, como se fosse um indício de que estou a fazer progressos, ou a seguir em frente, e eu sinto uma ponta de culpa, que me faz continuar a conversa.

— Na verdade nem fui à praia... bati com o carro assim que lá cheguei, por isso não...

A avó volta-se para mim. — O que interessa é que realmente foste, Quinn. É um começo. — Leva as nossas duas tigelas para o lava-loiças e abre a torneira. — E devias lá voltar. Vou dizer-te uma coisa: se eu tivesse a tua aparência, de certeza que não iria passar o verão todo sozinha em casa; sairia para andar no engate. — Pisca-me o olho outra vez. — Ou pelo menos ia para a praia, de biquíni a apanhar este sol magnífico.

Não diz mais nada, e eu também não, e isso é uma das coisas de que eu gosto na avó. Ela sabe quando deve dizer apenas o necessário. E hoje já disse o necessário para me deixar a pensar, e os meus pensamentos voltam-se novamente para o Colton e para as suas palavras: *Sabes onde me encontrar.*

Sei, e não consigo parar de pensar nisso.

— Talvez vá — digo pouco depois. — Talvez lá volte um dia destes.

«Na vida há muitas coisas que atraem o teu olhar, porém só algumas atrairão o teu coração. É atrás destas que deves ir.»

Michael Nolan

CAPÍTULO NOVE

Foram os *brownies* que serviram de pretexto para eu ir a Shelter Cove na manhã seguinte. Eu tinha chocado contra a carrinha dele e depois ele levou-me ao hospital e preocupou-se o suficiente para vir saber de mim. Tão simpático que me trouxe uma flor. Tão sensato que não forçou nada. O mínimo que posso fazer é levar-lhe um prato de *brownies*. Li num *post* da irmã que foi a primeira coisa que ele pediu quando o autorizaram a voltar a comer, e os *brownies* da avó são os melhores de todos. Ele merece pelo menos isso. E depois vou para a praia.

Encho um prato até cima, envolvo-o com película transparente e rabisco um bilhete para os meus pais, que saíram juntos esta manhã. Depois agarro no meu saco de praia e dirijo-me para a porta para fazer o mesmo percurso que fiz há uns dias, tão nervosa como estou agora, ou mais ainda.

Quando viro para descer a rua principal e vejo a carrinha do Colton estacionada quase no mesmo sítio que da primeira vez, o meu coração dispara e passo por ela sem estacionar no lugar vago mesmo atrás. Desligo o rádio para conseguir pensar melhor. Neste momento ainda tenho uma opção. Se seguir caminho, na realidade não fiz nada de errado em relação ao Colton e ao Trent. Mas e então? Se o fizer, isto é, se seguir caminho, posso não voltar a ter outra oportunidade de saber mais a seu respeito. «*Um dia destes*» vai expirar o prazo, e o Colton vai esquecer-se de que disse isso, e talvez seja demasiado tarde para voltar atrás.

A luz do semáforo seguinte fica vermelha. Dá-me mais alguns minutos para pensar. Ligo o pisca-pisca. Desligo-o. Torno a ligá-lo.

Quando a luz fica verde, hesito o suficiente para que o carro atrás de mim comece a buzinar, e então faço inversão de marcha e volto para trás. Para onde está o Colton Thomas, 402 dias depois. Para onde estacionei da primeira vez. Quando chego, reparo que ainda lá está a amolgadela no para-choques da sua carrinha VW, e que é maior do que eu me lembrava, o que me faz vacilar. Olho para o prato de *brownies* no banco do passageiro, e de repente eles parecem-me completamente ridículos.

Não sei o que estou a fazer. E agora que estou aqui, não sei *mesmo* onde o encontrar. Desço o vidro e olho em volta como se pudesse vê-lo por um acaso. O ar da manhã ainda está fresco, e faz-me relaxar um bocadinho ao respirar fundo. É mais ou menos a mesma hora do dia que da outra vez em que cá vim, e, segundo o que o Colton disse, ele deveria estar ou na loja dos caiaques ou no café. Pensei telefonar-lhe antes de sair de casa, mas isso pareceu-me um bocadinho de mais. Além disso não sabia se conseguiria mesmo vir até aqui, só tive a certeza ao estacionar. Na verdade, ainda não tenho bem a certeza. A loja dos caiaques aparenta ainda estar fechada, e até o café parece às escuras. Eu ainda podia...

— O carro já está estacionado, não está? Já desligaste o motor e tudo?

A voz sacode a minha hesitação, e quando levanto o olhar vejo o Colton, acabado de sair da água, o cabelo e o fato molhados ainda a pingarem, a prancha de *surf* debaixo do braço. — Voltaste. — Está satisfeito, mas não surpreendido.

— Eu... pois foi.

Pego no prato de *brownies*, depois ponho-o fora da janela para uma explicação. — Trouxe-te isto... como agradecimento... ou desculpa, eu... — Olho para a moça no para-choques e sinto-me idiota e envergonhada, o que me faz falar depressa, numa série ininterrupta de palavras. — Foste tão simpático em levas-me ao hospital depois de eu ter batido no teu carro, e sinto-me tão mal por não me deixares pagar o prejuízo, e sei que ontem agi de maneira estranha; bem, agi de maneira estranha logo no dia em que me

conheceste, e... desculpa.

Empurro o prato mais para fora da janela, como se o movimento pudesse fazer algo pela confusão vacilante em que me sinto. Estou destreinada disto, de falar com as pessoas em geral. Mas a maneira como ele está ali parado com aquele sorriso, a escutar todas as minhas palavras, ainda torna as coisas dez vezes mais difíceis.

O Colton pestaneja uma, duas vezes, depois faz um sorriso aberto e pega no prato. — Não te preocupes. Especialmente não por trazeres isto. Adoro *brownies*.

Tenho de parar de dizer *eu sei*.

— Obrigado — agradece com sinceridade. — Foste tu que os fizeste? — Encosta a prancha ao carro, tira-me o prato das mãos, afasta a película que o envolve e tira um *brownie*. Dá uma dentada. Mastiga devagar, como se estivesse a fazer uma prova de degustação, e por meio segundo fico com medo de me ter enganado na receita quando estávamos a prepará-los, porque eu pensava nele em vez de prestar atenção à farinha e ao cacau em pó.

Por fim ele engole. — Uau! — exclama, erguendo as sobrancelhas. — Isto é muito melhor que o melhor *brownie* que já provei em toda a minha vida. Mesmo!

Sinto a cara tingir-se de vermelho.

— Estou a falar a sério. — Interrompe o sorriso para provar que é verdade. — E já comi muitos.

O seu rosto está tão sério que me faz rir. — Obrigada. Ainda bem... ainda bem que gostaste.

— Ainda bem que voltaste. — Sorri. — E *gostar* é dizer pouco. — Devora a segunda metade do seu *brownie*. — Quais são os teus outros talentos escondidos, e o que vais fazer hoje além da entrega do melhor pedido de desculpa?

Rio-me de novo, baixo os olhos. — Não sei. Estava a pensar ir para a praia, visto que no outro dia nem cheguei a ir.

— Esta aqui em baixo vai ficar muito cheia de gente. — O Colton olha de relance para a loja de caiaques às escuras. — Podia mostrar-te uma praiazinha ótima... daquelas que são pouco concorridas.

Praticamente só é frequentada pelas pessoas daqui.

— Hum. — Aclaro a garganta. Considero a ideia por um momento. — Não, não vale a pena. Não te quero tomar mais tempo. De certeza que tens de... — Olho agora para a loja. — Só queria vir agradecer-te, e pedir mais uma vez desculpa pela tua carrinha. — Remexo as chaves, e elas caem para o espaço estreito entre o meu banco e a consola. Como não podia deixar de ser.

— Não tem importância — diz o Colton. — Não tenho mais nada planeado. Deixa-me só ir mudar de roupa, e podemos...

— Não posso. Tenho de estar em casa a certas horas, e não quero ir parar a um sítio longe sem o meu carro e depois teres de me levar a casa ou coisa do género.

Ele encolhe os ombros. — Podes simplesmente vir atrás de mim... bem, não demasiado perto por causa dessa tua tendência para acelerares a fundo. Assim terás o teu carro contigo e podes ir-te embora quando precisares. — Ele diz isto de modo tão simples, como se não fosse nada de especial, depois olha para mim, à espera duma resposta. — É só um dia. E preciso de alguém para partilhar estes *brownies* comigo, senão como-os todos de uma assentada. A sério, até me fazes um favor.

Sorri, e a luz do sol bate-lhe nos olhos, e não me deixa opção.

— Está bem. É só um dia.

— Ótimo — Ele sorri também. — Perfeito. — Pega na prancha. — Vou só... Então vou mudar-me. Volto já. — Apoia uma mão bronzeada na minha porta, baixa-se um pouco e entrega-me o prato de *brownies*. — Toma. Podes tomar conta deles?

Pego no prato e ele volta-se e atravessa a rua a correr até à loja de caiaques. Antes de desaparecer lá dentro, olha para trás por cima do ombro. — Não te vás embora — grita. Isso deixa-me nervosa e feliz ao mesmo tempo, enquanto procuro as chaves que deixei cair.

Não seria capaz de me ir embora agora, mesmo que quisesse.

Cada batimento cardíaco começa com um simples impulso elétrico, ou «centelha». O som característico que ouvimos com um estetoscópio, ou quando colocamos o ouvido sobre o peito de alguém que amamos, é o som das válvulas do coração a abrirem e fecharem numa sincronicidade perfeita uma com a outra. É um ritmo a dois tempos, uma dança delicada de sístole e diástole, que impulsiona as partículas eletricamente carregadas do coração através das suas cavidades aproximadamente a cada segundo do dia, todos os dias da nossa vida.

CAPÍTULO DEZ

DETENHO-ME JUNTO À berma atrás do Colton, e antes de estacionar o carro no parque já ele saltou da carrinha e se dirige a mim. Desligo o motor e saio para o ar salgado, onde o som ligeiro da água a bater nas rochas chega até nós vindo da falésia lá em baixo.

— Está um dia perfeito — diz o Colton, olhando para o mar. — Vamos experimentar?

— Claro — respondo. Na verdade não sei o que vamos experimentar, mas estou demasiado feliz para perguntar. Atravessamos uma zona de ervas rasteiras onde um homem solitário está sentado num banquinho a ler o jornal enquanto o seu cãozito anda perto dele a farejar o terreno, e ao chegarmos junto da corda grossa à beira da falésia é que eu olho verdadeiramente para a água e para as rochas lá em baixo.

Diversamente do outro dia, hoje não há neblina sobre os rochedos, nem um vestígio de nuvens no céu azul-safira que se estende em toda a sua imensidão. Está um daqueles dias que parece pedir-nos que não o desperdicemos. Esse pensamento faz-me sentir uma breve pontada no peito, porque me leva a pensar no Trent. Ele não desperdiçava um só segundo. Para ele era como se um relógio começasse a contar o tempo desde o momento em que punha os pés no chão todos os dias. Recordo-me de estar com ele e desejar que, ao menos uma vez, ele abrandasse o ritmo. Parasse. Mas não estava na sua natureza ser assim, e também não parece estar na do Colton.

Os dedos dele tamborilam no poste à nossa frente, e sinto-o de pé ao meu lado, sinto a energia nervosa de nós os dois. Tento pensar em qualquer coisa, seja o que for, para preencher o silêncio, mas este prolonga-se. Em vez disso, olho para a superfície brilhante que ondula em volta das rochas enormes que emergem da água. Estão espalhadas em grupos um pouco ao largo e sempre me pareceram mais umas mini-ilhas do que rochas. Um bando de pelicanos deste *habitat* cobre todo o topo do rochedo mais próximo da costa, havendo sempre um a levantar voo ou a pousar de tantos em tantos segundos. Os meus olhos viajam pela superfície escarpada do rochedo até à água, onde ele se encontra mais alisado pelo constante afluxo das ondas, e observo o mar a bater contra a rocha e depois a recuar.

O Colton tosse ligeiramente, dá um pontapé num seixo do terreno. — Eu... posso fazer-te uma pergunta?

Engulo em seco. Dou uma tossidela. — Está bem — respondo devagar.

Ele bebe um gole da garrafa de água que tem na mão e torna a passar o olhar por toda aquela vastidão, o tempo suficiente para me pôr nervosa. Penso em centenas de diferentes pedidos de desculpas/razões/explicações para seja lá o que for que ele me vai perguntar.

— Não gostas muito de perguntas, pois não? — interroga, voltando-se para mim com um olhar que me deixa as mãos nervosas.

— Não, podes perguntar. Que tipo de pergunta é essa? — Que coisa, o som da minha voz revela o meu nervosismo.

— Deixa lá — diz o Colton —, não importa. — Dirige-me um sorriso rápido. — Não é muito importante, nada de mais. Então e se aproveitarmos o dia para relaxar e para o saborear? Passarmos um dia em grande?

Por um instante, visualizo um dos *posts* da Shelby. Uma citação de Emerson que ela disse que lhe fazia lembrar o Colton e a sua maneira de ser, e como ele encarou a vida após a cirurgia:

Escreve no teu coração que cada dia é o melhor dia do ano. Nenhum homem aprende verdadeiramente seja o que for, enquanto

não souber que cada dia é o do Juízo Final.

Lembro-me de ter lido isso e pensado que tanto ele como eu tínhamos aprendido essa verdade, a de que qualquer dia podia ser o último. Mas tínhamos escolhido fazer coisas diferentes. Ele pôs esse conhecimento em prática assim que lhe foi possível. Voltou-se outra vez para as coisas que gostava de fazer, para a vida que tivera antes. Eu fiz o contrário. Durante tanto tempo. Mas acho que estar agora aqui com ele é como uma oportunidade de tentar agir desse modo.

— Está bem — respondo finalmente. — Um dia em grande.

— Ótimo. Sinto-me feliz por isso. — Um sorriso largo de felicidade abre-se no seu rosto, e ele volta-se de repente e encaminha-se novamente para a carrinha. Fico a observá-lo, e reparo em algo de que não me apercebera antes. Um caiaque amarelo-vivo de dois lugares preso ao porta-bagagens do tejadilho.

Um medo vago materializa-se num recanto da minha mente ao vê-lo pegar na correia à frente do caiaque. Rapidamente desfaz o nó, depois dirige-se para a correia do lado oposto e faz descer o caiaque até ao chão com um baque surdo de plástico pesado. Olho para trás de mim, para as rochas e a água em remoinhos lá em baixo, que de repente já não me parece muito calma. Quando volto a olhar para o Colton, ele está a abrir a porta traseira da carrinha e a retirar dois remos, que ajeita cuidadosamente em cima do caiaque. Eu permaneço no mesmo lugar, numa rejeição de todas as peças que se vão montando à frente dos meus olhos. *Nós não vamos realmente, ele que não pense que nós vamos, eu nunca...*

— Já alguma vez andaste aqui de caiaque? — pergunta ele.

O homem no banco levanta o olhar, ligeiramente interessado, depois volta-se outra vez para o jornal ao perceber que a pergunta não tinha sido para ele. Atravesso rapidamente o relvado, tentando pensar se haverá uma maneira de me livrar disto. Gosto imenso de praia e de admirar os rochedos, mas andar de caiaque pelo meio deles está muito longe da minha zona de conforto. E também não me parece algo que ele devesse fazer, com tudo o que... parece-me arriscado.

— Andaste? — pergunta com um sorriso. Depois, sem esperar pela resposta, estica o braço lá para dentro, tira um colete salva-vidas e dá-mo.

Abano a cabeça. — Não... e eu não... na verdade nunca andei de caiaque *em lugar nenhum*, por isso acho que não... Este não me parece um bom lugar para começar. Sabes, para uma principiante. Aquelas rochas todas... — Agora, na minha ideia, tudo aquilo são rochedos alcantilados e ondas impetuosas.

— Na verdade, é um lugar ótimo — diz ele. — Bem protegido. Costumamos fazer aqui muitos passeios de caiaque. — Faz uma pausa com um sorriso. — Foi aqui que aprendi.

— A sério? — O tom da minha voz dá a impressão de que provavelmente não acredito nele, mas acredito. E apercebo-me de que quero saber mais... acerca dele, e de quem ele é. Pelas suas próprias palavras, não pelas da Shelby. Consigo detetar isso no seu rosto, o que é muito bom.

— Sim — responde. — Quando eu tinha seis anos, a minha mãe finalmente consentiu que o meu pai me trouxesse com ele.

Oito anos antes de ficares doente, acrescento eu. *Oito anos antes de tudo ter começado, e de teres ido ao médico porque a tua mãe pensou que estavas com gripe*. Sinto-me culpada por saber uma parte da sua vida que ele desconhece que eu sei, mas não é nisso que ele está a pensar neste momento. Tento também não pensar. Tento estar aqui agora, com este Colton em vez do Colton doente que sinto conhecer tão bem.

Ele abana a cabeça, ri-se ao recordar. — Durante tanto tempo eu tinha pedido à minha mãe, e depois, quando ela disse que sim, chegámos aqui e olhei para os rochedos, e fiz aquela mesma expressão que tu fizeste há um segundo. — Faz uma pausa. — Tentei todas as desculpas para não ir, contudo o meu pai atirou-me um colete salva-vidas, deu-me os remos para eu levar, e carregou o caiaque pelas escadas abaixo sem dizer uma palavra. Quando lá chegámos, ele sentou-me no lugar, depois ajoelhou-se à minha frente e disse: — Confias no teu velhote, não confias? — E eu estava tão

assustado que me limitei a dizer que sim com a cabeça. Depois ele acrescentou: — Muito bem. Faz o que eu te digo, quando eu te disser, e o pior que pode acontecer é apaixonares-te.

Rio-me nervosamente, tento evitar o seu olhar, mas não consigo.

O Colton faz uma pausa, sorri-me com aqueles seus olhos, e depois contempla novamente a água. — Pelo oceano, era o que eu queria dizer, que eu ia sair a ele e querer passar todo o tempo lá, de uma maneira ou doutra. — Olha outra vez para mim. — Ele tinha razão. A partir daquele dia já não conseguia ficar na praia.

Sei que esta é uma versão da verdade, e que é a que ele me deixa conhecer. Mas também sei dos anos em que ele esteve doente, em que não podia ir para o mar, sempre a dar entrada e a sair do hospital. Uma parte de mim deseja questioná-lo sobre isso, porém a outra parte não quer pensar nele desse modo.

— Na realidade, nunca fiz nada parecido — afirmo. *Até agora*, termino mentalmente. Vejo uma nesga de chão poeirento, os sapatos do Trent, nós os dois a caminharmos em passos simultâneos, respiração a par, e a culpa insinua-se em mim. — A minha irmã e eu costumávamos correr juntas, mas ela tem estado fora a estudar, portanto não o faço sem ela. — É a versão da verdade que o deixo saber.

— É pena — diz o Colton. Parece que vai perguntar mais qualquer coisa, mas pensa melhor no assunto. — Já há muito tempo que eu não vinha aqui, mas tem este sítio tão fixe que o meu pai me mostrou, que tenho tido vontade de cá voltar. Não é muito fácil chegar até lá, mas vale a pena. Queres experimentar?

Fico um momento sem responder. Levar um caiaque para o oceano é algo que me assusta bastante, contudo ainda me assusta mais o facto de confiar nele tão facilmente. De repente olho para longe, para além da falésia, depois para a água a remoinhar nas rochas, que é exatamente o que sinto no estômago.

— Está bem. Vamos experimentar. — A minha voz não parece muito convincente.

O Colton faz um esforço para manter uma expressão séria, todavia

vislumbra-se um sorriso aos cantos da boca. — Tens a certeza?

Aceno que sim.

— Pareces assustada. Não tenhas medo. Faz apenas aquilo que eu te disser, quando to disser, e tudo correrá bem. — Faz uma pausa e deixa o sorriso espalhar-se pelo rosto e, apesar de não dizer mais nada, sinto o resto das palavras do pai dele rodopiarem à nossa volta na brisa que nesse momento se levanta entre nós.

O Colton vai buscar mais apetrechos à carrinha, e antes que eu tenha hipótese de responder, ou de mudar de ideias ou de pensar melhor, já tenho o colete salva-vidas por cima do fato de banho, o Colton está com uma camisola térmica e calções de banho, e vamos a arrastar o caiaque pelas escadas de cimento até à praia pedregosa. Estamos ambos sem fôlego quando ele o puxa para a linha de água e me faz sinal para me sentar no lugar dianteiro. Obedeço, e ele entrega-me um remo. — Estás pronta?

— Já? Não preciso primeiro de uma aula ou coisa assim?

O Colton parece divertido. — Isto é a aula. É muito mais fácil explicar-te na água. O caiaque é bastante pequeno, portanto entra e eu remo até nos afastarmos daqui. Depois mostro-te como é. Parece-te bem? — Sorri para mim, e eu reúno toda a minha confiança para conseguir responder.

— Sim — articulo, mas o coração bate-me no peito com toda a força da preocupação enquanto uma onda bate contra as rochas à nossa frente, rolando até à praia com um murmúrio. *Isto está mesmo a acontecer!*

— Aqui vamos nós! — exclama a voz do Colton atrás de mim. O caiaque avança, depois balança muito quando ele salta para dentro, desequilibrando-me momentaneamente. Porém, logo a seguir o seu peso estabiliza a embarcação, e sinto o remo dele empurrar a água com força de um lado e depois do outro, e avançamos. Fico tensa ao ver uma onda que vem na nossa direção, cada vez mais alta à medida que se aproxima, como se fosse rebentar antes de conseguirmos ultrapassá-la; porém, o Colton rema ainda com mais força, e passamos por ela com facilidade, o caiaque subindo a frente

da vaga e descendo depois dela. O Colton move o remo mais uma vez de um lado e do outro e a seguir deslizamos, tranquilos e firmes, pela superfície da água. Finalmente, suspiro de alívio.

— Não foi tão assustador como pensaste que ia ser, pois não? — pergunta ele atrás de mim.

Viro-me o melhor que consigo dentro do colete rígido, surpreendida e orgulhosa ao responder: — Não, nem pensar!

— Pequenas vitórias — comenta ele.

Observo-o por mais um instante, vejo-o reclinar-se no seu lugar e respirar fundo como se estivesse a sorver a manhã, como se fazer isto fosse por si só uma pequena vitória; e suponho que é. Faz-me sentir que o conheço bem. Como se naquelas duas palavras se vislumbrasse o tipo de pessoa que ele é.

— Adoro isso — digo. — Pequenas vitórias.

— São essas que contam. Como estarmos aqui hoje, neste momento.

As palavras dele ficam suspensas entre nós ao sol brilhante, e vejo que ele as diz com sinceridade. Quando o seu olhar percorre o céu e a água e as rochas, e depois volta a pousar no meu e aí se mantém, verde e calmo, sinto vontade de lhe dizer que sei a verdade. Que sei por que razão ele consegue ver as coisas desse modo. Quero dizer-lhe quem sou e o que estava a fazer no café há dias. As palavras começam todas a querer sair, subindo como bolhas de ar na água.

— Estamos à deriva — diz o Colton. As bolhas desfazem-se, e as minhas palavras flutuam longe, por dizer, levadas pela corrente.

Ele sorri e ergue o remo do colo, trazendo-me de volta ao presente. — Hora de aprender. Estás pronta?

Aceno afirmativamente, ainda virada para trás.

— Está bem. Vais segurar o remo aqui e aqui, onde estão estas pegas — diz ele, demonstrando.

— OK. — Grata por ter outra coisa em que me concentrar, volto-me para a frente, agarro o remo que tem estado pousado nas minhas pernas, passo as mãos em volta das duas pegas e mantenho-o direito à minha frente. — Assim?

O Colton ri-se. — Perfeito. Agora vira-te para mim só um instante para eu poder mostrar-te como se faz.

Obedeço, e ele põe o remo na água e empurra a pá duma das extremidades de um dos lados do caiaque, com força e firmeza, fazendo-nos deslizar suavemente pela superfície serena azul-escura. Depois retira o remo desse lado e faz o mesmo com a pá da extremidade oposta. — É como se estivéssemos a descrever círculos com as mãos, tal como fazemos com os pés quando pedalamos numa bicicleta. Experimenta.

Pousa o remo nas pernas, e eu aceno que sim e viro-me para a frente para experimentar. A primeira remada que faço é demasiado superficial, e o meu remo apenas desliza à tona da água. Não nos movemos. Sinto-me corar.

— Tenta outra vez. Com o remo mais fundo.

Concentro-me a usar os braços para fazer descer mais o remo dentro de água, como fez o Colton, e fico espantada ao ver que realmente avançámos um bocado.

— Isso mesmo — diz o Colton.

Encorajada por ele e pelo facto de estarmos mesmo a mover-nos, mergulho bem a primeira pá, sentindo a resistência da água à medida que o meu remo a empurra. Penso nos círculos, como pedais duma bicicleta tal como ele disse, e prossigo, e após umas boas remadas já vamos a cortar a superfície espelhada a uma velocidade razoável. Rio-me, feliz e orgulhosa por estar a manobrar a pequena embarcação.

— Já apanhaste o jeito — afirma o Colton atrás de mim, e sinto também o seu remo a impulsionar-nos para a frente. Olho por sobre o ombro. — Continua a remar — diz ele. — Vou sincronizar o meu remo com o teu.

Concordo e volto-me, encaro a vasta extensão de oceano azul e de céu, e torno a mergulhar o remo uma e outra vez, até conseguir um ritmo firme. A princípio sinto as remadas do Colton esforçando-se por acompanharem as minhas, mas pouco depois ficamos sincronizados, num ritmo a dois tempos que nos leva para longe da praia, para além

das ilhas rochosas, para o largo de águas profundas.

Uma barbatana de golfinho corta a superfície quando passamos por um monte de algas a flutuarem ao sol. Os únicos sons são do ritmo firme dos nossos remos e da minha respiração, inspirar, expirar, inspirar, expirar a cada remada, e sinto que poderia continuar assim para sempre, remar até à linha do horizonte e nunca mais parar. Sabe-me bem sentir-me perdida nos ritmos naturais da respiração e do movimento sem pensar em mais nada. Como eu costumava fazer quando corria. Até agora, não me tinha apercebido de que quase me esquecera desse sentimento, ou de que sentia a falta dele.

— Estou impressionado — exclama o Colton atrás de mim. — És mais forte do que pareces.

— Muito obrigada — lanço sobre o ombro, com um sorriso. Mas considero-o um elogio. Neste momento sinto-me forte, e surpreende-me que o meu corpo se lembre de como deve estar.

— Então querias continuar a remar até ao Havai, ou queres ir ver a gruta? — Consigo ouvir novamente o sorriso na sua voz, e depois sinto a ausência das suas remadas. Levanto o meu remo da água e pouso-o sobre as pernas, reparando como tenho os braços e os ombros queimados.

— Qual gruta? — pergunto, voltando-me.

— A que nós vínhamos ver — responde ele simplesmente. Olho em volta, cansada, não vendo grutas em lado nenhum. — Na base da rocha por onde passámos. A grande.

— Oh — exclamo, olhando em volta. — Não a vi quando passámos por ela.

— Isso é porque ela está um bocado escondida.

— Como uma gruta altamente secreta? — brinco.

— Mais ou menos — responde o Colton sorrindo. — Não faz parte dos passeios de caiaque habituais. Demasiada responsabilidade. Vamos. Vou mostrar-te. — Dá uma remada forte de um dos lados, e o caiaque começa lentamente a virar. — Então e tu? Eu não consigo conduzir isto sozinho.

Duvido. Os ombros dele são espantosamente largos, e os braços

são fortes, mas seja como for volto-me e remo do mesmo lado que ele, e com mais algumas remadas estamos novamente de frente para a praia, dirigindo-nos outra vez para as rochas. Nesse momento tenho a noção de que nunca estive tão afastada de terra, o que é tão estimulante como assustador.

Quando éramos crianças e vínhamos à praia, a Ryan nadava até muito longe, eu achava sempre que os guardas costeiros teriam de ir buscá-la, e mais tarde o Trent fazia a mesma coisa, em corridas com os amigos para além das boias ou da extremidade do molhe. Destemido. Porém, eu nunca passei para lá da rebentação das ondas. Parecia-me que era uma vastidão demasiada, fora de controlo. Mas hoje não. Estar agora aqui, sinto que é a melhor coisa que me aconteceu desde há muito, muito tempo, e faz-me desejar poder guardar esta sensação dentro duma garrafa.

Aqui, sob este céu azul inacreditável, acho que compreendo o que o pai do Colton quis dizer sobre apaixonar-se pelo oceano. Se calhar, tudo o que é preciso é ir com um guia em quem confiamos.

— Sabes, dantes todas aquelas rochas faziam parte da linha costeira — diz o Colton atrás de mim. Olho mais atentamente para as rochas e, agora que ele o disse, consigo ver as suas camadas de cor que condizem com as da falésia.

— O que aconteceu?

— Erosão — responde ele. — Eu imagino isso mais ou menos como uma daquelas sequências de lapsos de tempo... com ondas a baterem contra as falésias, e tempestades abatendo-se sobre elas, e água e ar atingindo as fendas e alargando-as e formando túneis e grutas até as partes mais frágeis se desmoronarem e tudo o que restou serem aquelas pequenas ilhas rochosas.

Da maneira como ele o diz, consigo ver perfeitamente, como se estivesse agora a acontecer perante os nossos olhos. E está, de facto. Só que tão lentamente que não conseguimos ver — do mesmo modo que o desgosto pode fazer a uma pessoa ao longo do tempo, destruindo-a até ela quase desaparecer.

— Bem, mas a da gruta é aquela mesmo à nossa frente — diz o

Colton.

A cerca de trinta metros, a rocha maior do grupo eleva-se acima da água. É bastante achatada no cimo e encontra-se coberta de florzinhas amarelas que balançam suavemente ao sol e à brisa do oceano, erguendo-se para o céu. Os meus olhos seguem uma fenda na rocha que começa estreita no alto, desce até meio e começa a alargar formando o que poderia ser uma abertura na base. A água entra e sai segundos depois, ao ritmo constante das ondas.

— Está um dia bastante calmo; podemos entrar — afirma o Colton.

Olho de novo para a abertura, que é escura e não parece suficientemente alta, medindo a minha coragem.

— Se é como eu me recordo, é das coisas mais surpreendentes que já vi. Tem uma câmara principal aberta em cima, de maneira que o sol brilha sobre a água, e depois tem outras câmaras mais pequenas que estão todas ligadas, e a ondulação bombeia a água para dentro e para fora de todas elas como...

— Como um coração — interrompo. Sai-me não sei de onde, mas de toda eu ao mesmo tempo. Volto-me para ele.

O Colton encolhe-se, quase impercetivelmente, porém, eu noto e desejo poder voltar atrás e não ter dito o que acabei de dizer. *Estúpida!* Há um instante estávamos aqui no oceano, só para desfrutarmos o dia, a razão da nossa ligação deixada lá para trás na praia. Mas agora essa razão está novamente aqui, puxando-me para trás como a maré.

— Sim — responde ele simplesmente. — Acho que é mais ou menos como um coração.

Esboça um meio-sorriso e fica em silêncio durante um longo momento. Sinto preocupação ao pensar que ele pode dizer algo sobre o seu coração... o coração do Trent.

— Então o que achas? — pergunta, em vez disso. — Queres entrar lá? É seguro, garanto. — Ergue as sobrancelhas num sorriso esperançoso.

Sei que provavelmente é seguro, e confio nele, mesmo. Mas não há nada de seguro quanto ao facto de eu estar aqui com ele, ou à

maneira como ele me faz sentir, ou ao modo como ele parece confiar em mim. A culpa insinua-se na minha consciência, fazendo-me pensar em todos os pequenos erros que já cometi. Mas depois algo maior me varre, me atrai para o Colton e para este sentimento que experimento agora.

Inspiro profundamente e deixo o ar sair devagar, lançando para longe todas as coisas em que não quero pensar agora. E depois olho para o Colton, olho realmente para ele de uma maneira que ainda não tinha permitido a mim mesma.

— Sim — respondo. — Quero.

Ele demora um instante a responder, fica a olhar-me nos olhos à luz intensa do sol. Depois sorri. — Que bom — afirma, como se fosse mais uma das suas pequenas vitórias. — Porque esta é a parte em que nos apaixonamos.

«[O bater do coração] está ligado ao movimento universal que nos rodeia, às marés e às estrelas e aos ventos, com os seus ritmos enigmáticos e fontes invisíveis.»

Stephen Amidon e Dr. Thomas Amidon: *A Máquina Sublime: Uma Biografia do Coração Humano*

CAPÍTULO ONZE

ESTAMOS SENTADOS A pouca distância da caverna, o caiaque eleva-se suavemente a cada ondulação que passa abaixo de nós, e observamos a água a bater contra a rocha, depois a entrar pela abertura. Inclino-me para a frente para tentar ver, o que já fiz com as últimas dez ondas, qual o espaço que fica entre a superfície da água e o teto do túnel: não terá mais que uns 50 cm acima do nosso caiaque.

— Estás bem? — pergunta o Colton. Usa o remo para nos fazer recuar um pouco. — Se não quiseres, não vamos.

— Estou ótima — minto. Mas as palavras seguintes são verdadeiras. — Quero mesmo ir. — Conto os segundos que a água demora a voltar para fora. — Só preciso de ver mais uma vez, e depois podemos ir.

— Está bem — diz o Colton, posicionando-nos em frente da entrada. Uns segundos depois sinto outra ondulação vir por detrás de nós e erguer ligeiramente o caiaque. Observo mais uma vez a água a afunilar-se pela abertura. Depressa.

— Então lembra-te do que eu disse — avisa ele, movendo-nos para trás ao mesmo tempo que nos mantém de ângulo para a abertura. — Tudo o que tens a fazer é remar com força, depois pegas no remo e inclinas-te para trás quando eu disser, OK? Vamos apanhar a próxima onda que entrar. E vamos conseguir, garanto!

— Compreendido — afirmo, muito mais confiante do que realmente me sinto. Já que me meti nisto, tudo farei.

— Então aqui vamos nós — exclama quando a onda seguinte se

eleva nas nossas costas. — Volta-te para a frente. Rema!

Assim faço, e sinto a força imediata das suas remadas ao juntarem-se às minhas. O nosso impulso produz-se, e depois subitamente elevamo-nos quando a onda atinge o caiaque. Sinto um estremecimento de medo quando ela nos faz subir e depois nos empurra a toda a velocidade, mesmo direitos ao buraco na rocha.

— Deita-te para trás! — grita o Colton.

Obedeço, puxando o remo para o peito e dando um grito ao mesmo tempo. Parece completamente impossível haver maneira de conseguirmos passar pela abertura, por isso fecho os olhos com toda a força e agarro-me aos lados do caiaque. De repente tudo é simultaneamente ruidoso e abafado. O caiaque bate com estrondo contra as paredes rochosas do túnel, sacudindo-me com força no seu interior. Agarro-me ao remo como se a minha vida dependesse dele.

— Está tudo bem — oiço o Colton gritar acima do barulho. — Mantém-te deitada!

Nesse momento as hipóteses de eu fazer qualquer outra coisa eram absolutamente zero. Mesmo com os olhos fechados consigo dizer que está escuro. O ar está pesado com humidade e sal, e parece demasiado denso para respirar. Fecho os olhos ainda com mais força, certa de que agora vamos morrer porque *eu não consigo respirar, eu não consigo respirar, eu não consigo...*

E então acontece um milagre. O túnel cospe-nos para fora como o final dum escorrega aquático, e tudo fica praticamente imóvel. Fico um momento ali deitada, com medo de abrir os olhos, à escuta. Oiço a minha própria respiração, e a do Colton, e a água a lamber a rocha, e mais qualquer coisa... *a pingar?*

— Ah, conseguimos! — O Colton solta uma gargalhada de êxtase, e depois o caiaque baloiça e sinto uma mão no ombro. — Então, estás bem? Já podes abrir os olhos.

Abro primeiro um e depois o outro, e a primeira coisa que vejo é a cara dele sobre a minha. Está a olhar para mim, e é impossível respirar com ele tão próximo. — Conseguimos — repete. — Olha para o alto!

Estou ofegante. Lá muito, muito em cima consigo ver o céu através duma abertura como uma claraboia no telhado da caverna. É uma janela que o emoldura perfeitamente, pondo o azul em contraste com as paredes escuras da rocha. — Oh, meu Deus — exclamo num murmúrio. — Isto é... — Nem sei como lhe chamar. É mais belo que tudo o que eu já vi.

Sento-me lentamente, como se mover-me depressa pudesse fazer desaparecer tudo aquilo.

A luz do sol penetra pela abertura num canto, iluminando a neblina que paira no ar e todas as minúsculas gotículas de água. A toda a nossa volta, a água reflete a luz contra as paredes da gruta, oscilando e dançando. Mais uma ondulação entra pela abertura que acabámos de atravessar, depois dispersa-se, reordenando os pequenos reflexos como o girar dum caleidoscópio.

Sinto o olhar do Colton em mim, observando a minha reação. Ele agita uma mão no ar, gerando diminutos remoinhos na neblina. — Quando era miúdo, costumava pensar que isto eram os iões negativos a pairar por aqui.

— Os quê? — pergunto, vendo-os rodopiar e dançar.

— Iões negativos. — Ri-se. — Desculpa, esqueço-me de que nem todos cresceram com a minha família e as suas estranhas suposições arbitrárias.

Agora quero mesmo saber. — O quê? O que é que eles são?

— São aquilo que é libertado para o ar quando as moléculas de água embatem contra algo sólido. — Aponta para a caverna à nossa volta. — Como estas rochas, ou a praia quando uma onda rebenta. Se bem que elas não vêm só do oceano. Podem vir de qualquer sítio... de uma queda-d'água, da chuva... — Faz uma pausa e sorri um pouco autoconscientemente. — Seja como for. São boas para respirarmos. Terapêuticas, segundo o meu pai e o meu avô, pelo menos.

Fica em silêncio, e eu sigo o seu olhar até à neblina iluminada pelo sol que paira sobre nós. Inspiramos profundamente ao mesmo tempo, e não sei se é a beleza deste lugar ou as suas palavras, ou os iões

negativos, mas sinto algo percorrer-me que não sentia há muito tempo. É a sedução de outra pessoa, do Colton, avassaladora na sua subtilidade mas sob tudo o resto.

— Obrigada — exclamo de súbito. — Obrigada por me treres trazido a este lugar.

Um sorriso vagaroso espalha-se pelo seu rosto, e ele encolhe os ombros. — Pensei que, se a única coisa que ia ter contigo era um dia, então o melhor era fazer dele um bom dia.

Baixo os olhos para as minhas mãos pousadas no remo sobre o meu peito. — E fizeste. — Olho novamente para o Colton. — Na verdade, é o melhor dia que já tive nos últimos tempos.

Ele acena, ainda com aquele sorriso. — Para mim também... não fazes ideia. Mas não o subestimemos, ainda não chegou ao fim.

Ficamos ali sentados nem sei quanto tempo, respirando aquele ar e conversando, e observando a luz e a água à medida que a gruta se enche e se esvazia, até que a maré começa a subir e temos de sair dali para fora.

O sentimento surreal de euforia que experimentámos na gruta permanece connosco mesmo depois de a corrente nos trazer de volta para a súbita luz do dia. Ela persiste no ar salgado que nos rodeia enquanto remamos para terra e estendemos as nossas toalhas na praia coberta de seixos. E instala-se entre nós os dois quando ele me fala de todos os outros lugares que planeia visitar este verão, lugares onde não vai há muito tempo; e a sinceridade da sua voz faz-me querer ir já com ele.

Não pergunto por que razão ele não vai há muito tempo a esses lugares de que gosta tanto. Já sei a resposta. Em vez disso, deixo-me ir com ele em pensamento a cada um dos sítios que descreve: uma gruta na ponta dum rochedo incrivelmente alto, onde podemos ficar sentados com os pés pendurados sobre o recife e sentir os salpicos da espuma a bater-nos no peito. Uma praia onde a água é tão límpida que podemos remar para o largo e ver até vinte metros de profundidade, onde o fundo está coberto por colónias de

equinodermes roxos. A sua enseada preferida, onde podemos observar uma cascata que cai de um rochedo sobre a areia, a água doce misturando-se com o sal das ondas que varrem a praia. Ele usa a palavra *nós* com tanta facilidade, como um dado adquirido de que eu já estou incluída nos seus planos para além deste dia. E uma parte de mim quer acreditar que é possível.

Enquanto estou ali deitada ao sol, com o calor deste a percorrer-me o corpo de biquíni, a verdade insinua-se lentamente, trazendo consigo uma onda de culpa tão forte que me faz arder os olhos. Abro os e olho para o Colton deitado de costas, os olhos fechados e de cara para o sol, enquanto descreve outro lugar mágico de memória, e de repente sinto que já não é possível.

Ele ainda tem vestida a blusa térmica, o que, noutras circunstâncias, podia não ter significado. Contudo, sei o que está por baixo dela. Sei porque vi numa foto do Colton que a Shelby publicou, ele de peito nu, após a cirurgia. Eu quase não consegui suportar o olhar; embora ao mesmo tempo fosse impossível não observar a cicatriz de um vermelho-vivo que lhe percorria o meio. A cicatriz do lugar onde lhe abriram o peito para retirarem o coração doente e porem um forte, que lhe salvasse a vida. A cicatriz que até este momento eu não tinha pensado que também teria o peito do Trent quando o enterraram.

Engulo as lágrimas e a sensação terrível e assustadora de que o tenho enganado de milhentas maneiras ao estar aqui com o Colton, e ao sentir-me como me senti na água: forte e livre e... feliz. Parece errado, por tantas razões, eu ter-me sentido feliz nesses momentos. Feliz com outra pessoa, que é muito mais que apenas uma outra pessoa.

— Então o que achas? — pergunta o Colton, abrindo os olhos e encarando-me de frente, a preocupação varrendo o sorriso do seu rosto. — Hum. Estás bem? — Senta-se, estende uma mão como se fosse pousá-la no meu ombro, depois volta a afastá-la, o sobrolho franzido de preocupação. — Eu fiz... O que se passa?

Sento-me rapidamente, limpando as lágrimas sob as pestanas

inferiores. — Desculpa. Eu estou bem. Não sei o que aconteceu, eu só... — Não posso dar uma explicação minimamente plausível, por isso nem tento. — Não é nada.

O Colton olha para mim por um instante, os seus olhos percorrem-me o rosto, em busca do que eu não quero contar-lhe, e tenho a certeza de que ele consegue ver isso. Mas então toca-me na cara sem uma palavra, e desta vez não afasta a mão. Com uma carícia suave como uma pena, limpa-me uma lágrima, e a sensação do seu toque faz-me desejar que ele mantenha a mão assim. Olho para a distância, para o oceano cintilante, porque não sei o que fazer com o turbilhão louco de emoções que ele fez despertar em mim.

— Devíamos ir nadar — diz o Colton. Agarra a minha mão, desta vez intencionalmente, e puxa-me suavemente para me levantar.

— O que...

— A água salgada — diz, levando-me para a beira-mar — cura muitas coisas.

Fungo e enxugo os olhos com a mão livre enquanto os meus pés o seguem. — O que queres dizer?

O Colton volta-se e olha-me a direito com aqueles seus olhos. — É uma frase que o meu pai costumava dizer sempre a mim e à minha irmã... uma daquelas coisas que passamos a infância a ouvir tantas vezes que deixamos de lhe dar importância. Até mais tarde, quando faz sentido.

— Acreditas nisso? — pergunto, pensando que, na verdade, a água salgada não curou o coração dele.

Ele olha para mim como se fosse uma pergunta idiota. — Sim. Faz bem à alma.

Uma onda pequena rebenta sobre os seixos aos nossos pés, e o frio da água faz-me arrepiar as pernas.

— Vamos lá — diz ele com um sorriso. — É mais fácil se não pensares que está fria. Mergulha e pronto.

Mal acabou de dizer estas palavras, solta a minha mão, dá dois passos de corrida e mergulha sob a onda seguinte. Vem à superfície com uma exclamação sonora, sorrindo e sacudindo a água do cabelo,

e ao vê-lo nesse momento, emoldurado pelo oceano e pelo sol e pelo céu, torno a ter aquela sensação. O evidente instinto de possibilidade. E sigo-o. Mergulho sem pensar em mais nada.

Nadamos durante nem sei quanto tempo, alternadamente furando as ondas e tentando apanhá-las. Estar na água faz-me afastar os pensamentos, voltar ao momento em que a sensação de culpa não consegue agarrar-me. Nem mesmo quando uma onda me impele contra o Colton e *ele* o faz. Agarra-me com um braço e depois o outro antes que nenhum de nós tome consciência disso, e ficamos de olhos nos olhos dentro de água, tão próximos que consigo ver as pequeninas gotas no seu rosto. Fico sem fôlego, com o pensamento que me ocorre.

E se passássemos mais que um dia juntos?

«Todos os corações cantam uma canção, incompleta, até que um outro coração responda.»

Platão

CAPÍTULO DOZE

NA ALTURA EM que subimos as escadas de volta ao sítio onde temos os carros estacionados, o sol já está baixo, derramando um feixe dourado desde a areia molhada e brilhante até ao horizonte. Sinto a picada do sal e de queimadura na pele ao esticar-me para ajudar o Colton a carregar o caiaque para o porta-bagagens no tejadilho da carrinha. Ele amarra-o bem com as correias, arruma os remos na bagageira traseira e fecha a porta, mas depois não faz um movimento para ir a lado nenhum. Em vez disso encosta-se à parte lateral da carrinha, e eu faço o mesmo. Ficamos ali assim, a ver o sol sobre a água e deixando o calor do metal penetrar nas nossas costas. Pergunto a mim mesma se ele estará a pensar no mesmo que eu — que, apesar do nosso acordo de manter as coisas como estavam, temos a sensação de que partilhámos algo mais que um dia.

— Sabes — diz o Colton, observando o sol baixando cada vez mais —, tecnicamente, o dia ainda não acabou. — Volta-se para mim, de novo com aquele olhar de esperança. — Tens fome? Conheço um sítio onde têm uns tacos ótimos. Podíamos ir comer, e depois talvez... — Detém-se ao ver-me abanar a cabeça.

— Não posso. É domingo.

— Não comes tacos aos domingos?

Consigo, a custo, olhá-lo de frente. — Não. Só às terças-feiras.

Rimos os dois, porém o riso rapidamente se desfaz porque ambos sabemos o que se segue.

— Gostava mesmo de poder ficar — digo delicadamente. E com sinceridade. — Mas o domingo é o dia do jantar de família, e a minha mãe fica um bocado preocupada se eu não estiver lá.

— Bem sei como isso é — afirma o Colton, tentando mas não conseguindo evitar um tom de voz desapontado. — Não podemos falhar essas coisas. A família é importante.

Quando olho para ele, dirige-me um sorriso que me faz imaginar, por um brevíssimo momento, na hipótese de o convidar. Mas a seguir imagino tudo o que viria atrás disso: as apresentações, e as perguntas, e ele sentado no lugar da mesa onde o Trent costumava sentar-se, e...

Tenho de me ir embora agora.

— Muito obrigada pelo dia de hoje — digo, procurando um tom suave, porém, ele sai abruptamente. — Foi mesmo muito bom. Tudo.

O sorriso do Colton desvanece-se um pouquinho. — Não tens de quê.

Desencosto-me da carrinha e endireito-me. — Tenho mesmo de ir.

— Espera! — exclama o Colton de súbito. Tal como eu fiz ontem, tal como se ele não conseguisse evitar, como eu não consegui.

A sua expressão é agora séria. — Escuta — diz. — Bem sei que eu tinha dito que era só um dia, mas isso foi... eu não estava a ser completamente sincero. E sei que, se te deixar entrar no carro e te fores outra vez embora sem te dizer a verdade, vou sentir remorsos até chegar a casa.

Fico paralisada ao ouvir as palavras *sincero* e *verdade*.

Ele olha um instante para o chão, depois para mim. — Seja como for. Prometo que não voltarei a aparecer à tua porta de surpresa, mas se em qualquer altura decidires querer passar outro dia comigo, um dia qualquer, dias não me faltam, e... e gostei muito deste.

— Eu também — respondo, e é tudo o que digo, porque as suas palavras, e a maneira como está a olhar para mim, causam-me alfinetadas de calor por todo o corpo. — Mais uma vez obrigada.

Ele baixa a cabeça, resignado, como se fosse a resposta que já esperava. — Então está bem, Quinn Sullivan. Foi um prazer passar o dia contigo. — O seu tom de voz é agora mais formal.

— Para mim também. — Sorrio. Recuo uns passos, em direção ao meu carro. O coração bate com toda a força.

— Conduz com cuidado até casa — diz o Colton.

— Sim. E tu também.

— Fica descansada.

Podíamos continuar assim para sempre, encontrando pequenas coisas insignificantes para dizer de maneira a adiar o inevitável, porque na verdade nenhum de nós o deseja. Mas estamos ambos junto das portas dos nossos respectivos carros, as mãos nos manípulos, como se a opção já tivesse sido feita.

Estou em bicos dos pés para conseguir vê-lo por cima do tejadilho do meu carro, querendo mais um último momento. — Boa noite, Colton — digo.

Ele esboça um pequeno sorriso e um aceno rápido. — Boa noite. — Depois entra na carrinha, fecha a porta e liga o motor.

Eu também entro no meu carro, ponho a chave na ignição mas não lhe dou a volta. Observo o Colton a dar uma última olhadela ao espelho retrovisor, depois solta o travão e acena um adeus com a mão fora da janela e põe-se em marcha.

Fico ali sentada no silêncio da penumbra do anoitecer até já não conseguir ver ou ouvir a carrinha, e depois penso nas palavras que tantas vezes repeti mentalmente.

Volta.

Palavras que eram uma súplica ao Trent.

Volta.

Palavras que eu sabia pedirem o impossível.

— Volta.

Desta vez murmuro-as para o sol que baixa sobre o oceano, para a maré que leva os momentos que o Colton e eu partilhámos no mar. Para o Colton Thomas.

«O coração é um músculo forte e resistente. Em firmeza, tensão, força e resistência, as fibras do coração ultrapassam todas as outras, pois nenhuma outra ferramenta executa um trabalho tão duro como o coração... expandindo-se quando deseja atrair o que é útil, apertando o seu conteúdo quando é altura de apreciar o que foi atraído, e contraindo-se quando deseja expelir resíduos.»

Galeno, médico do século II, *Da Utilidade das Partes do Corpo*

CAPÍTULO TREZE

O carro da Ryan à porta é a primeira coisa em que reparo ao chegar a casa. Momentaneamente, fico preocupada com receio de que tenha acontecido algo ao meu pai outra vez, porém depois ele surge da esquina com a mangueira na mão. Saio do carro, aliviada mas confusa.

— Ora aqui está a minha menina — exclama o meu pai, enrolando a mangueira enquanto eu me dirijo à entrada principal. Detém-se por um instante. — Estás radiosa... ou então com um belo bronzeado.

Olho para os meus braços muito vermelhos. — Perdi a noção do tempo. O que é que...

— Passaste um bom dia de praia?

A culpa pela meia-verdade do meu bilhete ecoa-me no peito, e tento não a agravar acrescentando mais coisas. — Sim! — A minha voz sai num tom mais alto do que tencionava, mas ele parece não reparar.

— Ainda bem. — Sorri e estende um braço para mim quando me aproximo. — É bom ver-te sair e divertires-te — acrescenta, puxando-me para um abraço. Dá-me um beijo no alto da cabeça; depois os seus olhos fixam-se no meu lábio. — Trataste de tudo com o condutor do outro carro?

Olho para a areia que ainda tenho no dorso dos pés. — Tratei, sim. Ele foi muito simpático. Disse que o carro dele não ficou danificado e não precisávamos de telefonar para a companhia de seguros nem fazer nada, portanto está tudo bem.

O meu pai olha para mim com desconfiança. — E ficaste com uma declaração escrita? Porque as pessoas dizem essas coisas, e depois voltam costas e levantam um processo.

Abano a cabeça. — Ele não era desses. É apenas um rapaz que mora lá ao pé da praia, e de qualquer modo a carrinha já estava um bocado maltratada. Não teve mesmo importância.

O meu pai ergue uma sobrancelha sem se preocupar em disfarçar um sorriso. — Um rapaz que mora lá ao pé da praia, hein? Giro?

— Não — respondo imediatamente. — Nada disso.

— Oh! Então é feio?

Dou-lhe uma palmadinha no ombro. — Não. Não é... Mas afinal, o que é que a Ryan está a fazer cá em casa? Pensava que ela estaria num avião a caminho da Europa.

— Eu reparei na tua reação. Não temos de falar sobre o tal rapaz que mora ao pé da praia. — Pisca-me o olho. — Quanto à tua irmã, não sei o que se passa com ela. Chegou há um bocadinho. Não falou muito.

— Eles acabaram.

— Acho que sim — respondeu, acenando com a cabeça.

— Este ainda pode vir a ser um longo verão — digo eu, olhando para a casa.

— Pois pode.

Qualquer pessoa que conheça bem a minha irmã compreenderia. Contudo, a maior parte delas não a conhece realmente; conhecem a versão que ela *quer* que conheçam. É o tipo de rapariga para quem toda a gente olha quando entra numa sala, e que entra numa sala como se toda a gente *devesse* olhar para ela. No seu melhor, ela é a alma da festa. O género de pessoa que consegue ganhar a todos com o seu espírito e a sua graça natural. Mas no seu pior, como provavelmente estará agora se o rompimento foi a razão por que não está numa viagem para a Europa que demorou dois anos a planear e para a qual andou a poupar, ela tem a capacidade de estragar a festa. Já vi isso acontecer. Imensas vezes.

Respiro fundo e endireito as costas. — Obrigada pelo aviso.

O meu pai ri-se. — Vai cumprimentá-la, vai ficar satisfeita por te ver. — Dirijo-me à porta, e ele fica com aquele sorriso maroto. — Mas não fales da argola do nariz... nem do cabelo.

— *O quê?*

— Já vais ver.

— Ih, Ryan, o teu cabelo...

A minha irmã para de picar a verdura e levanta a mão que segura a faca. — Nem te atrevas — avisa. Fico parada com a boca aberta de espanto porque aquele cabelo ondulado a cair pelas costas que ela sempre usou foi cortado de modo angular e assimétrico, de um lado até à altura do queixo, do outro rapado até atrás. Um penteado completamente descontinuado. Acentuado por um bindi em forma de diamante na narina direita.

Ela tenta manter uma expressão séria, mas um sorriso desponta num canto da boca e depois já não consegue contê-lo. — Estou a brincar! — Mostra o seu sorriso radioso, aquele que consegue dos outros tudo o que quer, e pousa a faca, afagando a nuca e o pescoço como se fosse uma sensação ainda nova. — Gostas?

— *Gosto* — respondo, fazendo um esforço para a acompanhar no seu entusiasmo, o que é impossível. Tenho o olhar fixo nela. Sei que tenho, contudo não consigo evitar. — Só que é tão... diferente — acrescento —, mas fica-te muito bem.

Estou a ser sincera, fica mesmo. O penteado deixa ver a curva graciosa do seu pescoço, e o bindi minúsculo salienta na perfeição o seu nariz pequeno e bem feito. Ela está simultaneamente bonita e selvagem, o que julgo ser o objetivo.

— Obrigada — diz, aproximando-se e puxando-me para um abraço apertado nos seus braços magros. Cheira ao manjerição fresco que estava a picar, e à mesma *eau de toilette* da Body Shop que usava e que eu costumava surripiar-lhe desde que me lembro, e isso deixa-me bem-disposta. Pelo menos ainda tem o mesmo cheiro. — Bem sei que é um estereótipo dizer isto, mas *adoro* o meu penteado. Já era altura de mudar.

— Então tu e o Ethan... Desculpa...

— Não peças desculpa — diz ela, soltando-me do calor do seu abraço apertado. — Para ele eu era do tipo «uma rapariga de sonho», e tive a certeza absoluta de que não iria segui-lo pela Europa fazendo tudo para que ele se sentisse feliz com a vida.

— Eras o quê? — pergunto. É difícil imaginá-la a seguir alguém ou a ser diferente daquilo que ela quer ser.

— A sua rapariga de sonho — repete, encolhendo os ombros estreitos. — É aquela figura de retórica totalmente sexista sobre a mulher, que estudámos este semestre na cadeira de Estudos sobre as Mulheres, e que me abriu bem os olhos para o facto de que durante todo este tempo tenho sido precisamente isso para o Ethan. Na verdade, acho que tenho sido assim para todos os meus namorados. — Volta-se outra vez para a tábua sobre a bancada e recomeça a picar o manjerição. Como que em represália.

— Tens sido *o quê*? — Não tenho bem a certeza do que é uma figura de retórica, mas ela parece irritada com aquela ideia.

Suspira, como se eu estivesse a pôr um bocadinho à prova a sua paciência. Ou como se eu ainda tivesse muitas coisas para aprender. — É só um conceito de rapariga... sabes, aquela rapariga gira e excêntrica que aparece de repente e mostra a um tipo sensível e um bocadinho chato como viver e apreciar a vida? Esse tipo de rapariga.

Pela maneira como fala posso dizer que ela acha que isso é algo negativo, portanto evito apontar-lhe a ironia de que neste preciso momento, a picar raivosamente o manjerição, com o seu novo penteado e o pequeno bindi na narina, e botas à militar e pequenos adereços, ela parece um bocadinho maníaca e um bocadinho utópica.

— Para ele eu correspondia apenas a esse *conceito* — prossegue, agitando a faca enquanto fala —, e agora já não sou. — Inclina a tábua sobre o bordo duma tigela grande e usa o gume da faca para raspar o manjerição pulverizado para a salada de tomate. — É melhor assim.

Estendo o braço para a tigela e arrisco-me a ficar sem um dedo ao tirar um tomate *cherry*. — Mas então e a tua viagem? Gastaste todo o

dinheiro que ganhaste a servir às mesas?

— Provavelmente não terei para um bilhete de avião, o que é uma chatice, mas quanto ao resto iam ser só albergues da juventude e lugares baratos que encontrássemos ao chegar. Ainda tenho bastante. — Faz uma pausa. — Hei de descobrir outro sítio aonde ir sozinha. Talvez Marrocos. Vou nadar nas águas turquesa e deslocar-me de autocarro de cidade para cidade com os habitantes locais, e comprar bijutérias baratas em mercados ao ar livre, e embriagar-me com estranhas bebidas desconhecidas, e beijar rapazes bonitos que falem inglês e queiram agradar-me a *mim*. — Roda o moinho da pimenta sobre a tigela. — Ou isso ou então concorro a um ano de estudo no estrangeiro naquela escola de arte para onde queria ir, em Itália.

— E quanto levas por arrastares uma velhota contigo? Para um sítio ou outro? — pergunta a avó à entrada da cozinha. Pergunto a mim mesma, principalmente por causa da Ryan, há quanto tempo é que ela ali estaria.

— Avóóó! — grita a minha irmã, e precipita-se para ela, dando-lhe o mesmo abraço apertado que me deu a mim poucos minutos antes.

Ao vê-las, apercebo-me daquilo que toda a gente sempre disse. São iguaizinhas, só que separadas por sessenta anos. É um atributo de que não duvido, uma autoconfiança no modo como agem, tão naturalmente. Mas que deve ter saltado nos genes da família, porque a minha mãe não a tem, nem eu.

A avó recua do abraço e observa a nova encarnação da Ryan afastando-a um pouco.

— Diz sinceramente, avó. O que achas? — pergunta a Ryan. Endireita o peito pequeno, com uma expressão satisfeita, e até um pouco orgulhosa por estar a ser julgada.

A avó mira-a de cima a baixo mais uma vez. — Audaciosa. Eu gosto. Exceto dessa coisinha no nariz. Parece que precisas de te assoar.

Se alguma outra pessoa no mundo tivesse dito isso à minha irmã, teriam conhecido a sua ira. Mas como foi a avó, a Ryan solta uma

gargalhada que enche a cozinha e é impossível não ser contagiada.

A avó volta-se e contorna a bancada dirigindo-se então a mim, e pousa na minha cara uma mão ligeiramente áspera devido à jardinagem. — E tu, minha querida? Estou a ver que também estás com um aspeto diferente.

Desço o olhar para a minha roupa de praia e para as sandálias, e sinto-me um tanto orgulhosa ao dizê-lo. — Fui à praia.

— Para o engate? — pergunta ela.

Digo que não com a cabeça.

— Pois, mas fica-te bem — afirma, movendo a mão em círculo à minha frente e apontando depois para os meus dedos dos pés ainda com areia. — Isto. O sol, e a areia, e o mar.

— Obrigada — agradeço com algum nervosismo. Diversamente da Ryan, eu *não* me sinto confortável ao ser observada assim de tão perto. Se calhar porque é o que toda a gente tem feito comigo desde a morte do Trent. E porque agora parece que a avó consegue ver através da minha pela bronzada. — Fui andar de caiaque — acrescento. — Tive uma aula.

O que estou eu a dizer?

— *A sério?* — A Ryan ergue o sobrolho ao entregar-me uma espiga de milho.

Ponho-me a descascar a espiga, desejando não ter feito aquela confissão involuntária.

— Mas isso é uma *grande* vitória, minha querida — exclama a avó, empregando um tom muito mais delicado comigo do que faz com a minha irmã. Como se eu *fosse* mais delicada do que ela. Faz-me uma festinha na cara. — Se te divertiste, devias continuar. Ir para o mar e viver ao sol, e nadar, e *beber* aquele ar puro. É o que eu sempre digo.

— Isso é do Emerson, avó. Estava escrito no cartão de parabéns que te mandei pelo teu aniversário no mês passado — diz a Ryan, enquanto tempera com azeite a salada *caprese*. Só ela é que poderia chamar a atenção à minha avó.

— Grandes mentes, então, a do Emerson e a minha — diz a avó. Abre o frigorífico e tira uma garrafa de vinho branco, voltando-se para

mim. — Seja como for, meu amor, estou feliz por te ver a fazer isso. Acho que merece realmente uma comemoração. — Com o abrecápsulas, destapa a garrafa com um leve estalido que acompanha a última palavra. A seguir tira um copo do armário e enche-o muito para além do que a maioria das pessoas acharia aceitável.

A Ryan ri-se.

— O que foi? Não vale a pena ter de o encher outra vez daqui a cinco minutos — afirma com uma piscadela de olho. — Já sou velha. Já conquistei o direito de me sentar e apreciar um copo de vinho com as minhas duas lindas netas.

É só o convite de que a Ryan precisava. Vai buscar mais dois copos e enche o seu, acabando a garrafa. Olho para ela, o que faz a avó rir.

— O que é? — pergunta a Ryan. — Ao fim e ao cabo, é o que eu estaria agora a fazer na Europa.

A avó ergue o copo e toca com ele no da Ryan. Eu vou ao frigorífico buscar uma garrafa de água mineral e encho o meu copo.

— A novos começos — diz a minha irmã, e eleva o copo na minha direção, dando-me a nítida impressão de que não está apenas a falar dela.

— A novos começos — repete a avó.

Sou percorrida por um ligeiro sentimento de culpa, e não consigo dizer as palavras; mas consigo levantar o copo, e entre o suave tilintar de cristal que ele produz ao bater no dela e a luz do fim de tarde descendo pela janela da cozinha, há algo de consolo e de esperança naquelas palavras. Bebo um pequeno gole antes de pousar o copo.

A avó dá-me uma palmadinha no rabo. — Agora vai lavar-te para o jantar. Não quero arranjar problemas com a tua mãe. Ela já me culpa pela maneira como esta aqui se modificou.

A Ryan limita-se a sorrir e toma mais um gole do seu vinho como se tal já fosse habitual nela.

— Ótimo — exclamo, tentando parecer zangada, contudo elas põem-me feliz, quando se juntam. — Mas afinal onde está a mãe?

— Ela deixou-me aqui e foi àquele mercado *hipster* de produtos biológicos para pagar três vezes mais do que pagaria no supermercado por carne saudável, saborosa, macia, de animais alimentados no pasto e suficiente para todos nós.

A Ryan e eu trocamos um olhar. A avó disse *hipster*.

— Mercados *hipster* modernos — diz a Ryan com um sorriso trocista enquanto põe a salada no frigorífico.

— Uma roubalheira — concorda a avó.

Acabo de debulhar a maçaroca de milho, coloco-a numa travessa, e olho em volta à procura de mais alguma tarefa para o jantar que me permita continuar na cozinha com elas as duas, porque me apercebo neste momento de quanto amo a minha avó, e de como tenho sentido a falta da minha irmã. Ter a Ryan de volta é como se a casa recuperasse um nível de energia completamente diferente.

— Vai lá. — A avó enxota-me. — Preciso de falar com a tua irmã sobre a libertação daquela irritante figura de retórica. — Dá-me mais uma palmada no rabo, e eu volto-me e dirijo-me às escadas, sabendo que ela quer uns momentos a sós com a Ryan.

Dada a presunção de ambas, sei exatamente como as coisas vão correr. A avó vai querer certificar-se de que a Ryan está realmente bem, e vai forçá-la a ser sincera. A Ryan vai acabar por ficar zangada com a avó se for preciso, e depois vão voltar a formar a sua poderosa frente em conjunto. Tem sido sempre assim desde que o avô morreu, quando eu tinha sete anos e a Ryan nove.

Nunca nenhuma de nós tinha visto a avó tão completamente transtornada, já para não dizer paralisada e calada. Ela estava, e continua a estar, sempre em movimento, sempre atarefada, sempre a fazer *alguma coisa*. Porém, quando o meu avô morreu, ela simplesmente parou. Na altura eu não compreendi, mas agora já conheço esse sentimento há demasiado tempo.

Quando isso aconteceu à avó, eu evitava aproximar-me de qualquer quarto em que a avó estivesse, enquanto a mãe cuidava continuamente de detalhes necessários. Mas algumas semanas mais tarde, um dia a Ryan foi direita à avó quando ela estava sentada na

cadeira de onde aparentemente não tinha saído desde o funeral. A Ryan pôs as mãos nas ancas e deu uma ordem à avó. — Levanta-te.

De alguma forma, essas palavras arrancaram a avó da sua paralisia causada pelo desgosto, e desde então elas as duas têm tido esta compreensão e esta dureza uma com a outra que eu desejava que também usassem comigo. Em vez disso, quando o Trent morreu toda a gente andava em bicos dos pés, e mimavam-me, e agiam como se eu fosse feita de cristal. Contudo, não precisavam de se preocupar com o facto de poderem quebrar-me. Eu já estava espalhada pelo chão, desfeita em estilhaços minúsculos, daqueles que escapam à limpeza e surgem nem se sabe de onde, pequeninas coisas invisíveis que nos surpreendem quando menos esperamos.

Subo cautelosamente os primeiros degraus, na esperança de apanhar algumas das palavras entre a Ryan e a avó, mas as suas vozes são agora sussurradas, por isso desisto e vou para a casa de banho tomar um duche. Com a porta fechada e o chuveiro ligado, tiro o vestido de praia pela cabeça e fico de biquíni, e olho-me ao espelho já embaciado em toda à volta. Procuo aquilo que a minha avó mencionou, e chego a pensar que consigo vê-lo: algo diferente, cortesia do ar puro, e do oceano, e... e talvez também do Colton Thomas.

O meu cabelo escuro cai ondulado e despenteado sobre os ombros e sobre o peito, uns e outro com uma vermelhidão intensa que sei que amanhã se transformará em bronzeado. Aproximo-me mais e consigo ver que me apareceram umas pequeninas sardas nas bochechas e no nariz. Sorrio para o meu reflexo antes de ele desaparecer atrás de torvelinhos de vapor. Tive um dia bom. Pela primeira vez desde há muito, tive realmente um dia bom, e é por isso que esta noite não me apetece lavá-lo de mim. Gosto da sensação do sal e da areia na minha pele, que não me deixam esquecer que existe todo um mundo que está vivo e que continua a acontecer lá fora.

E que hoje voltei a fazer parte dele.

«A mão não pode executar algo superior ao que o coração pode inspirar.»

Ralph Waldo Emerson

CAPÍTULO CATORZE

— **ENTÃO QUE** TAL essa aula de caiaque que tiveste hoje? — pergunta a Ryan alegremente ao passar-me uma travessa cheia de maçarocas de milho embrulhadas em papel de alumínio. Sinto que a mãe apura o ouvido, e dardejo a Ryan com o olhar.

— *Então?* — pergunta ela inocentemente. Mas há uma leve cintilação nos seus olhos que me incita a responder. — Acho fantástico teres feito isso.

Mas tu não queres falar acerca do Ethan nem da tua viagem ou do motivo por que estás aqui agora — penso.

— Afinal o que foi isso? — pergunta a mãe, como se não tivesse ouvido bem a Ryan. — Tiveste hoje uma aula de *caiaque*? — Olha para mim, confusa. E com razão. Isto é algo que *não* tem a ver comigo. — Foi consigo? — pergunta ela à avó, encarando-a. — Uma ação da Red Hat? — A avó abana a cabeça. E a mãe torna a olhar para mim, ainda mais confusa. — Com quem foste?

Passo-lhe a travessa de milho e pego na de bifes do mercado bilógico que a Ryan me estende, e tento falar num tom indiferente. — Fui apenas eu, sozinha. Ontem a avó e eu falámos acerca de fazer qualquer coisa do género, por isso hoje... fiz mesmo. Por capricho — acrescento, tentando dizer isso da mesma maneira que a Ryan diria: com determinação e confiança suficientes para que ninguém questione, apesar de andar de caiaque não ser algo por que eu alguma vez me tenha interessado. Jamais. A mãe costumava captar todos esses pormenores, mas desde o susto com o AVC do pai tem estado um pouco menos astuta no que se refere a esse tipo de coisas.

Ou isto resulta ou é uma história que todos anseiam por conhecer

melhor, porque a seguir vem uma série de perguntas, como se eu tivesse regressado duma viagem de circum-navegação do mundo e não duma aula de caiaque junto à costa. Todos falam uns por cima dos outros, enquanto vão passando a comida e se servem. Todos com exceção da avó, que permanece sentada com um sorrisinho irónico a observar o interrogatório.

Pai: — E divertiste-te?

Mãe: — Não molhaste os pontos do lábio, pois não?

Ryan: — O teu instrutor era um rapaz?

Pai: — Foste para onde?

Mãe: — Podias ter arranjado uma infeção.

Ryan: — Ele era giro? Solteiro?

— Uau! — exclamo, quando todos terminaram as perguntas. — Foi apenas uma aula de caiaque. — A minha voz sai irritada, e sei que é porque estou furiosa comigo mesma por me alongar na verdade e omitir um pormenor muito importante desta história. Porque é que eu tinha de dizer *fosse o que fosse*?

A mãe alisa o guardanapo no colo. — Desculpa, querida. Acho que estamos simplesmente satisfeitos por saber que passaste um dia agradável. É estimulante — acrescenta com um sorriso e levantando ligeiramente os ombros. Sei que ela tem razão, e sinto-me mal pelo facto de eu me ter arranjado e saído de casa ser considerado um motivo para comemoração.

— Parece que foi uma grande coisa — comento, mais para o meu prato que para ela, como se não soubesse que eles me observam todos os dias para verem se finalmente chegou a altura de eu retomar a minha vida.

A avó intervém. — O que a tua mãe está a tentar dizer, pondo de lado todos os disparates, é que nos sentimos felizes por te vermos começar a...

— Seguir em frente? — termino, com a sua expressão favorita.

— Exatamente — responde ela, pousando o garfo. — Pois então, a *minha* pergunta para ti, Quinn, agora que já todos acabaram, é se fizeste planos para ires outra vez. Acho que devias, se sabes o que é

bom para ti. Eu já sou demasiado velha para saber. Aproveita o ardor da juventude.

— Ou o do instrutor de caiaque — acrescenta a Ryan, entredentes.

— *Ryan!* — admoesta a mãe.

— Não sei — encolho os ombros. — Ainda não fiz planos concretos. — Faço uma pausa, e por um instante ponho-me a imaginar aparecer em frente da loja do Colton, entrar, e dizer-lhe que gostava de passar mais um dia. Com ele. — Talvez — adianto, e dizê-lo em voz alta deixa-me nervosa.

— Ora, não me venhas com essa conversa — diz a avó. Com afetação e o dedo mindinho levantado, bebe um gole do seu copo de vinho e inclina a cabeça ao engolir. — Faz isso amanhã, ou nunca mais farás.

A mãe olha para o pai com uma expressão de quem diz que já teve de aturar estas coisas à sua mãe, mas eu gosto. É como se a avó estivesse a pensar que eu estou finalmente em condições de lidar com um grande amor.

— A avó tem razão — diz a Ryan. — Por que razão não havias de ir?

Por que razão não havias de ir?

Oiço o Colton a dizer essas mesmas palavras no café, e penso em tantas razões pelas quais não *deveria* mesmo ir. Mas elas estão a esmorecer, especialmente com as reações da minha família.

— O que achas? — pergunta a mãe. — Porque não experimentas mais uma vez? Amanhã vamos estar todos ocupados, e seria melhor do que ficares aqui sozinha na casa vazia, a passares horas ao computador à procura do...

À procura do recetor daquele coração.

Todos ficam um momento em silêncio, e pergunto a mim mesma o que eles pensariam se realmente soubessem. Se soubessem para o que estão a encorajar-me a fazer.

— Para mim será um grande gosto — diz o pai. Levanta a cerveja como se estivéssemos a fazer um brinde.

Olho por um momento para a minha família, para toda a esperança

que vejo nos seus rostos. Como se isto fosse a última coisa que faltasse para que eu finalmente me decida. E não consigo dizer que não.

— Está bem, está bem, eu vou outra vez — declaro, num tom aparentemente mais seguro do que eu própria me sinto. Não tenho a certeza se realmente tenciono ir de novo andar de caiaque, ou voltar a ver o Colton para o fazer, contudo posso ir até Shelter Cove e passar o dia na praia e voltar deixando-os pensar que tive mais uma aula, se isso os faz felizes.

— Amanhã? — pergunta a avó. Olha para mim erguendo uma sobancelha, insinuando que é essa a resposta que pretende.

— Amanhã.

— Então está decidido — afirma com uma autoridade que ninguém questiona.

E então, todos retomamos o jantar enquanto a escuridão se acentua cada vez mais em redor do alpendre das traseiras, onde nos encontramos. Grilos cantam, e todas as velas da mãe tremulam e dançam dentro dos frascos de vidro enquanto a conversa se volta para a Ryan e para os seus planos para o verão, agora que está em casa. Falam sobre o reembolso dos seus bilhetes de avião, da possibilidade de ela passar um ano no estrangeiro na escola de arte que tanto a entusiasma, da segurança de viajar sozinha em Marrocos. Do próximo *check-up* do pai. Do último problema de saúde da mãe. Da próxima reunião da avó na Red Hat Society.

Eu não digo muito, e eles não parecem reparar, talvez porque desde há muito tenho estado calada, desde o Trent. No entanto, esta noite é diferente. Aqui, com a minha família e todas as suas boas intenções, não desejo poder voltar atrás. Não estou a recordar o passado. Esta noite deixo-me levar para longe, para o oceano e um caiaque, e para a possibilidade de mais um dia com o Colton. Sei que é perigoso, o que estou a fazer, mas penso na maneira como me senti hoje com ele, e a verdade é que quero voltar a sentir o mesmo.

Depois da loiça lavada, da comida arrumada e de a avó ter sido

levada a casa, digo aos meus pais que estou cansada devido à minha grande aventura e deixo-os sentados no alpendre traseiro ao pé da piscina, uma vela bruxuleando suavemente junto dos dois copos de vinho sobre a mesa entre os dois, a noite caindo em volta, amena e azul. Uma vez dentro de casa, detenho-me a olhar para as suas silhuetas através da janela. Estão a inclinar a cabeça em concordância e a conversar, e o meu pai estende o braço sobre a mesa para pousar a mão no braço da mãe. Ela inclina-se para ele e ri-se, e vê-los assim juntos provoca em mim um daqueles momentos que me tocam fundo.

Não consigo recordar-me da última vez que estive assim sentada com o Trent. Não consigo recordar-me da última vez que ele esteve em nossa casa para o jantar de domingo. Ele vinha quase todos os domingos, por isso deve ter sido menos de uma semana antes do dia em que morreu. Mas não consigo lembrar-me. Todas as noites que ele passou connosco à nossa mesa ficaram desfocadas, imprecisas nos seus contornos. Lembro-me do modo fácil com que ele conversava com os meus pais, elogiando a minha mãe pelos seus cozinhados ou oferecendo-se para ajudar o meu pai em qualquer tarefa que ele estivesse a realizar no jardim. Da maneira como ele costumava dizer piadas à avó a propósito das senhoras da Red Hat Society e das suas figuras e de como arreliava a Ryan, como se ela fosse irmã dele. Da maneira como costumávamos ficar lá fora no alpendre até muito depois de todos se terem retirado. Com o braço apoiado nas costas da minha cadeira, a minha cabeça no seu peito, ficávamos sentados a observar as estrelas que apareciam no céu.

Consigo lembrar-me de todas essas coisas. Mas não da última vez que ele esteve em nossa casa para um jantar de domingo.

Neste momento eu daria tudo para poder voltar atrás, nem que fosse por alguns minutos apenas, para poder prestar mais atenção. Gravar no meu coração todos os detalhes dele, e de nós os dois juntos, para que ficassem guardados para sempre. Onde nem o tempo conseguisse apagá-los.

Sinto o corpo pesado ao subir as escadas para o meu quarto, e tudo o que quero é tombar na cama e cair naquele tipo de sono em que consigo sonhar com o Trent; mas hesito ao chegar ao cimo das escadas. A Ryan já está no quarto dela, e oiço o som abafado de música que se escapa por baixo da porta juntamente com uma réstia de luz. De repente o meu quarto parece-me demasiado escuro em contraste. Demasiado silencioso. Quero estar na luz e na energia e na música do quarto da minha irmã, uma desejável diferença da quietude do meu quarto ao longo dos últimos nove meses em que ela esteve fora a estudar.

Bato à porta, hesitante, porque ela costumava sempre obrigar-me a isso. Não tenho a certeza se continuam a vigorar as mesmas regras. A Ryan tem uma aparência nova, como se tivesse mudado para um nível diferente da vida aqui, e acho que isso é verdade depois de ter estado tanto tempo afastada.

— Entra — exclama ela do outro lado da porta.

Abro-a apenas o suficiente para enfiar a cabeça.

— Olá — digo, apercebendo-me de que não tenho uma razão específica para estar ali.

— Olá — ecoa ela, dirigindo-me um olhar divertido. — Entra. O que se passa?

Abro mais a porta mas permaneço à entrada, sentindo-me ainda um bocadinho insegura. — Não sei; eu só... — sorrio. Tento pensar em algo mais para dizer. — Estou satisfeita por estares cá em casa.

— Eu também — diz ela, baixando a música. Observa-me atentamente, até que os seus olhos se detêm nos pontos que tenho no lábio. Franze as sobrancelhas. — Como é que te sentes? De verdade. Não como uma resposta para a mãe, a verdade mesmo.

Bate com a mão na cama junto a ela, e percebo que é exatamente isso que eu esperava quando bati. Entro e fecho a porta até ouvir o seu pequeno clique que me encerra no casulo do quarto da minha irmã.

Quero contar-lhe o que se passou hoje, e falar-lhe do Colton, e da gruta, e da sensação de estar ao largo, no oceano. Da sensação de

estar com ele. Mas sei que, se o fizer, ela vai perguntar-me coisas, demasiadas coisas, e não quero ter de lhe mentir ao responder-lhe.

Não digo nada.

Ela muda-se do meio da cama para um dos lados e afasta uma pilha desordenada de revistas para arranjar um lugar para mim. — Senta-te. Fala.

Sento-me. — Eu estou bem — afirmo. A minha voz não sai convincente, nem mesmo para mim.

— De verdade? — pergunta, perentória. — Ainda tens no quarto fotos de ti e do Trent.

Aí está. Essa abordagem direta que eu dantes desejava que ela usasse para comigo. Devolvo-a. Levanto-me para sair. — O que estiveste a fazer no meu quarto? — Surpreendo-me com o desconforto que isso me causa de repente.

— Espera — diz ela, pondo uma mão firme no meu ombro. — Não fiques zangada... eu só enfiei a cabeça no teu quarto quando cá cheguei, e vi que ainda lá estão, só isso.

Torno a sentar-me na beira da cama, de costas para ela. A cama mexe-se com o seu peso, e os seus braços envolvem-me os ombros. — Lá dentro parece uma cápsula do tempo. Mas muito triste.

Não respondo.

— Talvez... — diz ela delicadamente — talvez seja tempo de...

Lágrimas sobem-me aos olhos, vermelhos e irados, e viro-me de frente para ela. — De quê? De as tirar e fazer de conta que nunca existiram?

— Não — diz ela, agora mais firme que delicada. Estende o braço para pousar uma mão na minha, mas eu retiro-a. — Não era isso que eu queria dizer. — Suspira. — Só que... não ficas triste de todas as vezes que olhas para elas?

Enxugo os olhos, detestando que mesmo após todo este tempo as lágrimas me saltem tão prontamente. — Não são as fotos que me põem triste. — É que, sem elas, todos aqueles pequenos detalhes sobre o Trent começarão a desvanecer-se.

— Eu sei isso. Acredites ou não, Quinn, todos nós gostávamos

muito dele, e ainda sentimos a sua falta. Bem sei que é a um nível completamente diferente do teu, mas acho... — Faz uma pausa, e posso dizer que está a escolher as palavras com todo o cuidado. — Acho que estás a tornar difícil para ti própria conseguires seguir em frente. Estás mesmo. A mãe falou-me de todas as cartas, e dos encontros com os recetores, e que andas à procura do tipo que recebeu o coração. Ela está preocupada com receio de que tenhas ficado obcecada com isso, com essa procura, e parece que... talvez devesses moderar-te um bocadinho.

Mordo a bochecha com força, e sinto os ombros retesarem-se.

Ela move-se agora à minha frente, por isso tenho de a olhar frontalmente. — Encontrares o tipo que ficou com o coração do Trent não vai trazer-to de volta. Nem agir como se também tu tivesses morrido.

A fúria incendeia-me, forte e lancinante. — Achas que eu não sei isso?

Ela não responde, limita-se a comprimir os lábios como se não soubesse o que dizer-me. Como se também eu estivesse agora diferente.

— Eu sei — digo, mais branda, subitamente insegura porque vejo o Colton parado à porta com o girassol na mão. Penso na maneira como foi tão agradável e familiar estar com ele, e de repente isso faz-me questionar os meus próprios sentimentos. Faz-me pensar por que razão me sinto tão atraída por ele.

Baixo os olhos para as mãos que se contorcem no meu colo. — Não estou a tentar trazê-lo de volta. Estava apenas a tentar... — Olho para as revistas espalhadas em cima da cama toda e penso como hei de explicar o que quero dizer, o que realmente tentava fazer ao contactar as pessoas que o Trent ajudou, se bem que já não tenha a certeza de nada. Eu achava que era para encerrar esse capítulo da minha vida. Mas isto, com o Colton, é diferente.

Afasto o pensamento e pego numa fotografia duma praia de areia branca.

— O que é isto tudo? — aponto para a desarrumação em cima da

cama dela, para mudar de assunto. Há páginas rasgadas de revistas: fotos de praias, cidades de aspeto exótico, um jardim japonês, um museu de arte, um lago como um espelho que reflete as montanhas e o céu em volta. Também há palavras recortadas, de diferentes tamanhos e fontes: *produzir, ser audaz, viver livremente...*

— É para um mural que estou a fazer — responde, talvez tão aliviada quanto eu por mudar de assunto.

— Que tipo de mural? — pergunto, enxugando os olhos. — Tem alguma coisa a ver com essa coisa da rapariga de sonho?

A Ryan ri-se. — Não, nada. — Pensa um pouco. — Bem, mais ou menos. É um instrumento de inspiração. Uma maneira de visualizar o que queremos de modo a facilitar focarmo-nos no assunto. — Examina a pilha que já recortou. — Escolhemos imagens ou palavras de coisas que queremos fazer, ou ser, ou ter, ou coisas que nos inspiram, e penduramo-las todas num sítio onde possamos vê-las todos os dias, para que nos lembremos delas e não deixemos de as perseguir.

Fica um momento calada, e tenho a certeza de que é porque está a pensar nas fotos que tenho no meu quarto, as fotos do Trent comigo para as quais olho todos os dias. Imagens de coisas que nunca mais posso ter porque só existem no passado.

— Também aprendeste isso nas tuas aulas de Estudos sobre as Mulheres? — pergunto, não querendo voltar à conversa anterior.

Ela sorri. — Não. Foi com a minha companheira de quarto na residência para estudantes. Ela é muito dessas coisas. Toma — prossegue, entregando-me uma revista com a capa cheia de sol. — Tu devias fazer um. Começa com isto. O que tem a ver com viagens é o mais fácil. Procura a imagem dum lugar bonito onde gostarias de ir e recorta-a.

Ao ouvi-la falar, a primeira coisa de que me lembro é do interior da gruta hoje, com o reflexo da água a dançar em toda a volta. E do Colton sentado do lado oposto ao meu. Quero voltar lá. Duvido que consiga encontrar uma imagem que se aproxime daquela beleza, de qualquer modo pego na revista e a Ryan também se senta com a

dela, e folheamos cada uma a sua sem dizermos mais nada.

Ela tira de cima da mesa-de-cabeceira um copo de gelado com bolacha, come um bocadinho e passa-mo. — Come. Emagreceste muito, e as tartes da mãe, sem glúten e sem açúcar, nem parecem sobremesas.

Eu rio-me. — Meu Deus, tu nem fazes ideia das coisas que temos comido desde que te foste embora — afirmo, escavando com a colher no centro do gelado, onde está a massa de bolacha.

— Pois então trata de comer. — A Ryan sorri. Pega noutra revista. — E depois passa-me o gelado outra vez.

Não consigo lembrar-me da última vez em que estivemos assim as duas sentadas, mas sabe muito bem estar no quarto dela, compartilhando uma colher e um copo de gelado enquanto folheamos revistas. Dá uma sensação de normalidade.

Lanço um olhar furtivo à Ryan, que está descontraidamente ocupada a recortar gravuras e palavras, segura de si, como sempre. Concentrada no seu futuro e não no passado. Nesse preciso momento eu gostaria de tirar uma foto *dela* e pendurá-la como inspiração para agir assim.

Folheio a primeira revista sem objetivo, sem saber bem por onde começar. Para dizer a verdade, não tenho pensado muito no futuro ao longo dos últimos 402 dias. E as coisas que eu costumava ambicionar parecem-me agora tão triviais e distantes. Se me tivesse sentado aqui no quarto da Ryan *antes*, provavelmente teria rasgado imagens de como gostava que fosse o meu vestido para a festa de finalistas, da faculdade que gostaria de ir frequentar com o Trent, do anel que imaginei que ele um dia me ofereceria algures ao fundo da rua, ou da casa que havíamos de ter. Teria feito uma colagem da vida que viveríamos juntos. É o que fazemos quando pensamos que encontrámos o verdadeiro amor.

Ainda não sei o que se faz quando o perdemos. Nunca mais corri, não fui ao baile de finalistas. A mãe e o pai obrigaram-me a ir à cerimónia de entrega de diplomas, mas saí quando começaram a passar *slides* em homenagem a ele. Deixei passar os prazos de

candidatura à universidade e não me importei. Passei a maior parte dos últimos treze meses sozinha e fechada em casa, uma viúva de dezoito anos que no entanto ainda não fez planos ou encarou o futuro, por muito que tenham tentado forçar-me.

Folheio mais revistas, uma após outra, passo palavras que não me dizem nada e imagens que não representam nada do que eu quero, ou mesmo quando penso que é uma possibilidade. Até que me deparo com uma que me detém. Percorro o olhar pela gravura, observo todos os pormenores: água límpida e luz dourada do pôr do sol, areia que parece muito macia, e uma garrafa solitária trazida pelo mar. É o que a garrafa contém que me atrai. No interior do seu vidro transparente encontra-se um coração de vidro vermelho-vivo. A luz do sol passa através dela precisamente num ângulo que faz o coração projetar uma pequena sombra vermelha na areia. Eu nunca tinha visto nada assim. O coração é lindo, e frágil, e está em segurança dentro da garrafa, como os antigos bilhetes que supostamente atravessavam a distância e o tempo, por meio de tempestades e calmarias, até finalmente darem à praia. E depois serem encontrados.

«O coração bate em média oitenta vezes por minuto, o que significa que, num dia, ele bate aproximadamente cem mil vezes. Num ano, terá batido quarenta e dois milhões de vezes, e ao longo da vida perto de três mil milhões de vezes. Durante todo esse tempo, ele está sempre a receber sangue e a expeli-lo para os pulmões e para todo o corpo... Ele não descansa. Não se cansa. É persistente na sua força e no seu objetivo.»

Dr.^a Kathy Magliato, *O Coração Tem Importância: Uma Memória de Uma Cirurgiã de Corações Femininos*

CAPÍTULO QUINZE

— LEVANTA-TE.

Não preciso de abrir os olhos para saber que a Ryan está de pé ao lado da cama. Ela puxa as minhas cobertas para baixo, e eu luto para me tapar outra vez. — Estás doida? Que horas são?

— Seis — diz ela. — Vai ficar calor cedo, por isso levanta-te. Vamos correr.

Olho-a de soslaio, já toda equipada, à luz pálida da manhã. — A sério?

— A sério.

— Não tenho sapatos de corrida — respondo, puxando a roupa.

— Ai não? — A Ryan atravessa o quarto, abre a porta do armário, e sobe para a parte de trás, onde se encontram empilhados todos os ténis que já tive. Os sapatos começam a voar, um após outro, cada um aterrando na alcatifa com um baque surdo.

— Tenho a certeza de que estes servem bem — diz ela. A seguir vai direita à minha cómoda e retira calções, um *top* e um sutiã de desporto. Atira-os para cima da cama. Depois atravessa o quarto, sobe os estores e abre a janela toda, deixando entrar o ar fresco da manhã. Para um momento para o inspirar, depois sorri para mim. — Vamos. Levanta-te... vais sentir-te bem. O pai está à espera. — Seguidamente sai do quarto — o seu modo preferido de encerrar uma discussão.

O pai está à espera? Ele já não corre ainda há mais tempo do que eu. Há mais de 403 dias. O número surge-me mentalmente de forma automática, mas não com o seu peso habitual. Hoje parece diferente porque ontem foi diferente.

Estico os braços acima da cabeça, recuando um pouco ao sentir a dor inesperada nos ombros. E então tudo me vem à ideia: o remar com o Colton, a luz do sol, a água, a mão dele a acenar pela janela quando se foi embora. A sensação de vazio que esse adeus deixou em mim. E depois, mais tarde, a discussão ao jantar com a minha família acerca de voltar lá hoje.

O meu telemóvel vibra em cima da mesa-de-cabeceira, e levanto-me de um salto ao ouvi-lo. Pego-lhe, na esperança de que seja ele e ao mesmo tempo dizendo a mim própria que não tenha essa esperança, que estou a ser ridícula. Mas quando olho para o visor, é uma mensagem dum número que agora reconheço. Fico paralisada. A olhar para ele até que volta a vibrar na minha mão, e então abro-o.

Estive a pensar. Ontem foi um dia ótimo, mas aposto que hoje ainda podia ser melhor. O que achas?

Sorrio, e o meu primeiro pensamento é que já é mesmo.
Mais uma mensagem de texto:

De manhã trabalho na loja, mas talvez possamos ver-nos mais tarde?

Leio as palavras mais uma vez, tentando pensar em como responder.

— *Quinn.* — A Ryan enfia a cabeça pela porta, e eu levanto-me novamente de um salto, sem saber bem o que fazer com o telefone na mão. — O que estás a fazer? Vamos.

Pouso o telemóvel na mesa-de-cabeceira. — Nada. Estava só a desligar o alarme.

— Bem, então vem; levanta-te daí. Estamos à tua espera. — Sei que ela não vai arredar pé enquanto eu não me levantar, por isso obedeço. As respostas às mensagens do Colton vão ter de esperar, porque a minha irmã não espera.

A mãe está na cozinha, já vestida para ir trabalhar, quando eu desço as escadas. — Bom *dia* — exclama ela alegremente, pousando o seu sumo verde e estendendo os braços para mim.

— Bom dia — respondo.

Arrasto-me até ela e dou-lhe um abraço rápido. Ela dá-me um beijo no alto da cabeça. — É tão bom ver-te a pé. E já vestida. O teu pai vai ficar muito contente. Esta vai ser a primeira corrida dele em *anos*. — Consigo perceber o quanto ela está a tentar conter a satisfação que isto lhe causa. Nunca foi de corridas, mas sempre as aplaudiu; está radiante, sentindo-se novamente no seu antigo papel.

— Eles estão lá fora à espera — diz. — Vou trabalhar cedo e só voltarei por volta das cinco. Tenham um bom dia, e tu diverte-te a correr e a andar de caiaque! — Dá-me mais um beijo na cabeça e um apertão no braço, e sinto a esperança que isso transmite.

— Quinn! — grita a Ryan lá de fora. — Vens ou não?

Não respondo, limito-me a sair pelo alpendre da frente, onde ela e o pai esperam. Ela tem uma perna levantada sobre o corrimão e está a fazer alongamentos, agarrando o pé com facilidade.

O pai ri-se ao ver-me. — Ora então muito bom dia, *Luz do Sol*. Parece que o poder de persuasão da tua irmã funcionou melhor em ti, hein? — Dá um puxão no meu rabo-de-cavalo.

— Mais ou menos. — Sacudo as pernas e espreguiço-me ligeiramente.

O meu pai olha de mim para a Ryan, e depois passa os braços à nossa volta, arrancando-nos aos nossos alongamentos e puxando-nos para si para um abraço como ele costumava dar quando éramos mais novas, tão apertado que quase nos esmaga as bochechas. — Isto é um regalo para o vosso velhote, sabem? Como nos velhos tempos. Com a diferença de que agora são vocês que terão de esperar por *mim*. Tenho andado bastante a pé com a vossa mãe, mas nem quero pensar há quanto tempo não vou correr.

Sei exatamente há quanto tempo eu não corro, mas *eu* não quero pensar nisso. Penso antes num tempo ainda mais longínquo, antes mesmo de conhecer o Trent, quando a Ryan e eu começámos a

correr com o nosso pai. Ela tinha quinze anos e eu treze, e essas corridas com ele eram especiais. Estavam reservadas para o verão e para os fins de semana, quando ele ainda tinha tempo. Costumava ir acordar-nos e fazer-nos sair cedo, nunca nos dizendo até onde íamos correr ou que distância íamos percorrer, contudo tinha sempre um destino fixe já pensado. Algo para nos mostrar, como o cimo duma serra de onde conseguíamos avistar o oceano, um túnel feito de carvalhos e barbas-de-velho, vinhas que se estendiam por quilómetros e quilómetros com pequenos bagos amargos que íamos apanhando pelo caminho, um trilho desviado onde podíamos ver veados, e abetardas, e coelhos. A Ryan e eu fartávamo-nos sempre de resmungar por termos de nos levantar tão cedo, mas ambas gostávamos imenso daquelas corridas com ele e das coisas que nos mostrava.

— Não sei, a Quinn perdeu um bocadinho a prática. — A Ryan olha para mim, uma ponta de desafio no seu sorriso. — Acho que nós os dois podemos finalmente batê-la.

Sinto despertar em mim um fogo antigo. Para competir. A Ryan e eu costumávamos participar em corridas de corta-mato e em trilhos, mas nessas equipas de estudantes eu entrava como iniciada e era sempre um bocadinho mais rápida. Isso deixava-a furiosa, e era uma das coisas que mais me agradava nas corridas. Que elas eram minhas. O meu lugar para brilhar quando ela fazia tudo o mais.

O pai abana a cabeça. — Não precisamos de ver quem ganha, nada disso. Vamos simplesmente correr sem pressas e voltar a sentir como é agradável. — Dirige-me o olhar. — É com coisas assim que tens de voltar a ficar em forma. — Pela maneira como me olha, sei que não se refere apenas à forma física.

Mais do que uma vez depois da morte do Trent, ele me perguntou se eu queria eu correr com ele, embora também ele já tivesse deixado as corridas. Tinha sido sempre o nosso tempo especial em conjunto, e acho que ele estava à procura duma maneira de o recuperar... de se reaproximar de mim, porque nunca tínhamos chegado a conversar acerca daquela manhã. Ele fora a pessoa a

quem os paramédicos me entregaram e que me conduziu ao hospital, atrás da ambulância com as suas luzes giratórias. Mas depois desse dia eu fiquei tão perdida que já não conseguia falar com ele, tal como não conseguia passar por aquele trecho de rua.

— Está bem, vamos com calma — diz a Ryan —, mas eu é que escolho o percurso.

— Combinado — responde o pai.

— Ótimo. Tenho uma ideia dum sítio aonde havemos de ir. — Olha para mim com um sorriso. — É um bocadinho árduo, mas nada que tu não consigas.

Respiro fundo. Espero ainda estar à altura do seu desafio.

Ela desce as escadas de um pulo, e o pai e eu vamos atrás. Não tenho a certeza se ela tem razão quanto ao facto de eu conseguir estar à altura, mas espero que sim. Torno a respirar fundo ao sentir os ténis de corrida rangerem no carreiro de terra até à rua. A Ryan começa imediatamente o seu *jogging*, e o meu pai também, e então não tenho outra hipótese. Atravessamos o jardim dianteiro da nossa casa em passadas lentas de aquecimento que sinto desajeitadas, como se o meu corpo já não se lembrasse de como se corre.

A Ryan faz uma pausa, e por um instante fico paralisada ao pensar que vou passar por aquele sítio da rua, mas ela sabe-o bem e vira para a direção oposta. Posicionamo-nos em fila única e próximos uns dos outros, com a Ryan à frente, o pai no meio e eu atrás. Concentro-me em colocar um pé à frente do outro, não porque precise de o fazer para os acompanhar, mas porque assim que começamos, o meu primeiro pensamento vai para o Trent. Era eu que o fazia correr. Ele era nadador e jogador de polo aquático, decididamente não um corredor, e a princípio por vezes ele seguia de bicicleta enquanto eu corria, fazendo-me companhia e forçando-me a acelerar. Foi só no 11.º ano que ele começou a correr comigo aos fins de semana porque o seu treinador lhe disse que ele precisava de cuidar da condição física — e porque era outra maneira de passarmos tempo juntos apesar dos nossos horários tão preenchidos. Encontrávamo-nos de manhã cedo a meia distância das nossas casas para uma corrida até

ao centro da vila, tomávamos um enorme pequeno-almoço na Lucille, depois caminhávamos aquele longo percurso de volta, conversando e rindo como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Paro, com uma dor repentina no peito, sem fôlego. — Acho que não consigo...

O meu pai vira-se para mim. — Estás bem?

— Não... acho que... que tenho de voltar para trás.

A Ryan para e volta-se. Tem a face afogueada, e respira ruidosamente ao dirigir-se até mim. Fico à espera que ela me ordene que continue a correr, porém, o seu olhar suaviza-se quando olha para mim. — Tu estás bem — diz ela. — Só que é a primeira vez que tornas a correr. Não precisas de voltar para trás.

O pai também parece compreender. — Vá lá. Vamos todos juntos. Mais devagar.

— Concentra-te só na respiração — diz a Ryan. — Deixa as tuas pernas fazerem o resto.

Volta-se e recomeça a correr, e desta vez o meu pai indica-me com um gesto que passe para a frente dele. Dou um passo, e depois mais outro e outro, até que apanho o ritmo, se bem que pesado e denotando a falta de prática. E alguns minutos depois conseguimos acertar o andamento, lento mas constante. A Ryan leva-me a avançar, e o ritmo de um pé à frente do outro torna-se um pouco mais fácil. Respiro com força, dentro-fora, dentro-fora, dentro-fora, e o meu coração bate energicamente, desacostumado de trabalhar assim. As pernas ardem-me ao princípio, depois começam a fazer-me comichão à medida que o sangue enche e expande os capilares duma maneira que não se verificava há muito. O meu corpo começa a recordar-se, começa a voltar ao que era. Começa a despertar de novo, como ontem.

A Ryan desvia para um trilho de terra mais estreito, e sei imediatamente para onde nos dirigimos. Volto-me para olhar para o pai, e o seu sorriso diz que ele também sabe.

— O cume? — grito para a Ryan. — Logo na primeira corrida que voltamos a fazer?

— Sim — exclama, por sobre o ombro. — Não vale a pena deixar as coisas pela metade!

— Estás a tentar dar cabo de mim! — reclamo.

— Estou a tentar fazer o oposto — diz ela. — Tu consegues.

Seguimos os três em ziguezague pelo meio dos carvalhos na base do monte, onde a sombra provoca uma temperatura descortavelmente fria, e dou o meu melhor para acompanhar o andamento. Apesar do esforço, começo a relaxar um pouco, paro de pensar tanto. O cheiro matinal das plantas e da terra arrefecida pela noite elevam-se por todo o lado, e eu absorvo-o.

Após cerca de quilómetro e meio de colinas ondulantes, o trilho torna-se mais árduo e começa a subir acentuadamente por uma série de atalhos, e a única coisa em que penso é chegar ao cimo sem trocar a corrida pela marcha, porque, como costumávamos dizer na equipa, numa corrida não se caminha. A Ryan vai com um certo avanço, de maneira que apenas a vejo de relance e por instantes à medida que vai subindo. Atrás de mim a respiração do meu pai torna-se mais ofegante, tal como a minha, e não paro de virar a cabeça para trás para ver como ele está.

— Estás bem? — pergunto por cima do ombro.

— A fazer o possível — arqueja ele. — E tu?

— Também.

Não dizemos mais nada, concentrando-nos em conseguir chegar ao cume. No momento em que dou por mim a pensar que terei mesmo de quebrar a regra da corrida, o trilho começa a ficar mais plano, e as árvores abrem-se deixando ver primeiro o céu sem nuvens, depois o cume de outros montes, e finalmente o oceano.

A Ryan já está sentada no enorme penedo que é o nosso destino, corada e triunfante. Põe-se de pé ao ver-nos, leva a mão à boca e solta um grito de vitória. O pai alcança-me e ergue os braços como se tivesse cortado a meta. Eu faço o mesmo, porque a sensação é mesmo a de um feito.

— Muito bem — diz a Ryan, estendendo a mão para me ajudar a subir para a rocha. — Eu sabia que vocês iam conseguir chegar ao

cume.

— Pois eu não — afirmo, subindo.

O pai agarra-se à rocha e sobe também, e ficamos todos os três de pé no cimo, estendendo o olhar pelos quilómetros que separam as nossas colinas douradas dos variegados tons de azul do oceano e do céu.

— Vejam só — diz a Ryan, quando as nossas respirações acalmam. — Ele parece tão distante, mas na verdade está logo ali. — Olha então para mim. — Apenas temos de vê-lo... o que está à nossa frente. Olhar para as árvores e ver a floresta, ou o oceano para além dos montes.

— Diz-nos lá, ó sábia Ryan — articula o pai, ainda ofegante mas claramente divertido. — Quando é que te tornaste tão filosófica?

A Ryan revira os olhos e dá-lhe uma pequena cotovelada. — No último trimestre, em Filosofia. — Depois volta-se para nós os dois. — Ou... — Faz uma pausa e baixa o olhar por um momento, depois torna a encarar o meu pai. — Ou isso, ou há uns dias, quando o Ethan acabou comigo no aeroporto — afirma categoricamente.

— *O quê?* — não consigo esconder o meu choque.

— Ai! — exclama o meu pai, piscando-lhe o olho. — Desculpa, minha querida. Isso deve ter doído.

— Pois. Mas só durante um ou dois dias. — Dá um pontapé num pedaço solto da rocha, e ficamos todos a vê-lo cair aos trambolhões pela encosta. — Agora já passou.

— De certeza? — pergunta o pai.

— Estou a fazer por isso...

Eu ainda estou a processar que alguém acabou com a minha irmã. Nunca ninguém o tinha feito.

— Valente! — exclama ele. — É a única coisa que podes fazer. — Passa um braço em volta do ombro dela. — Sabes, nunca gostei daquele tipo. É um bocado desenxabido.

Isso fá-la rir.

O pai põe uma mão nas costas da Ryan. — Queres que eu vá procurá-lo? Para o deitar ao chão com um murro e dizer-lhe que ele

não vale nada?

— Não, já tratei disso, acho eu. — Um sorriso espalha-se lentamente pelo seu rosto.

O pai ergue o sobrolho. — Ai sim?

— O que é que fizeste? — Imagino a minha irmã, furiosa, no meio do aeroporto, e as possibilidades são infindáveis.

— Os pormenores não interessam muito. Digamos apenas que fui levada para fora da zona de embarque por uns homens simpáticos com *walkie-talkies* que estavam muito preocupados em saber onde tinha ido parar um dos meus sapatos, mas não o bastante para me deixarem voltar atrás para o ir buscar.

— Atiraste-lhe o teu sapato? — pergunto, embora sabendo que ela de certeza o fez.

— Entre outras coisas... o meu copo de café *Starbucks*, o telemóvel... — Encolhe os ombros. Sopra com força. — Estou satisfeita por não ter ido até à Europa antes de descobrir como ele era idiota.

— Isso mesmo — diz o meu pai. — Sempre a aprender.

— Exatamente — responde a Ryan. Depois olha para mim, e percebo que já não está a referir-se a ela.

— E depois seguir em frente.

«Grava no teu coração que cada dia é o melhor dia do ano. Nenhum homem aprendeu nada corretamente, até saber que cada dia é o último.»

Ralph Waldo Emerson

CAPÍTULO DEZASSEIS

NÃO SEI COMO responder às mensagens do Colton. Ando no meu quarto para a frente e para trás, mais cheia de energia do que há muito tinha, depois pego no telemóvel e sento-me no chão e leio-as outra vez. O que hei de dizer? Isto seria mesmo um convite para um encontro? O que quererá ele dizer com «mais tarde»?

Preciso de ajuda para lidar com isto, portanto levanto-me de novo e atravesso o corredor até ao quarto da Ryan. Quando enfio a cabeça pela porta, oiço-a no duche, por isso entro em bicos dos pés. Olho em volta para o que ainda há poucos dias era um quarto asseado e arrumado. Agora as malas dela estão caídas a um canto a transbordar de roupas e artigos de maquilhagem. Livros e revistas caídos de ambos os lados da cama, e ela até tirou do armário todas as suas telas antigas e encostou-as à parede como que numa pequena galeria, e ao vê-las sei imediatamente que ela está mesmo decidida a fazer um portfólio para a tal escola de arte.

Os meus olhos caem na cómoda, o único sítio arrumado, onde o mural da Ryan, já pronto, se encontra encostado ao espelho, uma colagem artística e cheia de cor, dos seus desejos e objetivos. Dos seus planos para seguir em frente. Ela deve ter ficado acordada até de madrugada para o terminar. Ou então nem chegou a deitar-se. Ela tem aquela fixação sobre si própria de que, se não parar, as coisas que a aborrecem não poderão alcançá-la. O oposto de mim. Isso faz-me pensar que, se ela não tivesse estado fora a estudar neste último ano, as coisas poderiam ter sido diferentes para mim. Mais como hoje.

No quadro da Ryan, em letras grandes e carregadas estão as

palavras *Novos Começos*, e por baixo delas, espalhadas sobre diversas fotos de lugares aonde ela pretende ir, *incluindo a Itália*. Por cima de todas as imagens estão palavras que soam como coisas que a minha irmã diria: *Perde-te gloriosamente, encontra-te, confia, sustém a respiração e salta* — tudo coisas que eu a vejo a fazer naturalmente.

Lembro-me da única gravura que encontrei, do coração dentro da garrafa. Guardei a revista debaixo da cama, na esperança de que ela não a encontre e a recorte para si. Ao baixar-me para espreitar, ela ainda lá está. Na casa de banho dela, o chuveiro é desligado e eu folheio-a rapidamente. Encontro a página com o canto dobrado que está do lado oposto ao coração na garrafa e esgueiro-me do quarto da Ryan com a revista. Não que ela se importasse. Provavelmente até me mandaria embora com a pilha de revistas para eu acabar o meu mural. Mas algo acerca desta imagem particular me faz querer ficar com ela.

No meu quarto, sento-me na alcatifa, no quadrado de luz iluminado pelo sol. Abro a revista na tal página e recorto cuidadosamente a gravura, segurando-a por um instante. Não tenho a certeza do que ela representa para mim, apenas que me faz sentir que é algo de que eu preciso.

Dirijo-me à minha cómoda, onde estão as fotos de mim e do Trent coladas em toda a volta, e o girassol seco do dia em que nos conhecemos pendurado do canto superior. Não retiro nada, como julgo que a Ryan pretendia que eu fizesse. Não estou preparada para tal, ainda não.

Em vez disso, entalo a gravura entre o espelho e a moldura. Ao meio e à minha frente. E depois deixo o meu olhar pousar no girassol que o Colton me deu há apenas dois dias. Está em cima da minha cómoda, as pétalas ainda muito douradas, só ligeiramente murchas na ponta por não ter posto a flor na água. Pego nela e rodo o caule entre o polegar e o indicador, fazendo a flor girar numa mancha colorida antes de ir à estante buscar a taça de vidro que serviu de centro de mesa na festa de finalistas da Ryan, com pétalas de flores e

velas flutuantes.

Levo a taça até ao lavatório da minha casa de banho, passo-a por água e encho-a, depois volto para junto da cómoda e da flor. O caule é grosso, e só após algumas tentativas consigo cortá-lo com a tesoura; mas corto-o bem junto à base da flor, e uma vez solta coloco-a na pequena taça de vidro com água. Fica a flutuar, radiosa e viva, e arrojada no seu pequeno mar, por baixo da gravura. Tal como eu me senti no oceano.

Como quero voltar a sentir-me.

Antes de dar por mim, já estou no carro. No banco do passageiro está o meu saco, novamente com os artigos de praia, e mais uma vez a praia é essencialmente uma desculpa. No bolso tenho dinheiro que o meu pai me deu para o almoço e a aula de caiaque. Tentei não o aceitar, porque fazê-lo soava-me a uma mentira, porém, ele não me deixou sair sem ele. Tanto o pai como a mãe e a Ryan parecem partilhar a esperança de que isto é a solução mágica para mim, e agora sinto a responsabilidade de, pelo menos, fingir que é.

Ainda é relativamente cedo quando percorro o acesso até à rua e entro no asfalto. Desço as janelas para respirar o ar e o calor já intenso que vem do lado das colinas. Assim que entro na estrada principal, o ar passa com velocidade, puro e mais fresco, e dá-me a sensação de que estou a enfiar o dedo do pé no fluxo de vida que tem continuado o seu curso sem mim durante todo este tempo. Não tenho nenhum plano, e não sei o que vou dizer quando lá chegar, contudo gosto do que o Colton me disse ontem e mergulho de cabeça sem pensar nisso.

O impulso é suficiente para me levar à estrada que desce até Shelter Cove, passar pela falésia onde o Colton e eu estivemos ainda ontem, e depois para a pequena rua principal, onde imediatamente os meus olhos descobrem a carrinha azul-turquesa estacionada em frente da loja da família dele. Desta vez não há nenhum lugar vago aí perto, nem em lugar nenhum da rua, por isso continuo até ao parque de estacionamento junto à base do paredão, e arrumo aí. Só depois

de desligar o motor e ficar um momento sentada em silêncio é que penso realmente no que estou a fazer aqui.

O influxo de energia que senti quando saí de casa desvanece-se como o final duma canção, e dá lugar a um sentimento corrosivo de culpa. Eu sei o que estou a fazer. Estou a usar a minha semiverdade acerca da aula de caiaque, e as mensagens do Colton, como motivos para voltar aqui. Porém elas são mais como desculpas: para esquecer as minhas próprias regras, para ignorar a censura da minha consciência. Para o ver outra vez. Todas estas coisas que desejo são muito mais fortes do que as minhas regras e razões. Suficientemente fortes para me conduzirem de novo à sua loja, onde vejo os caiaques todos alinhados nos seus suportes e silhuetas que se movem por detrás da montra.

Sinto borboletas no estômago e detenho-me, quase volto para trás, mas vejo então num relance o seu perfil. Está a carregar uma pilha de coletes salva-vidas, mas olha para a rua através da montra e para. Sei que me vê, porque sorri para mim. E agora é demasiado tarde para dar meia-volta. Engulo todas as borboletas que levantaram voo do meu estômago e forço os meus pés a andarem.

Ele está fora da porta em menos de um segundo, abanando a cabeça como se acreditasse e não acreditasse que estou ali. — Estás aqui — diz, incapaz de impedir que o seu sorriso se espalhe por todo o rosto, até ao verde dos seus olhos. Abre os braços. — Cá está ele, um novo dia e... — faz uma pausa — aqui estás *tu*.

A brisa levanta alguns fios do meu cabelo, que me envolvem a cara, fazendo-me sentir arrepios na base do pescoço. O Colton avança uns passos para mim e ergue a mão como que para os afastar, mas detém-se, por um segundo apenas, e em vez disso passa a mão pelas ondas do seu cabelo. — Que inesperado — diz.

— Espero que não haja problema; eu...

Antes de poder terminar, uma rapariga loura e gira que me parece vagamente familiar sai da loja. — Eh, Colt, podes ir buscar as...

Interrompe-se ao ver-me, olha para o Colton e depois novamente para mim. — Ah, olá! Desculpa. Não sabia que estava aqui mais

alguém. Posso ajudar nalguma coisa? — O seu tom de voz é amigável e agradável, como se eu fosse uma cliente.

Sinto um nó no estômago, e por um momento fico ali parada sem dizer palavra. Esta é a Shelby. A Shelby cujas palavras e pensamentos eu li. Cujas alegrias e medos eu vi. Alguém que eu sinto que conheço, talvez até melhor que ao Colton.

Rapidamente retomo consciência de mim; todo o peso das minhas regras e por trás delas as razões por que as quebrei.

— Na verdade eu já me ia embora — afirmo rapidamente. Encontrar-me com o Colton é uma coisa, mas esta é uma linha que eu nem esperava ultrapassar.

— Espera... então é o passeio de caiaque? — pergunta o Colton, como se fosse um assunto que nós estávamos a combinar. Os seus olhos captam os meus por um instante, e algo cintila neles.

— Eu, hum... mudei de ideias. — Fico com a boca seca, e recuo um passo. — Talvez num outro dia? Não queria importunar-te no teu trabalho.

— Espera — repete o Colton. — Não estás a importunar... está tudo bem. Eu terminei o trabalho há meia hora.

A Shelby ri-se. — Bem... aquele teu andar dum lado para o outro sem objetivo era trabalho?

O Colton lança-lhe um olhar, depois volta-se para mim. — Quinn, esta é a minha irmãzinha mais velha, a Shelby. Shelby, a minha amiga Quinn. Ela ontem andou de caiaque pela primeira vez, e agora voltou para repetir. Acho que podemos ir outra vez às grutas.

A Shelby franze o sobrolho para o Colton, depois sorri e estende-me a mão. — É sempre um prazer conhecer uma amiga do Colton — diz, com uma certa insinuação na voz. É a mesma entoação que ouvi antes às enfermeiras do hospital, e que eu mereço. Ela dirige-me um sorriso rápido, depois vira-se para o Colton.

— Isso é tudo muito bonito, mas tu já estás comprometido para hoje, Colt. — Consigo ouvi-lo na sua voz. Ela não quer que ele vá a lado nenhum comigo.

— Comprometido? — ri-se o Colton. — Eu não estou

comprometido. Nem sequer estou designado...

A Shelby lança-lhe um olhar. — Exatamente.

— Vá lá — diz ele, dando um passo para ela. Os seus olhos imploram, e há algo no seu tom de voz que parece não ter a ver só comigo.

Ela levanta uma mão. — Não. A mãe e o pai matam-me se... tu sabes. — Os olhos dela, firmes e sérios, não largam os dele.

O Colton suspira, desesperado, depois parece lembrar-se de mim e sorri, mas desta vez mais tenso, mais forçado. — O pai não está cá, Shel. E além disso ela não é uma cliente, é uma amiga.

— Colton, eu não posso *porque* eles não estão cá. E ele encarregou-me de tomar conta de tudo. E se acontecesse alguma coisa...

— Não vai acontecer nada. Nós não vamos levar um caiaque da loja. Levo o do pai... está nas traseiras.

A Shelby solta um suspiro fundo e morde o lábio inferior, visivelmente ponderando. — A questão não é essa.

— Então é qual? — pergunta o Colton, com uma energia na voz que eu ainda não lhe tinha ouvido. — Vai correr tudo bem. *Eu estou* bem. — Por um instante leva a mão ao peito, o que talvez não fosse um gesto em que qualquer outra pessoa repararia, contudo eu entendo-o e ela também.

— Colton... — Há uma hesitação na sua voz, como se ela estivesse dividida.

— Diz que sim — pede ele, esboçando um sorriso rápido que lhe põe covinhas na cara. — Por favor. A Quinn quer ir andar de caiaque, ela é principiante, e não estaria certo deixá-la ir sozinha. O pai ficaria furioso se nós o fizéssemos e ele viesse a saber *disso*.

A Shelby olha para o Colton um pouco mais demoradamente, e vejo que a sua relutância se transforma em resignação, e recordo-me então do *post* que ela escreveu sobre a primeira vez que o Colton voltou a ir para o mar, e o quanto ele estava orgulhoso e feliz por poder voltar a fazer aquilo de que gostava, apesar de isso deixar toda a sua família nervosa.

— Está bem — concorda ela após um longo momento. — Mas tens

de estar de volta dentro de poucas horas. Tenho um passeio de quatro pessoas às três horas, e na realidade tu tinhas-te comprometido. — Olha-o nos olhos demoradamente. — Não te esqueças dos teus...

— Eu sei — interrompe-a o Colton.

— E certifica-te de que tens o telemóvel contigo — acrescenta ela —, e se acontecer alguma coisa...

Ele passa um braço em volta dos ombros dela e aperta-a. — Eu vou estar bem, garanto. *OK?* — Depois olha para mim, e de repente sinto o peso da responsabilidade. Esta com quem estou a falar é a irmã dele, a que sempre o acompanhou e apoiou e ajudou a cuidar dele. Que se importa com ele mais como uma mãe do que como uma irmã.

Deito um olhar à Shelby, como que pedindo aprovação, mas o sorriso que ela me dirige não parece conceder-ma.

— Certo — digo por fim, e a palavra pesa-me na língua. De certo modo, carregada com a responsabilidade e o conhecimento de que acabei de me afundar ainda mais.

O Colton bate as palmas. — Ótimo. Vou lá atrás carregar o barco, e já me encontro contigo num instante.

— Está bem — concordo com um aceno. — Eu vou só... vou só buscar o meu saco. — Viro costas para me dirigir ao carro, não querendo ficar ali sozinha com a Shelby, mas ela detém-me pousando suavemente uma mão no meu braço.

Olha para os pontos no meu lábio. — Tu és a rapariga que o Colton levou ao hospital há uns dias?

O meu coração bate com força sob o olhar dela. — Sou.

— Tem cuidado — diz ela, olhando-me nos olhos. — Não deves molhá-los.

Eu sei que ela está a falar dos pontos, porém não consigo deixar de ouvir o eco do «*Tem cuidado*» dito pela enfermeira. Aceno afirmativamente, como faria com a minha mãe se ela me recomendasse alguma coisa.

— Vou ter. — Dou um passo atrás. — Gostei de te conhecer.

— Eu também. — Ela sorri, mas não volta a entrar na loja.

Viro-me e atravesso a rua, tentando não parecer que vou à pressa, e imaginando-a a observar-me todo o caminho. Quando chego ao carro, arrisco-me a olhar rapidamente para trás, de soslaio, e ela acena-me. Mensagem recebida. Na perfeição. Abro a porta e revejo mentalmente toda a mudança: a preocupação dela, a insistência dele em que está bem, o que ele não pode fazer... e isso põe-me nervosa. Ele não estará bem? Há muito tempo que a Shelby não publica *posts*, por isso não sei se há alguma coisa de preocupante em termos clínicos...

O que estou eu a fazer, o que estou eu a fazer, o que estou eu...

Oiço um motor a trabalhar atrás de mim e sei que é o Colton na sua carrinha, com o caiaque no tejadilho e a preocupação da irmã e a minha promessa de ter cuidado com ele. — Foste rápido — comento.

— Temos de sair daqui antes que ela mude de ideias — diz ele, sorrindo pela janela aberta. — Entra.

E mais uma vez, apesar de todas as vozes da razão que me dizem *não*, que há demasiadas coisas em risco, que não é justo para o Colton, e que eu não sei o que estou a fazer, oiço a voz fraca e suave que vem de algures mais fundo, a que insiste que se calhar sei mesmo.

«Nunca ninguém mediu, nem mesmo os poetas, quanto é que um coração consegue aguentar.»

Zelda Fitzgerald

CAPÍTULO DEZASSETTE

ESTAMOS DE PÉ à beira da falésia, a olhar para as ondas que lá em baixo estrondeiam contra as rochas com uma força que ecoa no meu peito. — Hum. Eu não... — Abano a cabeça, desta vez escolhendo a voz da lógica e do instinto de sobrevivência.

— Afinal, acho que temos de pôr de lado o passeio de caiaque — diz o Colton. Observamos mais uma onda que bate e remoinha nas rochas que ontem pareciam tão calmas, e concordo inteiramente. — Tenho uma ideia melhor — acrescenta. — Anda daí.

Voltamos para a carrinha e instalo-me no assento com o forro estalado, começando a habituar-me a senti-lo sob as pernas. O Colton vira-se para fazer marcha-atrás e, ao torcer-se um pouco, apoia um braço no meu encosto para a cabeça, os dedos roçando ligeiramente no meu ombro. Isso faz-me sentir um arrepio que percorre todo o meu corpo, e de que ele se apercebe ao olhar-me nos olhos quando se volta de novo para a frente e retira o braço.

O rubor sobe-me à face, e rio-me.

— O que foi? — pergunta ele.

— Nada. — Abano a cabeça e olho para o para-brisas, para o painel de instrumentos, para trás, onde se encontra uma prancha de *surf*, para o chão da carrinha, sujo de areia, debaixo dos meus pés: para onde quer que seja desde que não o encare nesse momento, porque receio o que ele possa ver no meu rosto. Ao baixar os olhos, algo me prende a atenção. É uma caixinha para comprimidos com divisões, parecida com a que a minha mãe prepara todas as manhãs para o meu pai com os seus medicamentos e uma quantidade de vitaminas. Esta tem duas filas, cada divisão tem pelo menos um

comprimido, e em vez das letras que indicam os dias da semana, estão as horas das tomas escritas com um marcador de tinta permanente.

Tenho a pergunta na ponta da língua quando o Colton me vê a olhar para ela. Estende o braço e pega na caixa, enfiando-a na bolsa da porta com um sorriso tenso. — Vitaminas — diz ele. — A minha irmã tem essa mania. Manda-as sempre comigo para todo o lado. — Algo no seu tom de voz, e na maneira como torna a olhar imediatamente para a estrada, me diz que não devo fazer perguntas, mas não preciso de as fazer. Sei que não são vitaminas.

Apressamo-nos ao longo da estrada que ladeia a costa, as janelas abertas e os nossos cabelos despenteados pelo vento a baterem-nos nas caras, a música alta de maneira que não são precisas palavras, e é uma sensação boa. Deixamos para trás aquele momento de tensão.

— Então aonde vamos? — pergunto, mais alto do que a música.

A estrada descreve uma curva larga para o interior, e tomamos o desvio. O Colton baixa a música vários decibéis. — Outro dos meus lugares preferidos — afirma. — Mas primeiro precisamos de algumas provisões.

Entramos no parque de estacionamento com piso de terra do Riley Family Fruit Barn, um lugar onde a minha família e eu costumávamos vir todos os outonos para comprar maçãs e tirar fotos com as montanhas de abóboras muito coloridas em todos os diferentes tons de laranja que se possam imaginar. Nunca tinha aqui estado no verão, mas salta aos olhos o que eu tenho estado a perder. O parque de estacionamento está apinhado de famílias, a entrarem e a saírem dos carros, a armarem carrinhos de bebé, a carregarem cestos cheios de produtos para os seus porta-bagagens. Passa por nós um trator que puxa um atrelado cheio de crianças e seus pais, alguns levando grandes melancias redondas e outros mordiscando fatias sumarentas acabadas de cortar.

Sigo o Colton enquanto ele se vai desviando da multidão de pessoas até chegar debaixo do toldo que protege do sol a banca de

produtos. À medida que avança, ele vai passando os dedos distraidamente pelo arco-íris de frutas. — Este é o melhor lugar para comprar coisas para um piquenique — diz ele por sobre o ombro, atirando-me um pêssago que apanho por um triz.

— De que é que gostas? — pergunta o Colton, parando em frente duma banca com uma pilha de produtos dispostos em camadas. Percorro-os com o olhar e vejo um cesto com morangos tão vermelhos que nem parecem autênticos. O Colton pega nele. — E que mais? Sandes? Batatas fritas? Tudo?

— Sim. — Rio-me. — Tudo, porque não?

Ele está tão feliz com todas estas coisas que é contagioso.

Enchemos um cesto com provisões para o piquenique: duas sandes, batatas fritas, refrigerantes em garrafas de vidro à moda antiga, mais fruta, e depois para finalizar palhinhas com mel tiradas do expositor junto à caixa. Duas de cada paladar.

Lá fora, três cabras anãs seguem os nossos passos, de olhos esfomeados e pequenos balidos tristonhos. Estar assim junto do Colton, ao sol e com a aragem marítima, faz-me sentir a leveza do dia. Despreocupada. Como se tivéssemos deixado longe os nossos mundos reais. Encontramos um banco à sombra e sentamo-nos, lado a lado, partilhando as framboesas diretamente do cesto e atirando algumas para as cabras que vieram sentar-se à nossa frente a pedir comida. Ele conta-me uma história de como em miúdo ficou traumatizado por causa destas mesmas cabras, e eu rio-me e inclino-me para ele e por um segundo esqueço-me de mim e poiso uma mão na perna dele com a maior das naturalidades.

Ele para a meio da frase e baixa o olhar para ela no instante em que a retiro. Há um longo momento de silêncio. Tento pensar nalguma coisa para dizer. O Colton verifica o relógio. Tosse ligeiramente.

— Há um sítio que quero mostrar-te, mas temos de ir quanto antes para eu regressar a horas e não enervar a minha irmã — diz ele, levantando-se. — Talvez queiras ir à casa de banho antes de partirmos; na verdade não existe nenhuma no lugar aonde vamos.

— OK. — Levanto-me rapidamente, grata pela desculpa para conseguir um momento para me recompor. Ele aponta para um letreiro com a silhueta duma camponesa, e encaminho-me nessa direção. — Volto já.

— Eu fico aqui — diz ele, abrindo uma garrafa de água.

Atravesso o parque de estacionamento até aos lavabos e olho para trás, por um segundo apenas, mas o suficiente para o ver abrir a porta da carrinha, pegar na caixa de comprimidos, retirar alguns e engoli-los com água.

Nesse momento sinto pena dele, pena por ele ter de tomar aquela medicação, e pena por ele achar que isso é algo que ele tem de esconder, que ele sinta que tem de ocultar o que quer que seja acerca do assunto. Mas também eu estou a ocultar coisas. Isso afeta-me, penso por que razão é tão fácil estar com ele, e que talvez seja o mesmo para ele que é para mim: nós não temos de confessar aquelas coisas que queremos manter em segredo. Aquelas coisas que nos definem para os que nos conhecem. Nós podemos ser refeitos, sem qualquer perda ou doença. Novos um para o outro, e para nós próprios.

Quando volto da casa de banho, o Colton está a desligar o telefone. Sorri. — Pronta? — Mal digo que sim, entramos novamente na carrinha. Ele sai do local da venda e vira para estrada, mas não para a estrada principal. Em vez disso tomamos uma que serpenteia entre os carvalhos e os ulmeiros que se erguem muito altos até se encontrarem acima de nós, formando um dossel verde. Seguimos ao longo da sinuosidade das colinas, e quando sinto o cheiro do oceano fazemos uma curva acentuada, metendo por uma estrada ondulante, com uma subida incrivelmente acentuada.

— Onde vamos? — pergunto de novo.

— Já vais ver — responde o Colton. — Estamos quase lá.

Quando finalmente alcançamos o cume do monte, vejo que nos encontramos num ponto muito acima do oceano que nos rodeia de três lados, de um azul profundo e cintilante como se o sol se tivesse

derramado sobre ele, espalhando pedacinhos seus por toda a superfície. Estacionamos numa pequena zona de terra ao lado da estrada, e o Colton olha para os meus pés com havaianas. — Achas que consegues fazer uma breve caminhada com esse calçado? Não é longe.

— É claro que sim.

— Ótimo. — Ele sorri. — Porque penso que vais gostar desse sítio.

Olho em volta, e de repente sei onde estamos. — Isto é a Pirate's Cove? Aquela praia de nudistas? — Já tinha ouvido falar dela, que estava cheia apenas de homens velhos, com excesso de peso e nus que por vezes jogavam voleibol e se deitavam sempre ao sol para bronzear o corpo... todo. — Mas nós... nós não vamos para *ali*, pois não?

O Colton ri-se tanto que até cospe a água que acabou de beber. Quando por fim se recompõe, sorri para mim. — Não, não vamos fazer um piquenique na Pirate's Cove... a não ser que queiras realmente. O lugar aonde vamos tem uma vista melhor. Segue-me.

Ele pega no saco com todas as nossas provisões para o piquenique e põe a alça ao ombro, depois dirige-se para um pequeno trilho de terra em que eu não tinha reparado ao estacionarmos. Ainda me encontro parada no mesmo sítio quando o Colton se volta para trás. — Vens?

Sigo-o pelo pequeno trilho abaixo que serpenteia pelo meio de arbustos tão altos que parece que vamos num túnel, e a única coisa que consigo ver é que ele vai à minha frente. Não falamos, e não consigo deixar de pensar no que iremos ver, mas não pergunto. Agrada-me a ideia de não saber, e a noção de que ele me vai levar aonde quer que seja vai dar-me mais outra perspetiva dele. Após alguns minutos ele abranda o passo e eu faço o mesmo, até que ele para.

— Pronto, estás preparada?

— Para o quê?

— Para o meu lugar preferido para um almoço.

— Preparada.

Ele desvia-se para o lado, e à nossa frente está uma gruta que se abre para o oceano como uma janela. Através dela, vejo o azul profundo da água e a vasta amplitude do horizonte, e compreendo que é um dos lugares de que ele me falou quando estávamos deitados na praia. E cá estamos nós, tal como ele disse que haveríamos de estar.

— Vem — diz ele, pegando-me na mão. — Mas tem cuidado com os vidros dentro da gruta. As pessoas deixam aqui ficar muitos.

Está notoriamente mais fresco quando entramos pela arcada da rocha, todavia o que sinto mais que tudo é o calor da mão do Colton em volta da minha enquanto abrimos caminho sobre os resíduos de festas secretas e fogueiras furtivas em noites de verão. Quando chegamos ao outro lado, onde a luz do sol e os sons do oceano entram a jorros, ele solta a mão.

— O que achas? A vista não é nada má, pois não?

— De maneira nenhuma — consigo articular.

O bordo da falésia onde nos encontramos é como o bordo do mundo, com o seu declive a pique abaixo de nós. O Colton baixa-se e senta-se, deixando pender os pés sobre ele como faria se estivéssemos sentados numa cadeira ou num banco em qualquer outro sítio. Eu avanço e baixo-me devagarinho e faço a mesma coisa, apesar de isso me causar palpitações no coração. Ele limpa com a mão um pequeno espaço entre nós e desempacota o nosso piquenique, e pouco depois estamos com as costas apoiadas à rocha num dos lados da gruta e sentindo a brisa que vem contra nós enquanto apreciamos a vista. O Colton pega na sua sandes, mas em vez de dar uma dentada olha para a água lá em baixo como se estivesse a pensar nalguma coisa. — Sabes o que é realmente estranho? — pergunta, depois de uma onda que bate com força e recua.

— O quê?

— É estranho que eu não te conheça, não te conheça mesmo. — Faz uma pausa. — Mas sei muito *sobre* ti.

Fico satisfeita por ele não estar a olhar para mim, porque tenho a

certeza de que devo ter empalidecido. Se ao menos ele soubesse quão estranho isto é na verdade. O quanto eu sei sobre ele sem realmente o conhecer também. Quantas fotos dele eu vi, quantos momentos da sua vida, momentos grandes e felizes e dolorosos e assustadores. Momentos que me comoveram até às lágrimas, que me fizeram querer conhecê-lo, que justificaram o tê-lo encontrado.

E depois penso em como conheço tão bem o coração que bate agora dentro do seu peito. Como se sabê-lo me faça sentir que o conheço também a um outro nível. Como uma pequenina parte de mim que se interroga sobre se é o coração do Trent no peito dele que me torna tão fácil a companhia do Colton. Se é ele que nos transmite aquela sensação de que, talvez mesmo sem nos conhecermos bem um ao outro, os nossos corações se conheçam.

— Hum — é tudo o que respondo... é tudo o que *consigo* responder. Dou uma pequena dentada na minha sandes para não ter de acrescentar mais nada, apesar de não ter apetite no momento. Algo no seu tom de voz me faz recear prosseguir esta conversa com ele, mas não consigo evitá-la.

— O que é que... tu sabes? — pergunto, não obstante o receio do que a sua resposta possa ser.

— Bem, para começar, sei que não és a melhor condutora do mundo — afirma ele com um sorriso irónico.

— Que engraçado!

— Vejamos — diz ele, como que a pensar. — Sei que vives no campo com a tua família, a quem és muito chegada.

Concordo com um aceno.

— Que fazes uma covinha na cara quando sorris, e que devias sorrir mais porque gosto disso.

Isto faz-me sorrir.

— Estás a ver? Isso mesmo.

Uma onda de calor sobe do meu peito até ao pescoço.

— Sei que tens coragem para fazer coisas que receias. Como o caiaque ontem, ou estares agora aqui sentada. — Olha-me nos olhos. — Também gosto disso.

Os olhos dele percorrem o meu rosto por um momento que me parece demasiado longo, mas depois voltam a fitar os meus, e ele fala num tom mais suave, mais gentil. — Confias facilmente, mas as perguntas parecem assustar-te, o que quer dizer que... — Faz uma pausa, dá a ideia de que está a pesar cuidadosamente as palavras seguintes. — Tens coisas de que não queres falar.

Afasto o olhar, receosa de que se o deixar ver a minha cara ele fique a saber mais do que já sabe... de que veja tudo.

— Tudo bem — diz ele, interpretando mal a minha reação. — Todos nós temos coisas que trazemos connosco, coisas que seria preferível esquecermos. — Faz uma pausa e inspira fundo, expirando o ar num longo suspiro. — O problema é que, a maior parte das vezes, não conseguimos. Por muito que tentemos.

Oíço então duas coisas na sua voz. Dor e, subjacente a ela, culpa. Conheço tão bem esses sentimentos, eles não são difíceis de reconhecer, e acho que consigo perceber por que razão ele nunca respondeu à minha carta. Isso deve ter sido tudo o que ele não queria: uma ligação ao seu passado, e o reconhecimento pela morte dum estranho, e a dor daqueles que o perderam. A culpa deve ter vindo daí.

Empatia é o que sinto neste momento. Porque as coisas que nós carregamos, de que não falamos, são as mesmas.

Uma onda estrondeia contra as rochas lá em baixo, e água branca submerge-as, ocultando-as momentaneamente por baixo da espuma branca em remoinho. Olho para o Colton, e ele estende a mão para tocar no meu rosto, roça lentamente o polegar pela minha bochecha, que eu sinto outra vez molhada de lágrimas.

— Lamento — diz ele. — Seja o que for que tenhas passado.

— Não lamentos — respondo. Isto sai-me com mais força e emoção do que eu pretendia. Quero afastar o peso da sua culpa. — Por favor, não lamentos nunca. — Desejo que ele compreenda o que eu realmente quero dizer. Olho então para ele, e digo algo que a mãe do Trent me disse e em que não acreditei. Neste preciso momento quero, mais que tudo, que o Colton acredite nisso por si próprio. —

Não podes lamentar algo que não pudeste controlar.

Ele baixa os olhos para o regaço, depois volta a erguê-los para mim, procurando como se soubesse que há qualquer coisa mais, qualquer coisa entre nós mais profunda do que esta conversa, porém não consegue vê-la, e eu não lha mostro. Estamos sentados à beira do abismo e sem rede.

— Então não lamentemos — diz ele, desviando-nos dela. — Vamos simplesmente apreciar o estarmos aqui agora.

— É esse, digamos, o teu mantra?

— Mais ou menos. — Ele encolhe os ombros. Vai dizer qualquer coisa, mas o seu telefone toca dentro do bolso. Pega nele e põe-no no silêncio.

— Não precisas de atender?

— Não, é só a minha irmã.

— Talvez devesse fazê-lo. Ela parecia um bocadinho preocupada.

— É sempre assim comigo — diz ele. — Protetora.

Esboça um gesto com a mão como dizendo que não importa, porém, os seus olhos dirigem-se para a água, evitando os meus. — Ela faz por bem, eu sei, mas é um bocadinho de mais. Às vezes acho que ela ainda me vê como um indefeso.

Ficamos um momento em silêncio, e penso na foto dele da primeira vez que deu entrada no hospital: pálido mas sorridente, com os braços magros fletidos, a Shelby de pé ao seu lado fazendo o mesmo. Olho para ele de soslaio, para o mesmo cabelo escuro e para os olhos verdes contrastando com o intenso bronzeado do rosto.

— Não é isso que eu vejo — afirmo.

— Não? — pergunta ele com um sorriso.

— Não.

Ele aproxima-se mais de mim. — O que vês então?

Ao olhá-lo, tenho consciência do tremor da minha respiração, e da dele. Todas as imagens na minha mente, as dele antes, e as do Trent, desaparecem, e estou aqui com o Colton, agora.

— Vejo... — interrompo-me e chego-me um pouco atrás, deixando mais espaço entre nós. — Vejo alguém que é forte. Que já sabe muito

acerca da vida. Alguém que compreende o que significa tirar um dia e fazer dele um bom dia. — Faço uma pausa, olhando por um instante para a água lá em baixo, depois torno a olhar para ele. — Alguém que está a ensinar-me a fazer o mesmo. — Sorrio. — Gosto disso.

Isto fá-lo sorrir também.

— Então talvez possamos continuar a fazer isto — acrescento, surpreendida comigo mesma. — Tornar cada dia melhor que o anterior, e estar agora aqui, e tudo isso.

— Amanhã?

— Ou no dia seguinte.

— Ambos.

O telefone dele toca novamente. — Raios! — exclama. — Temos de ir.

Outra onda bate com estrondo contra as rochas lá em baixo, lançando salpicos salgados que sobem em remoinho até nós, ofuscando os nossos passados e as coisas em que não queremos pensar. Permanecemos ali mais alguns minutos, no momento presente e nas possibilidades que ele contém, e depois recolhemos as nossas coisas e voltamos para os nossos mundos separados.

«Vai precisar de tomar medicamentos antirrejeição para toda a vida após o seu transplante [de coração]. É fundamental que nunca pare de tomar esses medicamentos, nem altere a dose, a não ser que o cirurgião que o transplantou ou a enfermeira lhe digam que o faça. Parar com os medicamentos antirrejeição acabará por fazer com que o seu organismo rejeite o órgão.»

Guia de Cuidados dos Pacientes do Hospital da Universidade de Chicago, «A Vida Depois do (seu) Transplante»

CAPÍTULO DEZOITO

O CARRO DA Ryan é o único que se encontra estacionado à porta de casa quando chego. Ao subir os degraus do alpendre, vejo-a deitada junto à piscina numa das cadeiras de repouso, com uma revista de culinária da mãe a cobrir-lhe a cara. Aproximo-me, sem saber se está acordada, e ela levanta ligeiramente um canto da revista ao ouvir-me.

— Então, que tal a aula de caiaque?

É uma pergunta normal, mas sinto o sorriso na sua voz, como se ela estivesse a gozar ao perguntar. A testar-me.

Sento-me na cadeira junto à dela. — Hoje as ondas estavam demasiado grandes para ir para o mar.

— E o que fizeste em vez disso?

— Voltei para casa.

Ela tira a revista de cima da cara, depois leva as mãos às costas e torna a prender a parte de cima do biquíni antes de se sentar. — Sim, mas estiveste todo o dia fora. O que fizeste *antes* de voltares?

— Nós... eu... — Dou pelo que disse demasiado tarde.

— Ah! Eu sabia. — Ergue uma sobrancelha e sorri. — Então quem é ele?

— E se eu tiver estado com um dos meus amigos?

A Ryan baixa os óculos de sol e nivela o seu olhar pelo meu. — Quando foi a última vez que saíste com algum dos teus amigos?

Encolho os ombros. Na verdade não me lembro.

— Muito bem. Então quem é ele?

— Como é que sabes que há um ele?

— Por instinto — responde ela. — Isso, e porque sei quando estás a ocultar-me alguma coisa. Por isso fala. Quem é ele?

Não respondo imediatamente. Quero falar-lhe do Colton, e do dia. Quero dizer-lhe o que senti sentada ao seu lado na falésia. Que me sinto preocupada e atraída ao mesmo tempo. Quero que ela me aconselhe, tal como fez da primeira vez que lhe fiz perguntas sobre beijar o Trent, e depois da primeira briga que tivemos, e se eu devia ou não ser a primeira a dizer «Amo-te», ou se já estava preparada para dormir com ele. A Ryan sempre teve resposta para todas as minhas perguntas.

Quero saber o que ela pensaria se soubesse a verdade, mas também eu me sinto aterrorizada com isso.

— Ele é — digo, escolhendo cuidadosamente as palavras, e os detalhes —, ele é o instrutor de caiaque que me deu a aula no outro dia. Hoje apenas almoçámos juntos, já que não podíamos levar o caiaque para o mar. — Semiverdades, omissões.

— E... — Chega-se mais a mim, à espera.

— E depois vim para casa.

O último número da revista *Eating Well* voa na minha direção e tenho de me baixar. — Vá lá! Conta-me *qualquer coisa*.

— Já contei.

Ela olha para mim.

— Ele chama-se Colton.

A Ryan acena como que incitando-me a continuar, e eu quero tanto contar-lhe mais.

Em vez disso encolho os ombros. — Não sei, ele é... ele é muito simpático, e nós demos só um passeio.

— Isso é ótimo — diz ela, estendendo a mão para a minha perna. Dá-lhe umas palmadinhas. — É mesmo. É muito bom estares a evoluir.

Evoluir soa melhor que seguir em frente, todavia ainda sinto uma pontada de culpa ao pensar nisso, o que de algum modo se deve ter

notado na minha cara, porque a Ryan muda de assunto.

— De qualquer modo, é melhor do que eu posso dizer de mim mesma neste momento. — Aponta para as revistas e para os papéis de rebuçados espalhados à sua volta. — Por acaso ele tem um irmão mais velho simpático?

— Só uma irmã — respondo sem pensar. Faço rapidamente uma pergunta para evitar mais perguntas dela. — Tu estás bem? Pareces...

A Ryan encolhe os ombros. — Aborrecida? Estou. Era suposto eu estar agora no outro lado do mundo, e estou aqui. De volta a casa. Deitada à beira da piscina, a ler as revistas da mãe, a sair com a avó e as suas amigas da Red Hat. Gosto muito delas e tudo isso, mas neste momento as suas vidas são mais interessantes do que a minha, o que é simplesmente... triste.

— E o teu quadro de intenções, e o teu portfólio de arte? E a tua corrida de hoje? Eu pensava que estavas pronta para novos começos, e para conquistares o mundo.

A Ryan revira os olhos. — Eu sei. A isso chama-se fazer de conta até conseguir fazer mesmo. — Faz beicinho por um instante. — Como é evidente, ainda não consegui.

— O que queres dizer?

— Quero dizer que o Ethan me descartou no meio do aeroporto e voou sozinho para a Europa, e eu estou tão... — Abana a cabeça, e sei que ela está a reconstituir mentalmente o que aconteceu, e tenho a certeza de que vai ficar irritada mais uma e outra vez, porém, ela olha para o chão e fica de ombros descaídos.

— Estou tão triste!

É o que transparece instantaneamente no seu rosto, agora que o disse, e nem consigo acreditar que ainda não tinha reparado nisso até este segundo.

— Eu estava tão apaixonada por ele. — Deixa cair o olhar no regaço. — *Estou* tão apaixonada por ele. — Torna a abanar a cabeça. — E odeio isso, porque ele roubou-me o coração e agora espezinhou-o todo. Eu não devia continuar a amá-lo. E agora... é como aquela

sensação de estarmos paralisadas. Como se todo o meu mundo se tivesse desmoronado mesmo à minha frente, sabes?

Aceno afirmativamente. Eu sei, mais do que qualquer outra pessoa.

— Oh, meu Deus! Desculpa. Foi uma estupidez dizer isto.

— Não foi nada — respondo. — Não é... não é a mesma coisa. E não precisas de ter tanto cuidado comigo. Na verdade, até gosto dessa atitude de «fazer de conta até conseguir fazer mesmo». Aquela corrida custou, mas ao mesmo tempo soube bem, estar de novo ao ar livre.

— Pois foi — concorda a Ryan, embora com uma expressão ainda um tanto perdida.

— Então talvez possamos continuar a fazer de conta juntas por mais algum tempo? Continuar a correr?

A Ryan pensa nisso um instante, e os seus olhos voltam a brilhar. — Sim, a ideia agrada-me. Mas primeiro temos de sair desta casa. E ir comprar mais chocolate. E talvez umas roupas novas para correr, se queremos mesmo fazer de conta. Os teus velhos calções de corrida não vão enganar ninguém.

Atiro-lhe a revista. — São os meus preferidos. Já os tenho há séculos.

— Pois, e para bem do tal evoluir é tempo de arranjares novos calções preferidos.

Vamos de carro até ao centro, com a Ryan ao volante, o que é sempre algo entre o divertido e o aterrador.

Com a música muito alta e a minha irmã a cantar ao meu lado, parece que voltámos ao antigamente. Quase como costumava ser... mas melhor, mais próximas, como que estando as duas juntas nisto. Chegamos ao Target, o maior armazém da cidade, como costumávamos fazer antes de a Ryan ter ido para a universidade, compramos um café no Starbucks, e percorremos os corredores com ar condicionado à procura das coisas de que precisamos e não precisamos. Ao chegar a casa tenho um guarda-roupa completamente renovado, cortesia da Ryan e do dinheiro que lhe sobrou da

viagem que não fez.

Lá em cima no meu quarto, tiro tudo dos sacos e espalho em cima da cama, sentindo-me motivada pelas minhas novas roupas, tal como a Ryan disse que me sentiria. Verifico o telemóvel pela quinquagésima vez, contudo não tenho mensagens do Colton. Ainda não é hora de jantar, e disponho de algum tempo livre, por isso atravesso o quarto até à secretária, abro o portátil e vou para o blogue da Shelby, à espera de algo novo, de alguma foto dele, ou duma pequena frase ou história acerca dele, mas continua lá a mesma publicação que foi feita quando do seu *check-up* um ano depois do transplante.

A todos os nossos amigos e familiares, agradecemos profundamente todo o vosso apoio. Tem sido um ano longo, mas o check-up do Colton revelou ótimos resultados e ele está finalmente a adaptar-se a todos os seus novos medicamentos...

Lembro-me da caixinha de comprimidos, e do Colton a engoli-los quando pensava que eu não conseguia vê-lo. Fico ali sentada um bocadinho, depois escrevo na caixa de pesquisa «Medicamentos pós-transplante cardíaco».

Milhões de resultados surgem em segundos, inúmeros periódicos e artigos médicos que acho que não vou compreender, porém, mais abaixo na página de resultados, uma linha numa espécie de quadro de mensagens sobre transplantes prende o meu olhar:

«Negociamos com a morte por uma vida inteira de cuidados médicos...»

Clico no *link* para a citação, que é dum paciente de quarenta e dois anos. Ele prossegue:

Não me interpretem mal: eu não hesitaria um segundo em voltar a fazer tudo outra vez. E, na minha idade, é algo com que consigo lidar. Existem limitações. Limitações médicas, e também físicas. Riscos que corremos quando somos jovens e não temos condição clínica. Por muito que queiramos, não é algo que possamos esquecer. Não podemos dar-nos a esse luxo. Não importa se estamos cansados, ou se não queremos tomá-los porque detestamos a maneira como nos fazem sentir. Não importa que haja efeitos secundários importantes. Isso agora faz parte das nossas vidas, tal como os check-ups, e as biópsias, e a monitorização do peso, da tensão arterial, do ritmo cardíaco. É um dom, mas uma grande responsabilidade que assumimos. E se

não conseguirmos maneira de arcar com tudo isso, então estamos a pôr-nos em risco a nós próprios e ao nosso transplante. Temos de ser cuidadosos connosco, e responsáveis em relação aos nossos limites.

Penso no Colton. No seu aspeto saudável. E forte. Mas talvez haja limitações que não consigo ver, ou que desconheça. Isso faz-me querer ser cuidadosa com ele — como disse a enfermeira, como disse a Shelby sem realmente proferir essas palavras. Isso faz-me sentir responsável pelo seu coração, em mais do que uma maneira.

«Os ritmos que contam — os ritmos da vida, os ritmos do espírito — são os que dançam e fluem na própria vida. O movimento em gestação desde a concepção até ao nascimento; a diástole e a sístole do coração; o ato de cada respiração sucessiva; a maré baixa e a maré alta em resposta à atração da Lua e do Sol; o ciclo das estações do ano, desde um equinócio ou dum solstício até ao seguinte — são estas coisas, e não a eterna passagem dos segundos registada em relógios e não os dias e meses e anos que o calendário impõe, que definem o tempo... que nós habitamos até ao final dos nossos dias.»

Allen Lacy, *O Jardim Acolhedor: Jardinagem para os Sentidos, Mente e Espírito*

CAPÍTULO DEZANOVE

DEPOIS DESSA PRIMEIRA corrida matinal, a Ryan e eu alternamos a escolha do percurso. Há muito trabalho no escritório, mais do que aquele de que a mãe consegue encarregar-se sozinha, por isso o pai voltou à sua rotina normal e estamos só as duas. Corremos por estradas ladeadas de filas e filas de vinhas, por trilhos estreitos até ravinas com pequenos riachos escondidos por baixo de fetos e sumagre venenoso. Por vezes falamos, mas quase sempre somos apenas nós, e a manhã, o ritmo dos nossos pés, e respiração, e batimentos cardíacos, e o ardor dos meus músculos e pulmões à medida que se lembram de como é estar vivo.

Depois das nossas corridas, a Ryan vai para casa da avó para pintar e trabalhar no seu portfólio, e eu dou um passeio de carro até à costa. Algures ao longo da estrada que serpenteia e descreve curvas entre as árvores, transformo-me naquela que o Colton conhece.

Começámos a encontrar-nos todos os dias na falésia onde fomos andar de caiaque no primeiro dia, e pergunto a mim mesma se será para evitar a Shelby. Se ele está a manter-me em segredo tal como eu tenho feito com ele. Tento não pensar nisso, e é fácil quando estamos juntos. Ele mostra-me todos os lugares onde costumava ir, grutas escondidas e estradas junto à costa, locais que conservam recordações da sua infância. É assim que começo a conhecê-lo. Não

preciso de fazer perguntas, porque ele mostra-me o seu passado desta forma — o passado que deseja que eu conheça, sem camas de hospital, nem tubos de oxigénio, ou caixinhas de plástico cheias de comprimidos.

Começo a reconhecer o ritmo dos nossos dias: como parece haver janelas de tempo em que saímos para o mar, ou ficamos deitados ao sol. Procuro ser cautelosa, tento detetar quaisquer limitações que ele possa ter. A nossa única limitação parece ser quando ele tem de tomar os seus medicamentos. Eu tento prever isso. Quando acho que está na hora de ele tomar uma dose, trato de me mostrar ocupada com qualquer distração que encontre: flores silvestres que crescem ao longo dum trilho, uma fila de pelicanos deslizando na superfície do oceano, procurando conchas na areia. Tento dar-lhe uns momentos só para ele, para as coisas que ele não quer que eu veja.

Aprendo com ele todas as coisas que ele quer que eu veja nos pormenores que ele aponta e nas coisas que diz. Fiquei a saber que admira o pai mas é mais próximo do avô, que lhe transmitiu o seu amor pelo mar e todas as lendas de velhos marinheiros. Conhece todas as constelações do céu e as histórias que estão por detrás delas. Acha verdadeiramente que cada dia pode ser melhor que o anterior.

Penso que ele também aprende comigo. Digo coisas sem ele ter de as perguntar. Falo-lhe das corridas com a Ryan, falo-lhe da avó e das senhoras da Red Hat Society. Digo-lhe que não tenho a certeza dos meus planos futuros. Que gosto do que estamos a fazer agora. Que quero continuar assim.

E há esta corrente que passa entre nós, construindo e fazendo crescer os nossos momentos de silêncio, e também aqueles em que rimos bem alto. Vejo-a quando os nossos olhos se encontram e ele sorri, oiço-a no modo como ele diz o meu nome. Sinto-a sempre que as nossas mãos ou ombros ou pernas roçam umas nas outras. Acho que ele também sente tudo isso, porém, há algo que o retrai. Não sei se é por minha causa ou por causa dele, mas dançamos um em volta do outro, o Colton e eu, apesar dos ímanes dos nossos centros, que

pulsam vigorosos e nos atraem cada vez mais a cada dia.

Um dia, depois de termos passeado de caiaque e almoçado, digolhe que quero aprender a fazer *surf*, e assim começamos da parte da tarde com as regras básicas. Ele empurra-me para o mar onda após onda, gritando para eu me pôr de pé e aplaudindo de todas as vezes que o consigo, mesmo quando caio logo a seguir. Repetimos isto vezes sem conta até que finalmente eu consigo. Remo com as mãos em direção a uma onda, com toda a força de que sou capaz, e sinto apenas um pequeno empurrão dele, o suficiente para me pôr no sítio certo. Desta vez, quando ele me grita que me ponha de pé, faço-o, e consigo equilibrar-me e surfar a onda sem cair. É a sensação mais fantástica do mundo, e não quero parar nem sair da água, por isso ficamos até ao anoitecer, remando com as mãos e navegando as ondas até os meus braços ficarem trémulos e eu mal conseguir levantá-los.

Mais tarde, sentamo-nos nas pranchas para lá da zona de rebentação, deixando as pranchas flutuar lado a lado sobre a superfície cristalina da água. O vento da tarde amainou, e os banhistas começaram a partir, com exceção dos que ficaram para verem o pôr do sol. O sol pende baixo e pesado sobre a água. Sinto os olhos do Colton em mim enquanto o observo, e volto-me para olhar para ele.

— O que é? — pergunto, com timidez.

O Colton sorri e revira o pé dentro de água. — Nada, eu só... — A sua expressão torna-se mais séria. — Sabes quantos dias passei desejando poder fazer isto? É...

Diz qualquer coisa mais, porém não o oiço, porque uma expressão ficou presa na minha mente. *Quantos dias, quantos dias...*

De repente sinto-me completamente desorientada. Não faço ideia de quantos dias passaram desde que o Trent morreu. Não sei quando é que parei de os contar. Não sei quando é que desisti dessa coisa que me agarrava ao meu desgosto, que me fazia recordar todos os dias sem exceção. Como uma penitência, por não ter ido com ele naquela manhã, por não ter estado com ele naquela rua, por não ter podido salvá-lo nem despedir-me dele. E agora nem sequer sei

quantos dias passaram.

Perdi a conta. Mais uma vez lhe falhei.

— Podemos ir embora? — pergunto subitamente. — Por favor? — Tenho uma dor no peito. Sinto aquele velho aperto familiar, e não consigo respirar.

— Não queres esperar para saber se conseguimos vê-lo? — pergunta o Colton.

— Ver o quê? — pergunto. Perdi o fio à meada da conversa que estávamos a ter. Não consigo inspirar ar suficiente, os meus pulmões estão a esquecer-se de respirar.

— O clarão verde — responde o Colton, apontando para o sol que já se encontra meio desaparecido na água e a baixar rapidamente.

— O quê?

— O clarão verde — repete. — Olha. No último segundo em que o sol mergulha na água, se todas as condições se verificarem, conseguimos vê-lo. Supostamente. — Sorri. — O meu avô costumava dizer-nos que observássemos, e de todas as vezes ele nos contava essa velha história de que, se conseguirmos ver o clarão verde, conseguimos ver dentro dos corações das pessoas. — O Colton passa um dedo sobre a superfície da água e ri-se carinhosamente. — Ele jurava que o tinha visto, e que era por isso que conseguia saber os que as pessoas estavam a pensar.

Ver dentro dos corações das pessoas.

O meu coração bate com força com todas as verdades e mentiras e omissões que tem dentro. Todas as coisas que eu não quero que o Colton veja. Todas as coisas que tenho escondido de mim própria. Já nem mesmo sei o que está dentro do meu coração.

— Olha com atenção — repete o Colton, apontando para o horizonte. — Isso acontece muito rapidamente.

Tornamos a voltar-nos ambos para o sol, uma bola de um laranja-vivo mergulhando na água que brilha dourada com a sua luz. O sol parece acelerar, desaparecendo mais depressa a cada segundo. Fico em pânico. Quero desviar o olhar; quero que o Colton desvie o olhar. Bem sei que é apenas uma história, mas sustenho a respiração à

medida que o sol desaparece, e no último instante olho para o Colton. Ele está sentado quieto, os olhos completamente focados no horizonte.

E depois o sol já desapareceu.

Ele suspira. — Hoje não houve clarão verde.

O meu olhar encontra o seu por um breve momento, a seguir dirige-se para a mancha vazia de céu onde o sol quase pôs a nu os meus segredos, e é tudo o que consigo fazer para não chorar.

No meu quarto, por detrás da porta fechada, já não consigo conter-me mais. As minhas mãos tremem quando tiro o calendário da parede e me sento no chão com ele. Como é que eu pude esquecer-me? Qual foi a manhã em que acordei e não pensei no número? Qual foi a noite em que me deitei sem que o Trent fosse o meu último pensamento?

Passo as folhas para trás percorrendo os meses até ao dia 365, que é uma data que nunca poderei esquecer. Ponho o dedo no quadradinho que vem a seguir a ele, porém um soluço sacode-me, solta as lágrimas que consegui reter durante todo o caminho até casa. A culpa acumula-se no meu estômago.

Como é que perdi a conta?

Limpo os olhos e tento concentrar-me na grelha de casas vazias que foram dias vazios do Trent, dias que eu contava porque isso era uma pequeníssima maneira de continuar ligada a ele, de saber sempre há quanto tempo tinha sido, e preciso de voltar a saber...

— O que estás a fazer? — pergunta a Ryan. Nem sequer a tinha ouvido entrar, mas no instante em que me vê ajoelha-se à minha frente. — O que se passa?

Deixo cair o calendário, ponho a cabeça nas mãos, e soluço.

— Então, Quinn, o que foi? — A voz dela denota compaixão, o que torna as coisas ainda piores.

Levanto a cabeça e olho para ela. — Eu não... — Uma torrente de lágrimas escorre dos meus olhos. — Eu não sei há quantos dias é que ele morreu, perdi a conta, e agora não consigo lembrar-me, e

preciso de... — Tomo uma lufada de ar antes que outro soluço me sacuda, e torno a enfiar a cabeça nas mãos.

Os braços da Ryan envolvem-me, e sinto o queixo dela pousado na minha cabeça. — Chiuuu... está tudo bem. Está tudo bem — repete, e eu quero acreditar nela, mas ela não faz ideia. — Não tens de continuar a contá-los — diz com doçura.

Choro contra o peito da minha irmã, a única resposta que consigo dar.

— Não tens — diz ela, afastando-se ligeiramente de forma a poder olhar para mim. — Isso não significa que tenha perdido importância, ou que tu sintas menos falta dele.

Aperto os lábios, abano a cabeça. Há tantas coisas que ela não sabe.

— Não significa — diz ela, mais firme agora. — Vai acontecer, e é assim que é suposto. É-te *permitido* sentires menos dor, e é-te *permitido* voltares a sentir-te feliz. — Faz uma pausa. — Podes começar a viver de novo, isso não é uma traição ao Trent. Ele quereria que o fizesses.

Uma nova onda de lágrimas se solta ao ouvir o seu nome.

— Mas porque é isto? — pergunta ela. — É porque te esqueceste do número de dias, ou é por causa do Colton? Porque vocês têm passado todos os dias juntos nas últimas duas semanas, e sabes que mais? Tens estado feliz. Não precisas de te sentir culpada por isso.

— Mas é...

— É uma coisa *boa* — interrompe a Ryan.

Quero acreditar nela, e parte de mim acredita. Parte de mim sabe que ela tem razão, porque não posso de maneira nenhuma negar o modo como me sinto quando estou com o Colton. Mas também não posso negar o sentimento de culpa quase à superfície de cada vez que estou com ele. Parece uma traição ao Trent sentir-me assim. E sei que esconder tudo do Colton ainda é uma traição maior. Ponho-me a fixar o calendário no chão à minha frente, cada quadradinho em branco, um dia igualmente vazio até o conhecer.

— Então — diz a Ryan, segurando-me o ombro com força. — Vais

ter dias e momentos como este, quando tudo volta de repente ao teu pensamento, e não faz mal. Mas também vais ter dias, muitos, em que te sentirás feliz, e isso também está bem. — Prende-me o cabelo atrás da orelha. — Acredites ou não, vai haver um dia em que voltarás a apaixonar-te. Mas tens de te abrir a isso.

Sei que ela está a tentar olhar-me nos olhos, porém continuo focada no calendário que tenho no colo.

— Vocês os dois amavam-se muito, contudo tens uma vida inteira à tua frente. Tens de entender que o Trent desejaria isso para ti.

Inclino a cabeça como se ela tivesse razão, e limpo as lágrimas da face, depois olho-a nos olhos e digo: — Eu sei. — Mas não é porque acredito nela. É porque preciso de ficar só. Porque se o Trent pudesse ver-me agora, não sei se ele queria que eu fizesse *isso*.

«A tua visão só ficará nítida quando conseguires olhar para dentro do teu coração...
Quem olha para dentro, acorda.»

Carl Jung

CAPÍTULO VINTE

JÁ ESTOU ACORDADA quando o meu telemóvel toca sobre a mesa-de-cabeceira. Sei que é o Colton para me desejar boa noite, contudo hesito em vez de pegar nele. Não me expliquei depois de ontem ter querido vir-me embora tão abruptamente, e ele nada perguntou, mas sei que isto não pode continuar por muito mais tempo — eu ter estas crises e ele simplesmente deixar passar. Vai acabar por me pedir explicações, e eu não sei o que farei então. Momentos depois o telefone emite o sinal de mensagem no *voicemail*.

— Quinn? — Batem à porta do meu quarto. — Já estás acordada? — É a voz do meu pai.

— Já — respondo, suficientemente alto para que ele me oiça. — Entra.

Sento-me, e ele abre a porta mas não entra. Fica ali parado, equipado para correr, o que é uma surpresa. É um dia de semana. — Bom dia, *Luz do Sol*. Horas de corrida.

— Onde está a Ryan? — pergunto. Após o episódio de ontem à noite com o meu calendário, também estou um bocado cautelosa quanto a vê-la.

— Ela saiu para ir pintar — diz o pai, e sinto uma ponta de alívio. — Já só faltam alguns dias para terminar o prazo de entrega do portfólio. E parece preocupada com isso. Levou todo o seu material e disse que só voltaria hoje à noite. — Encolhe os ombros. — Seja como for, deixou-me ordens rigorosas para cumprir como teu parceiro de corrida.

— E o teu trabalho?

— Tirei o dia, um dos privilégios de ser o próprio patrão. — Bate as

palmas. — Vamos a isso!

Digo que sim com a cabeça, mas não me mexo. O calendário ainda está no chão junto à minha cama, e continuo sem saber quantos dias passaram. Depois de a Ryan ter saído daqui ontem à noite, deixei-me cair em cima da cama, incapaz do que quer que fosse, muito menos de contar os dias.

— Não te levantes de repente — diz ele, fazendo uma expressão um pouco mais séria.

Imediatamente me sinto mal. — Desculpa, eu só... — Ainda me sinto esgotada depois da noite passada. Pesada e vazia ao mesmo tempo. — Hoje não me apetece mesmo ir correr.

Então o meu pai entra e senta-se na outra ponta da cama. — E que tal uma corrida com pequeno-almoço? Agora é a nossa oportunidade. Vem lá. Ultimamente não tens parado muito cá em casa. Quero ouvir as novidades. Enquanto comemos *bacon*. E ovos. E pãozinhos tostados com molho.

— Tu não podes.

— Molho *light*. E *bacon* de peru. — Agarra o meu pé através da roupa da cama. — Vem lá! Anima o teu velhote com a tua companhia.

Sorrio e cedo. Estou com um bocado de fome. E já há bastante tempo que não fazemos isso.

Estamos sentados no mesmo quiosque onde ficávamos sempre quando vínhamos aqui dantes. O pequeno-almoço com o meu pai na Lucille era outra daquelas coisas, como correr, que começaram como parte da nossa rotina regular, depois quando a empresa aumentou passou a acontecer apenas em ocasiões especiais, e por fim acabou. Não consigo recordar-me da última vez que aqui estivemos, mas nada mudou no pequeno restaurante. O pai debruça-se sobre o seu café na caneca lascada, fecha os olhos, e inspira o aroma como se fosse o melhor aroma do mundo.

— Então quais são as tuas novidades? — Toma um gole. Saboreia-o. — Quase tens passado os últimos dias na praia.

Concordo com um aceno. — Tenho-me divertido por lá.

— E a Ryan disse que já voltaste a correr a grande velocidade. Que estás a levar-lhe a melhor. — Sorve mais um gole de café.

— Ai sim? — Isto faz-me sorrir, porque ela mais depressa seria capaz de se esforçar até desmaiar do que admitir isso perante mim. — Tem piada, porque a mim ela apenas diz que consigo fazer melhor.

O meu pai ri-se. — Isso é capaz de ser verdade. Provavelmente consegues. A tua irmã diz o que pensa. Sempre foi assim. — Faz uma pausa e pousa o café para pegar na ementa.

Penso nas coisas que a Ryan me disse ontem à noite, acerca de não contar os dias, ou de me sentir mal por passar tempo com o Colton, e quero tanto acreditar nela, contudo é difícil, sabendo que aquilo que ela vê não é a história toda.

O meu pai fecha a ementa e dobra as mãos em cima dela, e posso dizer que há algo mais neste passeio com pequeno-almoço. Fico tensa, à espera de ver o que é e na esperança de que ela não lhe tenha contado acerca do Colton, ou da noite passada, ou qualquer outra coisa.

— Estive a pensar — diz ele, tentando parecer despreocupado mas sem o conseguir. — Tu talvez pudesses considerar a hipótese de te matriculares nalgumas disciplinas na faculdade da cidade; assim poderias integrar a equipa de corta-mato. O treinador iria adorar ter-te na equipa. Ele disse que gostaria de te ter como elemento extra.

— *O quê?* — A surpresa esconde o meu alívio. — Foste saber?

— Foi a Ryan.

— Uau, será que eu sou o seu trabalho de projeto para este verão?

— Não — responde o pai —, ela apenas quer ver-te feliz. E voltares a correr parece ser uma das coisas que te faz feliz. — Faz uma pausa. — Sabes, além da praia, e de quem quer que lá esteja. Será o tal rapaz que mora lá ao pé da praia?

Baixo os olhos para a ementa, subitamente nervosa. — A Ryan também te disse isso?

— Ela não precisa de dizer, a tua mãe e eu percebemos muito bem. E é bom que assim seja, Quinn, é...

— Ai, meu Deus! — Vejo um perfil familiar a levantar-se dois

quiosques atrás do meu pai.

— Minha querida, é realmente bom...

Abano a cabeça, aceno para detrás dele porque não consigo dizer nada.

Ele volta-se e também a vê, só que não fica paralisado como eu estou neste momento. Em vez disso pousa o guardanapo na mesa, levanta-se, e vai cumprimentar a mãe do Trent. Abraçam-se os dois, e não consigo ouvir o que dizem, contudo vejo-o apontar para mim sentada à mesa antes de avançarem na minha direção. Ponho-me de pé, sentindo-me de repente culpada por ter passado tanto tempo sem ir visitá-la.

— Quinn, querida! — exclama ela, abrindo os braços. — Que bom ver-te!

— Digo o mesmo — respondo, e, à parte o choque inicial, é mesmo verdade.

Ela dá-me um abraço tão longo e apertado que se torna até um pouco desconfortável. Finalmente, afasta-me segurando-me pelos ombros. — Olha só para ti! Estás com ótimo aspeto!

— Obrigada, o mesmo digo eu de si. — E falo verdade. As olheiras escuras que pareciam permanentes desapareceram, e voltou a pintar o cabelo, e até pôs um pouco de maquilhagem. Quase parece a versão de si própria que costumava meter-se connosco quando nos apanhava a beijarmo-nos, e que se preocupava tanto como o Trent com as horas das minhas corridas. Como ela era, dantes. Quase.

— Obrigada — diz. — Tenho tentado sair mais ultimamente, fazendo voluntariado aqui e ali, mantendo-me ocupada. Tu sabes — acrescenta, e há na sua voz uma ponta de tristeza.

O meu pai faz um esforço para aligeirar a conversa. — A Quinn também tem andado ocupada — diz ele. — Voltou a correr, anda a ter aulas de caiaque...

Interrompe-se um pouco para me deixar espaço para falar. Não o faço. «Andar ocupada» parece ser indicativo de «seguir em frente», o que poderá soar a falta de sensibilidade para com a mãe do Trent, apesar de ter sido ela a primeira a dizê-lo sobre si própria.

Ela inclina a cabeça de lado, estende um braço e pousa a mão na minha face. — É fantástico ouvir isso, minha querida. E quanto aos estudos?

O meu pai aclara a voz, e eu surpreendo-me com as minhas próprias palavras; porém, não quero que ele volte a ter de responder por mim. — Ainda estou a pensar no assunto, mas no outono talvez vá frequentar algumas aulas na faculdade da cidade... o bastante para correr na equipa deles.

Sinto o meu pai sorrir ao meu lado.

A mãe do Trent torna a envolver-me num abraço. — Ai Quinn, isso é magnífico! — Aperta-me com força e fala mais baixo, junto ao meu ouvido. — O Trent ficaria muito satisfeito por estares tão bem. Tão feliz.

Penso na maneira como passei os primeiros quatrocentos dias após a sua morte; pela primeira vez, tento realmente imaginar o que ele teria pensado se pudesse ter-me visto então. Não sei se é desta mudança evidente ou da sinceridade na voz da mãe dele, mas acredito nela. Acho que, se ele pudesse ver-me agora, queria que eu «continuasse ocupada», e fizesse planos, e... seguisse em frente.

— Ouve — diz ela —, eu tenho um compromisso, por isso preciso de ir andando, mas foi muito bom ver-vos a ambos.

Dá-me mais um abraço, a seguir abraça também o meu pai. E depois, antes de se voltar para se ir embora, diz adeus, mas oiço algo mais nessa palavra. De certo modo este «adeus» soa um pouco mais derradeiro do que os adeuses que costumávamos dizer. Um pouco mais desprendido. Embora isso me deixe um bocadinho triste, eu entendo. Ficaremos sempre ligadas através do Trent, e do nosso passado, mas o tempo diluiu essa ligação e ela é já mais ténue, o que parece inevitável.

Depois de ela sair, o meu pai olha para mim. — Estás bem? Isto foi... inesperado.

— Eu estou bem — respondo, com sinceridade.

— Ótimo — diz ele, passando o braço em volta do meu ombro. — Vamos terminar o nosso pequeno-almoço?

Voltamos a sentar-nos à mesa, e algo em mim fica mais relaxado, o suficiente para eu lhe falar um pouco do Colton: que a família dele tem uma loja de aluguer de caiaques, conto-lhe da gruta e do medo que tive ao remar lá para dentro, e a falésia onde fizemos um piquenique. Sabe bem falar dele em voz alta. Não o manter tão em segredo e separado desta parte da minha vida. Estou a descrever-lhe pequenos detalhes de todas estas coisas quando me apercebo de que o meu pai está simplesmente a sorrir e a ouvir.

— O que foi? — pergunto, repentinamente constrangida.

— Nada — diz ele, abanando a cabeça. — É que dá ideia de que ele é alguém com quem é agradável conviver. É boa para *ti*, essa convivência.

Sorrio. — Tens razão.

Nesse momento sinto falta do Colton, e reparo que hoje é o primeiro dia em não sei quantos que não o vi. Nem sequer tive oportunidade de ouvir a mensagem dele.

Quando chego a casa, fecho a porta do meu quarto e carrego na tecla do *voicemail* do meu telemóvel, à espera de ouvir a voz do Colton, soando, como sempre, como se estivesse a sorrir enquanto fala.

Olá, bom dia. Provavelmente já acordaste e estás a correr pelos montes com a tua irmã. Sei que se calhar íamos dar um passeio junto à costa, mas... hum... esqueci-me de que tenho de ir hoje ao Norte. Um assunto da loja, por isso temos de deixar para outra altura. A boa notícia é que estarei de volta amanhã à noite, portanto poderias certamente vir até cá para o fogo de artifício, se puderes... se quiseres. Pausa. Quero que venhas. Mais uma pausa, e a seguir uma pequena risada. Como quer que seja. Telefona-me quando puderes, OK? Vemo-nos amanhã à noite. Espero.

Torno a ligar a mensagem e escuto a voz dele segunda e terceira vez, e quando penso que vou vê-lo de novo, também espero que, seja o que for que haja entre nós, possa ser mais. Que possamos ser mais.

«Não há instinto como o do coração.»

Lord Byron

CAPÍTULO VINTE E UM

EM TODOS OS nossos dias passados juntos, ainda não fui a casa do Colton, mas ele pediu-me que fosse lá ter com ele esta noite. Não preciso de olhar para a morada para saber qual delas é, porque vejo a sua carrinha estacionada na garagem aberta assim que faço a curva para entrar na rua. No trecho de rua muito inclinada ladeada por vivendas caiadas de branco e de estilo moderno, a do Colton sobressai, e o meu primeiro pensamento é *Evidentemente, esta é a casa dele*. Fica um bocado mais recuada na propriedade do que as outras, a fachada dianteira revestida de ripas confere-lhe um aspeto mais agradável e caloroso do que as casas em redor, com as suas linhas a direito e exteriores frios. Flores tropicais de cores vivas rematam as extremidades do relvado, e na balaustrada do segundo piso está pendurada uma série de toalhas e fatos molhados.

Abrando e estaciono do lado oposto, e uma pequena onda de nervosismo percorre-me ao ver o Colton sair pela porta, entrar na garagem e atirar umas toalhas para dentro da carrinha. Está para se virar e voltar para trás quando me vê e avança na minha direção. Respiro fundo antes de sair do carro, agora ainda mais ansiosa porque há já um dia que não nos vemos e porque nunca estive na casa dele. Ou talvez porque a Ryan insistiu para que eu usasse o vestido dela. Ou porque é a esta hora que costumo voltar para casa. É uma sensação diferente, chegar à noite.

— Uau! — exclama o Colton, encontrando-se comigo a meio da rua. — Tu estás... uau!

— Obrigada? Será? — respondo, agradecendo à Ryan em silêncio.

— Desculpa, sim. É claro que foi um cumprimento. — Baixa os olhos, e vejo neles um laivo de insegurança que me faz sorrir.

— Tu também estás com um *look* «uau» — comento, apontando para o seu uniforme já familiar de *T-shirt* e calções de *surf*. Ele ri-se, mas é verdade. A blusa é bem justa aos ombros, e o seu verde-profundo realça-lhe o bronzado e os olhos.

— Obrigado — diz ele. — Bem tento.

Estamos ali parados no meio da rua, desfrutando o ar da noite e a companhia um do outro, até que um automóvel surge da esquina, depois abrandando, arrancando-nos ao nosso pequeno momento.

Com um aceno de cabeça, o Colton indica a garagem. — Tenho só de carregar o caiaque e depois podemos ir. — Lança-me um olhar enquanto nos dirigimos para a entrada da casa. — Trouxeste fato de banho, não foi?

— Trouxe, está no carro. Achas que vá buscá-lo?

— Sim. Na verdade, talvez prefiras vesti-lo aqui para não teres de o pôr no parque de estacionamento.

Embora eu esteja mais que habituada a mudar-me por baixo duma toalha bem segura, é mais agradável não ter de o fazer, por isso volto ao carro e pego no fato de banho. Quando volto à garagem, o Colton está a empurrar o caiaque para cima do tejadilho da carrinha.

— Onde é que eu...

— Podes usar a minha casa de banho — diz ele por cima do ombro enquanto empurra o caiaque para a frente, para o porta-bagagens acima da sua cabeça. — É ao fundo do corredor, a última porta à esquerda.

— OK — respondo distraidamente, mas sem ir a lado nenhum.

Os meus olhos descobriram a estreita faixa de pele exposta entre o cóis dos calções do Colton e a *T-shirt*, quando ele se estica para prender o caiaque no porta-bagagens. A pele é muito mais clara do que a do rosto ou dos braços, e sei porquê. Ele nunca tira a *T-shirt*. Nunca o vi sem ela, apenas imaginei as suas cicatrizes e como estarão agora, sempre escondidas por baixo dum fato de mergulho ou duma blusa para desportos náuticos ou duma *T-shirt*.

Ele repara que estou a olhar e sorri antes de baixar os braços, escondendo o que não está preparado para me mostrar. — Queres

que vá indicar-te?

Quero, penso. — Não — respondo. — Eu encontro-a. — Saio pela porta que dá para o corredor. Expiro.

Viro à esquerda e sigo pelo corredor, que está às escuras com exceção duma luz que vem duma porta ao fundo à direita. Estou prestes a passar por ela em direção à casa de banho, mas no momento em que chego à réstia de luz que sai do quarto, algo numa prateleira atrai o meu olhar.

Paro em frente da porta entreaberta, não querendo ser bisbilhoteira, e depois olho de relance para trás para me certificar de que o Colton não vem lá, o que me faz sentir ainda mais culpada. Porém, ao ver apenas a porta fechada que dá para a garagem, a curiosidade vence-me e empurro suavemente a porta.

Fico sem fôlego.

Ao longo de todas as paredes do quarto há prateleiras com garrafas de todos os tamanhos e feitios, e cada uma delas contém um barco, flutuando por detrás do vidro. A que eu vi do corredor é a maior de todas, como um frasco grande e transparente deitado de lado, com um daqueles navios com mastros altos com várias velas, enfunadas por um vento invisível. Dentro de outras encontram-se navios mais pequenos, barcos à vela, e outras embarcações cujos nomes desconheço. Algumas garrafas são redondas e perfeitamente transparentes; outras são quadradas, ou feitas de vidro espesso, desfocado por bolhas, de maneira que os barcos no seu interior se revelam mais esbatidos, quase como num sonho.

Não consigo evitar. Entro mesmo no quarto e pego numa das garrafas mais pequenas. Dentro dela está o que dá ideia de ser um barco de piratas, com velas escuras rasgadas que parecem flutuar ao vento. Reviro a garrafa nas mãos, depois ergo-a acima da cabeça, inspecionando o fundo para ver se consigo perceber como é que o barco foi posto lá dentro.

— Esse é o *Essex* — diz o Colton atrás de mim. A voz dele causa-me uma desagradável surpresa. Abro a boca para dizer algo, revolvo desajeitadamente a garrafa nas mãos, e depois torno a pousá-la

muito depressa na prateleira, com uma sensação de culpa, culpa, culpa. Ele tira-a delicadamente da prateleira e segura-a entre nós.

— Desculpa — digo. — Não queria ser bisbilhoteira. Ia para a casa de banho, mas quando vi os barcos pela porta entreaberta, não consegui... Este é o teu quarto?

O Colton ri-se, depois pouisa a garrafa e passa os olhos pelas paredes, com todos os seus barcos e garrafas. — É — responde.

Também olho em volta, não exatamente para as paredes com barcos, mas para a secretária, onde apenas se encontram algumas fotos emolduradas da sua família e um daqueles candeeiros articulados extensíveis. Ao lado dela, a cama feita com cuidado e com um edredão azul simples. Por cima da cabeceira, pintada na parede numa letra à moda antiga, encontra-se uma citação que me parece vagamente familiar: *Um barco no porto está seguro, mas não é para isso que os barcos são feitos.*

Os meus olhos viajam até à mesa-de-cabeceira, onde se encontra uma garrafa de água, uma pilha de livros, e duas filas de frascos cor de laranja com comprimidos. Afasto o olhar, sabendo que ele não quereria que eu os visse, e aponto para as paredes com barcos. — Fazes coleção?

O Colton clareia a voz, nervoso ou talvez um pouco embaraçado, não consigo dizer. — Mais ou menos. Isto é, fui eu que os fiz.

— Foste tu que os *fizeste*? — Devem estar ali centenas deles, empilhados em quatro filas de prateleiras em todas as quatro paredes do quarto. — *Todos* eles? Uau!

— Sabes, não costumo contar isso às pessoas. — Sorri, mas os seus olhos não procuram os meus. Também estão a olhar para todas as garrafas. — É um passatempo mais próprio de velhotes.

Não consigo deixar de rir. — Não é um passatempo de velhotes — afirmo, embora num tom pouco convincente. Provavelmente porque parece que é.

O Colton vira-se agora para mim. — Não, é mesmo. O meu avô ensinou-me a fazê-los há uns anos. — Faz uma pausa, percorre com os olhos as paredes de barcos metidos em vidro. — Ele chamava-

lhes «garrafas de paciência». Os marinheiros antigos costumavam fazê-los usando tudo o que encontravam em volta das suas embarcações quando ficavam retidos no mar meses a fio. Era uma maneira de passarem os dias.

Observo-o a olhá-los, observo o sorriso que se desfaz ligeiramente no seu rosto, e as coisas que ele diz começam a relacionar-se na minha mente: «há uns anos», «garrafas de paciência».

— Eu costumava ter muito tempo livre — acrescenta —, e acho que ele pensou que era uma boa maneira de o passar. Um dia trouxe-me um conjunto e pousou-o em cima da secretária, e trabalhámos juntos nele até o terminarmos. — Olha para o que tem nas mãos, e sorri de novo. — Tu pegaste no primeiro de todos que eu construí.

— Posso? — pergunto, estendendo novamente a mão para a garrafa.

Ele entrega-ma, e olho mais de perto para o barco com as suas velas minúsculas. — Como é que os metes lá dentro?

— Magia — responde.

Dou-lhe um encontrão no ombro com o meu, e o contacto faz-me sentir uma palpação. — Não, de verdade. — Tento falar num tom sério. — Como é que fazes isso?

O Colton vira-se para mim e pousa gentilmente as mãos nas minhas sobre a garrafa, de modo que ficamos ambos a segurá-la, no pequeno espaço entre nós. Ele olha para mim por sobre a curva do vidro, as mãos quentes sobre as minhas. — Constrói-se o barco fora da garrafa de maneira a ele ficar todo achatado. E então enfiamo-lo lá dentro, esperando que tenhamos feito tudo corretamente, e puxamos o fio que faz levantar os mastros e as velas, e se tivermos sorte *acontece* uma magia, e eles erguem-se e voltam à vida.

Interrompe-se um pouco e olha para o barco através do vidro grosso, porém eu não consigo deixar de olhar para ele. Imagino-o aqui sentado neste quarto com o avô, pálido e magro como estava nas fotos, construindo pacientemente cada barco minúsculo enquanto esperava pela sua própria forma de magia. Por aquilo que lhe permitiria a *e/le* erguer-se e voltar de novo à vida.

— Não é complicado — afirma, após um longo momento. — Apenas frágil.

Frágil.

A palavra atinge-me, leva-me novamente para o que a enfermeira do serviço de urgência me disse acerca do coração do Colton. — Eles são lindos — afirmo. — Ainda continuas a fazê-los?

Por um instante os olhos dele piscam desviados, depois regressam aos meus, e ele sorri. — Não propriamente. Isso foi... — Faz uma pausa, parece recompor-se. — Não vale a pena estar a construir barcos pequeninos que nunca verão o oceano, quando podemos ir nós para o oceano real todos os dias.

Sorri, muda rapidamente de expressão, e eu sinto que a conversa terminou. Chega deste quarto. — Por falar em ir para o oceano — diz ele —, devíamos ir andando para não perdermos o fogo de artifício.

— OK — respondo, ainda não pronta para sair daqui. — Só preciso de um minuto para me mudar.

Contudo, em vez de sair, detenho-me... estendo a mão na direção dele, do seu peito. Suavemente. Cuidadosamente.

Frágil, penso.

Mas não é assim que a minha mão o sente. De modo nenhum. Através de todas as camadas entre nós — a camisa dele, a cicatriz que ela esconde, e a curva sólida do seu peito —, quase posso sentir o bater firme e inconfundível do seu coração.

O meu dá saltos, e uma atração súbita puxa-me um passo em frente, na direção dele. Ficamos assim ali junto à porta por um longo momento que também parece frágil. Ele olha para a minha mão pousada no seu peito, e embora eu queira mantê-la ali, continuar a sentir isto, retiro-a, e passo por ele saindo para o corredor, deixando para trás de mim os barcos, e aquela proximidade, e o ritmo dos nossos batimentos cardíacos remoinhando no ar.

«A luz quebra-se onde o sol não brilha;
Onde o mar não corre, as águas do coração
Movem-se nas suas marés»

Dylan Thomas

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A PRINCÍPIO PENSEI que a cor avermelhada da água era uma ilusão de luz. Fazemos deslizar o caiaque lá para dentro no momento exato em que o sol puxa o seu último pedacinho para baixo do horizonte, deixando atrás de si um céu cor de laranja intenso que rapidamente empalidece para azul em redor das suas orlas. O ar está parado e morno, e a superfície da água está tão calma que parece mais um lago do que o oceano.

— Uau! — murmuro ao ajudar o Colton a empurrar o caiaque até onde a água nos chega aos joelhos. — Esta noite isto está tão bonito!

O Colton mantém os olhos no horizonte. — Eu podia observar esta cena todos os dias, sem nunca me faltar.

— Eu também — respondo. *Assim*, penso. Aqui com os dedos dos pés enterrados na areia, a água a remoinhar fresca e suave em volta das minhas pernas... *contigo*.

— Pronta? — pergunta o Colton, segurando o caiaque com firmeza para que eu entre.

Assim faço, e ele vem um segundo depois de mim, e logo que estamos instalados enfiamos os remos na água escura. Ultrapassamos facilmente uma pequena onda e a seguir mais outra. Baixo os olhos para o meu remo quando ele surge à superfície, deixando para trás remoinhos cor de ferrugem. — Por que razão a água está assim? — pergunto sobre o ombro.

— É uma maré vermelha — responde o Colton.

— Uma *maré vermelha*? — torno a olhar para baixo, não me agra- dando o que isso sugere, sobretudo depois de ele me ter convencido

a remar desde a nossa pequena enseada até ao molhe às escuras para assistirmos ao fogo de artifício a partir do mar. Viro-me rapidamente para o olhar de relance. — Até estou com medo de perguntar o que isso é.

— Nada que devas recear — diz ele. — É por causa duma espécie de algas que florescem de repente, em redor de toda a costa. É espantosamente bonito quando assim acontece.

— A sério? — Mantenho os olhos na água enquanto deslizamos lentamente sobre ela. Parece mais suja do que espantosa.

— Sim. É uma daquelas coisas que sucedem casualmente... ninguém pode prever ou controlar, acho que porque ninguém sabe sequer com rigor o que causa isto, mas à noite...

Ele continua a remar, e quando me volto para trás o seu rosto está todo iluminado de um modo que já me é familiar. Isso faz-me sorrir. — À noite, o quê? — pergunto.

Ele espalha o olhar sobre a água como que hesitando se deve ou não responder, depois lança-me um grande sorriso, com covinhas na cara. — Espera só. Já vais ver.

— Agora é que estou mesmo *com medo* de perguntar.

O Colton ri-se. — Não há nada que meta medo, garanto.

Aponta com o remo para a silhueta do molhe à distância. — Vamos. Temos de avançar mais depressa, se quisermos chegar lá a tempo de vermos começar o fogo de artifício.

Olho para o cais que se projeta pelo oceano dentro contra um céu que vai escurecendo rapidamente. — Parece que já está tão longe... Tens a certeza de que conseguiremos regressar? Não vamos perder-nos no mar? Ou ser devorados pela maré vermelha da noite ou por outra coisa qualquer?

— Não posso prometer nada — diz o Colton, encolhendo os ombros. — Tudo isso são riscos que quero correr esta noite. — Sorri, calmo e confiante, completamente à vontade na água e na ocasião, e eu sinto novamente aquele alvoroço no ar entre nós.

— Riscos que tu queres correr, hã?

Ele acena lentamente que sim e tenta manter uma expressão séria.

— Em teu benefício, é claro.

— Então está bem — respondo, incapaz de evitar um sorriso. — Nesse caso, acho que também quero.

— Ótimo — diz o Colton, e tenho a certeza de que desta vez é a resposta que ambos esperávamos e calculávamos. Ele não tira os olhos dos meus enquanto o sorriso se insinua de novo no seu rosto. — Não te vais arrepender.

O céu torna-se anil e surgem as primeiras estrelas, minúsculas e brilhantes, sobre o oceano à medida que nos movemos suavemente pela sua superfície. As minhas remadas são fortes, a princípio tão cheias de energia nervosa que tenho a certeza de que podia remar até ao horizonte e voltar sem dificuldade. Mas após alguns momentos em silêncio entramos no nosso ritmo familiar, sem palavras, e sinto-me descontraída e de novo naquele ponto que faz desaparecer tudo exceto o oceano, e o céu, e nós... deslizando juntos através daquele lugar invisível onde um acaba e o outro começa.

Os meus olhos adaptam-se gradualmente à escuridão, quase à mesma velocidade a que ela nos envolve. Fecho-os por um momento para deixar que o ar e a água e a noite me invadam. Tudo parece eletrizante. Vibrante, e cheio de vida, e carregado de possibilidades. Avançando sobre a água, no meio do escuro, também eu me sinto assim. É um sentimento que começa no fundo do meu peito e se espalha para fora, vasto e grandioso. Quase demasiado para poder contê-lo. Numa fração de segundo vejo a gravura em cima da minha cómoda, o coração de vidro vermelho bem encerrado na sua garrafa, e depois todos os barcos do Colton nas suas garrafas, e é quando entendo as palavras escritas na parede acima delas: *Um barco no porto está seguro, mas não é para isso que os barcos são feitos.*

É para isto que eles são feitos, para este sentimento aqui. E quem sabe... quem sabe para que também os corações são feitos.

Ainda tenho os olhos fechados quando sinto o remo do Colton interromper o ritmo, e sei que ele levantou a pá da água. — Aqui estamos — diz ele atrás de mim, a voz repleta de emoção. — Quinn... estás a ver?

Abro os olhos, e ele inclina-se para a frente o mais que consegue, arrastando o remo pela água ao meu lado. Por um instante tenho a certeza de que os meus olhos estão a pregar-me partidas. A noite já caiu completamente, as luzes do cais brilham ao longe, e as estrelas salpicam o céu por cima de nós; mas no lugar onde o remo dele corta a superfície, emerge um brilho azul-pálido. Pisco os olhos, e ele desapareceu.

— Viste aquilo? — pergunta o Colton, e, antes de eu conseguir responder, ele torna a arrastar o remo na água. Novamente aparece um brilho azul ténue que desaparece tão depressa como surgiu.

— O que é aquilo? — pergunto. Observo a água, à espera de que ele apareça outra vez.

— É a água — diz o Colton. Ri-se carinhosamente ao mergulhar uma das extremidades do remo, remexendo-o com força e fazendo acender um outro brilho, desta vez mais intenso que o último.

— Mas... — Não termino. Em vez disso faço a mesma coisa com o meu remo e fico espantada ao ver surgir o mesmo brilho em volta dele. Rio-me alto. Não há explicação lógica para isto... esta coisa... nem sequer sei como chamar-lhe.

Sinto o Colton a observar-me. — Eu tinha esperança de que conseguíssemos vê-lo — diz ele.

— Mas é *o quê*? — Continuo a fazer girar o remo, incrédula.

— Chama-se bioluminescência — esclarece. — É daquelas algas todas de que te falei. — Ele usa a pá do remo para levantar alguma água e deixa-a escorrer até à extremidade, e quando as gotas batem na superfície geram uma luz azul minúscula, quase impercetível. Neste momento não consigo ver a expressão do Colton, devido à escuridão, mas pela sua voz sei que está a sorrir de orelha a orelha.

— Como é que elas... — Torno a agitar o meu remo na água, tentando ainda compreender como é que uma coisa destas pode ser real.

— É o seu mecanismo de defesa — diz ele. — Como um reflexo. Quando algo lhes toca, elas respondem com luz. — Descreve então um arco largo com o remo e o brilho azul-pálido reaparece, de certo

modo mais especial agora por causa do que acontece. Porque quando estas coisinhas minúsculas sentem medo, elas brilham.

— Isto é... é mágico. — Agito novamente o meu remo, com cuidado. Estou atordoada: com a noite, e a água, e o brilho. E com o Colton a mostrar-me tudo isto. A presentear-me com isto, para dizer a verdade.

— Como é que tu sabes tanto acerca de tantas coisas? — pergunto.

O Colton ri-se. — Isso é uma pergunta capciosa?

— Não, eu quero dizer...

Mordo o lábio, queria não ter feito a pergunta, porque o que eu quero dizer assusta-me. O que *quero dizer* é como é que ele consegue mostrar-me coisas que eu não sabia que tinha de ver, ou levar-me a lugares que eu nunca imaginaria que tinha de conhecer? Quando o Trent morreu, foi como se eu desse um passo atrás afastando-me da vida, porque percebi como ela é frágil. Mas o Colton... ele tem-me puxado de novo para ela desde o momento em que nos conhecemos. Tem-me mostrado o lado belo da mesma verdade.

— Não importa — digo após um momento. — Nem sei o que quero dizer. — Um estoiro não muito alto ecoa à distância, e sinto-me grata por ele desviar de mim a atenção do Colton.

— O primeiro da noite — diz ele, erguendo o queixo para o céu. Volto-me a tempo de ver um rasto de branco riscar o céu, depois explodir em pedacinhos de luz brilhantes e cintilantes que descem em arco sobre a água como um candelabro gigantesco. O Colton tira o remo do colo. — Vamos.

— Nem sequer preciso de fogo de artifício com isto na água — comento, ainda a remexer o meu remo. O efeito da luz azul-clara ainda não se desvaneceu em mim.

— Hoje é o 4 de julho; toda a gente precisa de fogo de artifício — diz o Colton. — Vamos. — Enfia o remo na água e põe-nos em movimento, e eu junto-me a ele; só que agora mantenho os olhos bem abertos, absorvendo o mais que posso à medida que nos

dirigimos para o cais, abrindo um sulco de um azul ténue e brilhante através da noite e da sua escuridão.

Remamos em direção aos estoiros fortes e às luzes que explodem, e após alguns minutos estamos suficientemente perto para eu conseguir sentir o cheiro do fumo sulfúreo e cada explosão de fogo de artifício no fundo do meu peito. Pessoas em toda a praia aplaudem quando uma luz vermelha, seguida de uma branca e outra azul iluminam a noite lá no alto e depois estalam salpicando tudo em volta. Remamos ainda para mais perto do molhe, e durante os estoiros de cor e luz que vêm de cima vejo a água marulhando suavemente contra os pilares cobertos de mexilhões.

— Muito bem — diz ele. — Queres assistir do melhor lugar de todos?

— Não é onde estamos agora? — pergunto, sem desviar os olhos do céu.

— Quase. Espera um bocadinho.

Mais um estoiro ecoa no meu peito, e sinto um arrepio com o ar subitamente frio. O caiaque baloiça, e o Colton atira qualquer coisa que cai na água com um baque pesado que chapinha.

— A âncora — diz ele. — Para não ficarmos à deriva.

Aceno afirmativamente enquanto ele se inclina para diante, para a parte mais baixa do meu assento, e solta a almofada deste. Não consigo ver quase nada, mas as mãos dele sabem como movimentar-se.

— Põe isto no fundo no lugar dos teus pés, para fazer de almofada. Eu vou manter o caiaque equilibrado.

Levanto-me o suficiente para puxar a almofada onde estava sentada e conseguir pô-la aos pés, depois o Colton passa-me três toalhas dobradas. — Toma — diz ele. — Usa-as para ficar mais fofo. Depois podes deitar-te para trás e pousar as pernas em cima da travessa do meio. — Dá uma palmadinha no separador dos nossos dois lugares.

— Então e tu?

— Vou fazer o mesmo, só um segundo.

— OK.

Por um momento tateamos ao nosso redor, cada um de nós movendo-se ligeiramente para tentar acomodar o outro, sem sabermos bem onde pôr os braços e as pernas numa tão grande proximidade. Aconchego as toalhas sobre a almofada o melhor que posso, depois deito-me cuidadosamente em cima delas, como ele disse.

Uma vez ajeitada, o Colton num instante faz a mesma troca com a sua almofada e baixa-se devagar, estendendo as pernas ao lado das minhas sobre a secção mais elevada entre nós. O caiaque balança suavemente enquanto nos estendemos, com as nossas pernas encostadas a todo o comprimento. O calor sobe pelas minhas, apesar da frieza do ar da noite.

— *Agora é que temos os melhores lugares de todos* — diz o Colton. Uma luz vermelha explode por cima de nós, fazendo-nos parecer corados como eu me sinto.

É preciso um esforço para afastar os olhos dos dele, mas recostome e olho para cima. O fogo seguinte é disparado até muito alto, um risco branco vertical no céu, e após uma pequenina demora em que penso que talvez ele não vá rebentar, uma luz azul brilhante explode sobre nós, depois cai, suave e lenta, antes de se desvanecer no ar em redor.

Ficamos ali deitados a ver o fogo de artifício explodir e cair à nossa volta, e consigo sentir os seus estalidos no meu peito, e o calor das pernas dele enredadas nas minhas, e a cada momento que passa algo mais vai ficando mais forte. Algo que eu não podia ter previsto, e que agora já não consigo controlar nem explicar. É uma atração que não quero combater mais... que *não posso* combater mais.

O barco baloiça suavemente quando me sento, e não fico surpreendida ao ver o Colton já sentado. Sei que ele sente o mesmo que eu. Ali estamos, sem palavras, cara a cara, no brilho acima e abaixo de nós. Tanta luz depois de tanta escuridão.

Ele ergue uma mão para a minha face, entrelaçando os dedos no meu cabelo, e depois passa o polegar, suave como uma pena, pela pequenina cicatriz do meu lábio inferior.

Aquele momento em que o vi pela primeira vez e os nossos mundos colidiram volta rapidamente à minha mente. Faz-me sentir toda arrepiada. Inclino-me para o calor do seu toque, solto um suspiro trémulo ao levar as pontas dos dedos ao seu peito.

— Quinn, eu... — Ele sussurra as palavras, inacabadas, para a minha boca, à medida que o espaço entre nós desaparece e os nossos lábios finalmente se tocam. Mil fogos de artifício explodem dentro de mim, e sinto-os também dentro dele, nos seus lábios nos meus, e nas suas mãos no meu cabelo, e no modo como nos chegamos um para o outro.

Tudo o mais desaparece, e neste momento, quando nos tocamos, somos luz.

«Uma das coisas mais difíceis na vida é ter palavras no coração que não podemos pronunciar.»

James Earl Jones

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ENQUANTO REMAMOS DE volta no escuro, a única coisa que consigo ver à minha frente é a linha que atravessei, e que é deslumbrante. Ainda sinto os lábios do Colton nos meus, e o desejo no seu toque, simultaneamente forte e suave. E ouço o som do meu nome, murmurado pelos seus lábios. Mas o que eu *vejo* quando fecho os olhos é o seu rosto, naquele preciso momento antes do beijo. Aberto. Confiante. Desconhecedor das verdades que eu tenho rodeado, verdades que agora parecem ter-se transformado em mentiras porque as deixei por dizer durante todo este tempo.

Remamos num silêncio que sinto mais tenso do que confortável, e à medida que avançamos pela água pergunto a mim mesma se o Colton sentirá o mesmo. Ao alcançarmos a praia, tenho a certeza de que sim. Ele não diz nada, mas lança-me um sorriso rápido quando erguemos o caiaque juntos e o carregamos acima das nossas cabeças, a pingar e com frio, até à carrinha. Depois de o colocarmos no tejadilho, ele pega na mochila e passa-me uma toalha. — Aqui tens — diz. — Eu vou... vou deixar-te trocar de roupa.

— Obrigada — respondo, e ele desaparece dando a volta até ao lugar do condutor para me deixar à vontade.

Ao estar ali sozinha, o ar parece mais frio do que parecia na água. Mesmo com a toalha bem enrolada a mim, é a tiritar que dispo o fato de banho por baixo dela e, com as mãos trémulas, procuro o meu vestido. Através das janelas consigo ver o contorno do Colton, que tira a camisola térmica pela cabeça e estende o braço para dentro da carrinha, para apanhar a camisa do seu banco. Olho para baixo, tento concentrar-me na tarefa de abotoar o vestido da Ryan, mas a porta

do Colton abre-se e vejo-o de relance, o cabelo emaranhado pela brisa salgada, as bochechas coradas pela frescura da noite, os lábios que sabiam a ambas as coisas quando ele me beijou. Uma ligeira palpação sobe pelo meu peito, enviando uma onda de calor que se propaga pelo meu corpo quando a porta dele se fecha de novo e a cabina torna a ficar às escuras. Inspiro fundo, depois expiro longa e lentamente. Não tenho outra hipótese senão contar-lhe — especialmente ao sentir-me como me sinto agora.

Acabo de me vestir devagar, deliberadamente. Torço e retorço o meu fato de banho molhado dentro da toalha. Torno a respirar fundo, fecho os olhos e revejo aquele beijo mais uma vez antes de estender a mão para o manípulo da porta do passageiro. Quando a abro, o Colton deita-me um olhar, depois roda a chave e liga o aquecimento no botão do painel de instrumentos. — Desculpa... eu já devia ter ligado o aquecimento. Pareces estar com frio.

Aceno que sim ao entrar, fazendo concha com as mãos junto à boca como se o frio fosse mais censurável que aquilo que vou dizer. Depois fecho a porta e engulo em seco. *Vá, diz. Conta-lhe.*

— Colton, há uma coisa...

— Queres ir a um *spa*?

Falamos ao mesmo tempo, as nossas palavras sobrepõem-se, intercetando-se mutuamente.

Ele ri-se. — Desculpa. Fala tu primeiro.

— Eu... — hesito, e a pouca coragem que tinha reunido esvai-se quando um sorriso se abre aos cantos da sua boca. — Ir *aonde*? — pergunto.

— A um *spa* — diz ele, com os olhos a brilhar com o reflexo do painel de instrumentos. — A Pousada Sandcastle tem um bom *spa* no telhado, e eu sei o código. Podíamos lá ir um bocadinho. Para aquecer.

O tom da sua voz é tão esperançoso que me imagino, por um segundo, sentada com ele num *spa* num telhado, com o vapor a subir no ar da noite, a água quente a remoinhar à nossa volta, e...

— Não posso — respondo demasiado depressa. — Eu... eu tenho

de ir para casa. — Passo a mão por cima do meu ombro para apanhar o cinto de segurança e prendo-o como que numa decisão final.

— Não entendo — diz o Colton. O sorriso desapareceu da sua voz.

Os seus olhos, vagueando no escuro, procuram um motivo para a maneira como eu passei de tão próxima a tão distante. Olho para as minhas mãos no meu colo, e não digo nada. *Não consigo* dizer nada.

Um alarme toca no telemóvel dele, pousado no *tablier*, e ele estende a mão e desliga-o sem sequer olhar.

Espreito o telemóvel. Preferia que ele não o ignorasse, pois sei que é para lhe lembrar a toma dos remédios.

O Colton aclara a voz, endireita-se no banco. — Há pouco na água, foi...

Os meus olhos voltam a dirigir-se para ele, toda eu desejo ouvir o resto daquela frase. Desejo saber o que ele achou. Mas ele simplesmente olha para baixo e tamborila com os dedos no volante, observando-os durante um longo momento. — Desculpa — diz. — Pensei que tu sentiste... — Abana a cabeça, põe a carrinha em movimento. — Não importa. Vou levar-te ao teu carro.

Roda o volante, e avançamos lentamente para a estrada que conduz à casa dele, e sem que ele saiba a verdade: nem acerca do Trent, nem do seu coração, nem o que eu também senti há pouco.

— Para — peço delicadamente. O Colton trava e olha para mim, e vejo esperança sem reserva. — Senti — afirmo. — Senti o mesmo.

O alívio inunda-lhe o rosto, e eu tento ser tão corajosa e honesta como ele foi mesmo agora.

— Lá no mar foi... — Faço uma pausa, reunindo coragem. — Foi a primeira vez que me senti assim desde há muito tempo. Desde... — Está tão perto, a coragem, já a vir de novo à superfície. — Desde que perdi alguém que me era muito próximo — digo, encontrando a minha voz. — Alguém que eu amava. — Há um ligeiro alívio neste pedacinho de verdade, mas é momentâneo.

— Eu sei — diz o Colton, baixando os olhos para o volante.

Tudo em mim — respiração, pulsação, pensamento — para.

— Tu sabes?

Os olhos dele percorrem-me, e não vejo nenhuma das coisas que esperava: dor, raiva... nada disso. A única coisa que neste momento consigo detetar nele é compadecimento. — Achei — diz ele, em voz baixa — que tu te reprimes... como as pessoas agem por vezes quando perderam alguém. — Faz uma pausa. — Ou quando pensam que vão perder. Há uns anos tive uma namorada que ficou assim quando as coisas... — Tosse levemente. — Ela reprimia-se assim comigo. Como tu fazes.

O meu coração volta a entrar em ação, batendo com força contra as minhas costelas, alternadamente com um sentimento de culpa, com preocupação e com alívio. Ele não sabe que está a falar do Trent, mas consegue ver mais do que eu avalio.

— Lamento muito — digo. — Já devia ter-te contado há mais tempo, mas tenho...

Tenho-me reprimido por mais motivos do que apenas por sentir culpa em relação ao Trent. Tenho-me reprimido porque receio o que acontecerá se souberes a verdade. O que irei perder.

Sinto um nó na garganta, e as lágrimas inundam-me os olhos, prontas a transbordar com o que preciso de dizer a seguir.

— Não lamentes — diz o Colton, inclinando-se para mim. Poisa os lábios na minha testa, muito suavemente, num beijo que nada pede em troca. Fecho os olhos e deixo que a sensação desse beijo me impregne e penso que tudo devia ser assim tão simples.

Os lábios dele movem-se para a minha fonte, descem para a face e demoram-se aí, a respiração tão perto da minha. — Foste tu que me disseste isso — murmura —, que não lamentasse aquilo que não posso controlar.

Os nossos lábios roçam-se, e sinto que não há nada que eu queira reprimir. Quase me afundo nele, noutro beijo, mas ele afasta-se, apenas o suficiente para ficarmos de olhos nos olhos na escuridão entre nós.

— Por favor — sussurra —, não lamentes nada. Principalmente isto.

«Nada está mais fora do nosso controlo que o coração, e longe de o comandar
somos forçados a obedecer-lhe.»

Jean-Jacques Rousseau

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

NO REGRESSO A casa conduzo em silêncio. Silêncio escuro, pesado, apenas quebrado pela passagem ocasional de faróis. Vejo relances da noite: o pôr do sol, o brilho da água, o fogo de artifício, o beijo. E relances de outra noite e outro beijo.

Da primeira vez que o Trent me beijou estávamos a tomar banho à noite, na minha piscina. Tarde, depois de já todos terem ido dormir. Eu tinha passado junto dele a nadar debaixo de água, sentindo o cabelo ondular atrás de mim à luz e esperando que a minha imagem fosse tão bonita como eu me sentia naquele momento. Quando vim à superfície, ele estava à minha frente. As suas mãos agarraram ao de leve a minha cintura, e ficámos ali a balançar-nos nesse momento, hesitando e sabendo ao mesmo tempo o que estava prestes a acontecer. O nosso primeiro beijo foi suave, doce. Uma interrogação nos meus lábios. A sua boca sabia à pastilha elástica com aroma de melancia que ele estava sempre a mascar, e à noite de verão furtiva. A lembrança causa uma ligeira dor no meu coração, uma espécie de saudade já distante e nostálgica.

A sensação dos seus lábios nos meus é somente um murmúrio duma recordação. Mas a lembrança do beijo do Colton é intensa e viva. Enquanto o primeiro beijo do Trent foi inseguro, tímido, uma interrogação, beijar o Colton foi como já saber a resposta. Saber que essa resposta era recíproca.

Mas há tantas mais coisas enredadas nisto, e a toda a nossa volta. Perda e culpa. Segredos e mentiras. Tantas coisas que ele não sabe, coisas que eu *lamento* porque *tenho* controlo sobre elas. Ou pensava que tinha até esta noite. Pensava que tinha até reconhecer aquela

sensação de rendição há muito esquecida que eu não sabia que voltaria a sentir. Que não sabia que *podia* sentir novamente.

Ao entrar na zona de jardim que conduz à porta, a casa encontra-se às escuras, e permaneço um bocadinho sentada a olhar pela janela para o céu tão cheio de estrelas que parece irreal. Como algo tão belo e frágil que não poderia existir na realidade. E depois a luz do quarto da Ryan acende-se, e tudo o que quero é que ela me diga que pode existir, sim.

Ela endireita-se repentinamente quando entro de rompante pelo seu quarto sem bater à porta. — Então, como foi a tua... — O seu sorriso desaparece ao olhar para mim. — O que se passa?

É o bastante. Avanço uns passos até à cama onde ela já está sentada antes de eu me lançar nos seus braços, e solta-se tudo o que tinha estado a conter.

— Então, então — diz ela, abraçando-me. — O que se passa, o que aconteceu?

Fecho os olhos com força e enrolo-me sobre mim mesma enquanto os meus ombros tremem nos seus braços.

— Quinn — diz, afastando-me um pouco para poder olhar para mim. — O que aconteceu?

Vejo-o de novo, o nosso beijo. — Eu... ele... — Depois oiço as palavras dele, *Por favor não lamentes nada. Principalmente isto*, e mordo o lábio inferior, passo as mãos pela cara, que está quente e molhada de lágrimas.

— Ele o quê? — Ela está agora sentada direita, com uma expressão cada vez mais preocupada.

Abano a cabeça. — Nós beijámo-nos, quando estávamos no mar, e foi tão... e eu... — A minha voz sai aos solavancos e outro soluço faz-me baixar o queixo para o peito.

A Ryan fala novamente com mais doçura. — Nós já conversámos sobre isso, como é bom sentir...

— Não é — interrompo, erguendo os olhos para encontrar os dela.

— É *sim*, Quinn. Tens de acreditar em mim a esse respeito. Tu e o

Trent...

— Não é isso!

A intensidade da minha voz surpreende-nos a ambas, e ela fica calada a olhar para mim, observando os meus olhos inchados e o queixo trémulo.

— Então... é o quê? — pergunta calmamente. Como se tivesse receio de saber a resposta.

Engulo as lágrimas que me enchem a garganta, e o meu próprio receio do que ela irá pensar. — Fiz uma coisa horrível — murmuro. Baixo os olhos, desviando-os dos da minha irmã, para as mãos que contorço no colo. — Uma coisa que nunca devia ter feito, e agora...

Levo a palma da mão à boca para deter o soluço que quer sair, e as palavras que sei que devo dizer em voz alta.

Sinto o olhar da minha irmã em mim, mas não a encaro. — O quê? Conta-me. Seja o que for.

Hesito por um instante, e depois faço o que ela me diz.

Conto-lhe tudo, começando pela carta que escrevi. Falo-lhe dos dias que esperei por uma resposta, e das noites que o procurei. Falo-lhe do blogue da Shelby, e de como finalmente o descobri. Conto-lhe que nunca quis encontrar-me com ele, mas como isso aconteceu quis conhecê-lo. E que agora que o conheço, a última coisa que quero fazer é magoá-lo. E depois falo-lhe do nosso beijo desta noite. Daquilo que senti, e do que ele disse a seguir, acerca de me reprimir e lamentar. E por fim, quando já lhe contei tudo e não sobram palavras para aquilo que eu fiz, olho para a minha irmã.

Ela mantém-se em silêncio por um longo momento depois de eu ter terminado. Estou sentada na cama dela, rodeada de lenços de papel, os olhos inchados e à espera que ela me diga que tudo vai ficar bem, ou que compreende, ou que não é tão grave como parece, porém ela não o faz. Respira fundo. Olha para mim como que pedindo desculpa por aquilo que vai dizer.

— Tens de lhe contar.

— Eu sei — respondo, e esse reconhecimento desencadeia em mim uma nova onda de lágrimas, contudo a Ryan não se detém.

— Não apenas porque ele merece saber a verdade — diz ela. — Tens de lhe contar porque é a única hipótese que tens para que se concretize algo entre vocês os dois, se é isso que queres.

Olha então para mim, muito séria. — Mas primeiro tens mesmo de decidir o que queres. Estás quase lá, acho eu, mas...

Faz uma pausa, comprime os lábios, e depois diz algo que eu já sei, lá muito no fundo de mim mesma.

— Se queres abrir-te com o Colton, primeiro tens de te libertar do Trent. Deixa que ele seja uma parte de quem tu és... o teu primeiro amor, as tuas recordações, o teu passado. Mas liberta-te. É preciso que o faças — afirma com suavidade —, para conseguires estar aqui e agora.

«E aceitarás as estações do teu coração tal como sempre aceitaste as estações que
passam pelos teus campos.

E olharás com serenidade através do inverno da tua dor.»

Kahlil Gibran

CAPÍTULO VINTE E CINCO

ACABO DE ATAR os sapatos e levanto-me. Olho para o meu reflexo no espelho. Respiro fundo. E depois os meus olhos vagueiam pelas fotos de mim e do Trent. Percorro-as, ao longo de todo o contorno do espelho, até ao girassol que ele me deu, pendendo descorado ao lado das fotos. Respiro fundo mais uma vez, e a seguir pego nele e embalo-o nas minhas mãos, tão suavemente quanto possível.

Baixo o olhar para a imagem que recortei da revista da Ryan. O coração, lançado à praia num areal vazio, encerrado dentro de um vidro. Olho para ele e penso no que o Colton disse acerca de todos os seus barcos dentro de garrafas, que não queria construir mais nenhum já que eles nunca veriam o oceano, e compreendo.

Sinto o mesmo.

Esgueiro-me pela porta da frente sem fazer barulho, porque preciso de fazer isto sozinha. As minhas pernas levam-me pelas escadas e pela zona de terra que atravessa o jardim. E depois paro. Respiro fundo. E continuo outra vez, descendo a estrada que há tanto tempo tenho evitado. A estrada que foi o princípio de nós, o lugar que eu julguei que era o fim de mim.

Já passou tanto tempo desde que passei por este caminho que, a princípio, ele me parece desconhecido. As árvores estão mais frondosas, as vinhas mais densas. Mas eu conheço esta estrada. Conheço as suas elevações suaves, e conheço as suas curvas. Conheço o trecho onde os girassóis cresciam selvagens no campo e ao longo da vedação.

Onde continuam a crescer.

Estão luminosos contra o céu de verão, oscilando suavemente com a brisa. Paro para escutar, e quase consigo ouvir a voz dele.

Eh! Espera!

Fecho os olhos, e vejo-o ali, a sorrir, com um girassol na mão. Mas depois outra recordação abre caminho. A vedação estilhaçada, luzes giratórias, pétalas e sangue espalhados pelo chão.

Abro os olhos e estou de volta aqui, agora, onde o chão não mostra cicatrizes. E a vedação foi reparada, e os girassóis crescem altos e belos em toda a volta.

Fixo os olhos no campo de ouro ao mesmo tempo que levo a mão que segura a flor antiga até acima da cabeça. Observo os caules altos que se dobram e oscilam enquanto rodo as pétalas secas entre os dedos e solto os seus pedacinhos na brisa. Todos os nossos primeiros, e os nossos últimos, e tudo de permeio. Eles rodopiam e dançam nas correntes invisíveis, e depois, um a um, desaparecem para um lugar a que sempre pertencerão.

«O medo pode paralisar as pessoas. Uma das razões pelas quais os recetores de órgãos não escrevem é porque têm receio de magoar ou prejudicar os familiares do dador de alguma forma ao “trazerem ao de cima algo em que eles não querem pensar”, a perda do seu ente querido. É claro que o que eles não entendem é que essa é uma perda que se carrega todos os dias... Outro impeditivo de escrever é o tempo que o recetor demora a sarar física e psicologicamente do transplante. Um recetor tem de tomar milhentas drogas para evitar quaisquer possibilidades de rejeição. Este procedimento de ajustar as doses necessárias da medicação pode durar vários meses. O trauma do corpo e do espírito é imenso.»

Karen Hannahs, do Serviços de Dadores Intermountain: «Porque É que Eles Não Escrevem?»

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O MEDO É um nó duro e pesado no meu estômago ao chegar à loja dos caiaques. Tenho de fazer um esforço para sair do carro. A porta da loja está aberta com o apoio duma garrafa de oxigénio, e o letreiro diz ABERTO, porém, quando enfio a cabeça pelo vão, não vejo ninguém atrás do balcão. Vacilo, nem dentro nem fora, com as palavras da minha irmã na cabeça.

Tens de lhe contar. Ele merece saber.

Eu já sabia isso antes de ela me dizer, foi o medo de o perder que me fez ficar calada. Mas ao estar aqui agora, compreendo que o que mais temo é magoá-lo. Imagino o seu rosto quando lhe disser essas palavras, e a decisão de lhas dizer começa a desvanecer-se. Faço um esforço tremendo para não desistir. Após um longo momento respiro fundo e atravesso o limiar da porta. As prateleiras com os equipamentos estão arrumadas e reluzem à luz do princípio da tarde, e uma ventoinha oscila lentamente, soprando na minha direção o cheiro a plástico e neopreno que já me é familiar. Deito um olhar em volta, esperando que o Colton apareça do compartimento dos fundos carregando uma garrafa de oxigénio ou um conjunto de coletes salvavidas e com aquele seu sorriso largo, todavia ele não aparece. Ninguém aparece.

Dou alguns passos hesitantes para o armazém, e é então que oiço uma voz, ligeiramente acima do zumbido suave da ventoinha.

— Tu queres *parar*? — Mal a reconheço como sendo do Colton, na maneira como separa as palavras. — Foi um erro — afirma ele —, e tu precisas de te preocupar menos.

Paro exatamente no lugar onde me encontro.

— Por favor não te zangues comigo, Colton. — A outra voz é da Shelby, e também denota uma certa rispidez. — Eu só quero ter a certeza de que tu compreendes que não podes *cometer* esse erro. Tu não ligas. No momento em que começares a deixar de tomar os medicamentos, corres o risco de entrar em rejeição... não percebes isso? Podias *morrer*.

Não ousou mexer-me. Sustenho a respiração.

A Shelby continua. — Por isso não voltas a fazer esse erro, Colton... nem porque estás cansado, nem porque eles te fazem sentir mal, nem porque... te distraíste. — Solta um suspiro.

O nó na minha garganta fica ainda mais apertado.

— *Distraí*? — O Colton cospe-lhe a palavra. — Com o quê? Com uma rapariga? Com o facto de *viver*? Já passou mais de um ano. Será que ainda é suposto eu ficar para aí sentado a tomar a minha medicação vital e a olhar para o relógio à espera da dose seguinte, e a pensar que tudo isso faz parte dum tempo emprestado? É nisso que tenho de me focar?

A voz da Shelby torna-se irritada. — Não percebes quão egoísta estás a ser? Quão ingrato?

Não, não, não.

Se as palavras dela me atingem desta maneira, nem consigo imaginar o efeito que terão causado no Colton. O silêncio que se segue é dolorosamente longo, e tenho de fazer um esforço enorme para não me aproximar e me pôr entre eles.

— Uau! — exclama ele por fim. A sua voz é insípida. Fria. — Como pudeste! — Tosse levemente. Ri-se, mas não de alegria. Irritado. — Que decepção!

Ouvem-se passos. O rápido arrastar das suas havaianas pelo

chão, dirigindo-se à porta. O meu medo transforma-se em pânico de ser descoberta, e olho em volta à procura dum sítio para me esconder... não apenas do Colton e da Shelby, mas de todas as coisas que vim dizer-lhe.

— A sério? Estás dececionado? — Atira-lhe a Shelby de ricochete, e os passos detêm-se. — Então e aquela carta? Também já passou mais de um ano, Colton. — A voz dela está novamente calma, mas é uma falsa calma, como quando sabemos que disparámos uma seta que nos dará a vitória.

Ela não faz ideia de quão longe essa seta alcança.

O pânico cada vez maior no meu estômago torna-se numa coisa pesada e espessa que se espalha rapidamente, o meu coração bombeia-a para todas as minhas células, como sangue. Aí se acumula, prendendo os meus pés ao chão de cimento quando a sala começa a andar à roda.

Encosto-me à parede atrás de mim. *Aquela carta.*

— Desculpa — diz a Shelby. A voz dela é agora mais suave, com uma ponta de arrependimento, porém, continua. — Eu percebo que é difícil. E sei que vais escrever aos pais dele quando estiveres preparado. Mas pelo menos devias responder à carta que *tu* recebeste. Aquela pobre rapariga perdeu o namorado, e tentou chegar até ti, e tu não podes deixar sem resposta uma coisa dessas. Sabes o que isso deve fazer sentir?

Aquela pobre rapariga.

Não há ar na sala. Não onde eu me encontro, de olhos fechados com força para lutar contra as lágrimas que querem correr-me pela cara. *Aquela pobre rapariga que tentou chegar até ti. Que te encontrou quando tu não respondeste. Que tem andado a mentir-te desde o dia em que vocês se conheceram.*

Há um silêncio que parece uma eternidade, e a tensão estende-se duma parede à outra da loja com uma tal intensidade que sei que vai estoirar a qualquer momento.

A Shelby insiste, mesmo quando eu peço a todos os santinhos que ela pare. — Pode ser que isso te faça sentir melhor, se lhe

responderes — diz ela. — Pode ser que isso te faça lembrar que é uma dádiva, Colton. Não um fardo.

Sinto que o Colton vai rebentar antes mesmo de ele falar.

— Achas que eu preciso que me *lembrem* disso? — A sua voz soa extremamente cortante e magoada. — Não achas suficientes os horários da medicação, ou a cardioterapia, ou as biópsias? Ou a cicatriz no meu peito? Não achas tudo isso suficiente?

— Colton, eu...

— Não passa um dia que eu não tenha de me lembrar, continuamente. Da *sorte* que tenho. De que devia estar grato. De que devia sentir-me feliz só por *estar* aqui. — Faz uma pausa, aclara a voz. — De que a única razão pela qual estou aqui é porque aquele tipo... o namorado, o filho, o irmão, o amigo de alguém... morreu.

As palavras dele, e a maneira como diz «aquele tipo», como se o Trent fosse um completo estranho, tiram-me o ar que me resta, apesar de eu já estar baixa, acorada sobre os calcanhares, contra a parede. Uma centelha de raiva também se acende agora algures dentro de mim: raiva contra ele e contra mim própria. Tirando todas as regras que infringi para encontrar o Colton, o não mencionar o nome do Trent foi a única que realmente cumpri. Agora preferia não o ter feito. Preferia ter escrito o seu nome completo, todos os detalhes acerca dele, para que ele soubesse quem era «esse tipo». Talvez então ele tivesse respondido à minha carta.

Tenho as mãos trémulas, e agora uma parte de mim quer sair da sombra. Fazer-lhe as perguntas cujas respostas de certo modo esqueci que queria saber.

O ar está denso com uma tensão silenciosa, depois o Colton prossegue. — Sabes como *isso* me faz sentir, Shelby? Como é que eu poderia responder a uma carta dessas? Dizer-lhe que lamento pelo namorado? Prometer-lhe que vou cuidar bem do seu coração? Que vou pensar nisso todos os dias e nunca me esquecer de que estou aqui porque ele não está?

A voz do Colton enfurece-se. — Não entendes? É o que eu quero. Quero esquecer, esquecer tudo. Por que razão isso é tão horrível?

Querer uma vida normal?

— Colton, não foi isso que eu... — Há um ligeiro arrastar, como se ela desse um passo para ele.

— Deixa lá — diz ele. — Deixa-me. — Faz uma pausa, e no silêncio o meu coração ribomba nos meus ouvidos. — Não preciso de mais lembretes.

Ponho-me de pé. Concentro-me em colocar um pé à frente do outro, rápida, desesperada, silenciosa. Preciso de sair daqui.

Quase consigo chegar à porta antes de sentir o peso quente e familiar da sua mão no meu ombro.

— *Quinn?* — exclama o Colton. — O que estás a... — Ainda há uma frieza na sua voz, embora eu saiba que ele está a tentar escondê-la por minha causa.

Mordo a bochecha. Sei que devia voltar-me e encará-lo, por ele. Mas não o faço. Não consigo.

— Então? — diz ele com meiguice, virando-me para que fiquemos cara a cara.

Os nossos olhos prendem-se, e vejo a tempestade que há nos seus, o seu habitual verde-vivo toldado pelo sobrolho enrugado. Ele parece querer escapar-se tanto quanto eu.

Olho sobre o seu ombro para o quarto dos fundos, desejando que a Shelby não apareça e me veja. — Desculpa, eu devia ter telefonado antes, eu...

Os olhos do Colton voltam-se rapidamente na direção da irmã e de tudo o que ele não quer ser lembrado, e eu sinto um punhal de culpa quando eles se viram de novo para mim sem fazer ideia de que isso está precisamente aqui. Mesmo à sua frente.

— Não, estou satisfeito por teres vindo. Só que... — A sua mão vem para o meu ombro, e tento ignorar a emoção que o seu toque me causa. Tento não o olhar nos olhos.

— Espera — pede ele. — Vem comigo.

— Aonde? — pergunto sem querer saber. Olhando para ele sem querer saber.

— A um sítio qualquer — responde. — Não importa. Por favor.

Apenas... vem comigo.

A necessidade na sua voz percorre-me como uma onda, abrindo caminho pelas frestas mais minúsculas, até aos lugares mais profundos e mais distantes. Faz-me desejar envolvê-lo nos meus braços, e faz-me querer fugir a correr; contudo não faço nem uma coisa nem outra.

Nunca o tinha visto assim tão magoado. Perdido. Olho para ele ali parado à minha frente, e sinto, nesse momento, o quanto ele precisa de mim.

O quanto eu também preciso dele.

Procuro um sinal de que ele sabe a verdade acerca da rapariga que escreveu a carta, mas não há nenhum.

Sem dizer uma palavra, aceno que sim, e ele pega-me na mão, e vamos. Para qualquer lugar que não aqui.

«Só podem dizer que estamos vivos naqueles momentos em que os nossos corações estão conscientes dos nossos tesouros.»

Thornton Wilder

CAPÍTULO VINTE E SETE

VAMOS NO CARRO, janelas abertas, o vento soprando com força nos nossos cabelos, enchendo o espaço do nosso silêncio com ar frio e salgado. Sinto que a tensão do Colton abranda à medida que ele arranca e faz a curva. Não sei aonde vamos, mas não importa. Seguimos assim, tentando bloquear o ruído dos nossos pensamentos com o som do vento; e só quando já estamos fora da vila, na estrada costeira com duas faixas, no sentido norte em direção às colinas ondulantes, é que os ombros do Colton, e a maneira como agarra o volante, se descontraem ligeiramente.

— Já alguma vez estiveste em Big Sur? — pergunta ele, com a voz mais carregada que o habitual. É claro nesta pergunta que ele não planeia admitir a discussão que teve com a Shelby no armazém, porém eu não posso continuar a deixar andar, agora já não.

— Colton... — digo, hesitante.

Ele olha-me de relance pelo canto do olho. — Há lá em cima um lugar chamado McWay Falls. É provavelmente o meu lugar favorito, mas já há muito tempo que não vou lá. Tem a água mais límpida e mais azul que tu alguma vez viste. Em certos dias conseguimos ver até seis metros de profundidade, mesmo até ao fundo. E há uma cascata que vem da falésia e cai diretamente na areia. Tenho querido levar-te lá — acrescenta, com um sorriso. Aquele otimismo familiar insinuou-se novamente na sua voz, que agora já soa mais a si próprio. Ou mais como a que o Colton me dá a conhecer. — Podíamos comprar alguma comida pelo caminho, comer junto à cascata, tirar o caiaque, passar um dia perfeito...

— Colton. — Desta vez a minha voz tem mais firmeza, e espero

que seja a suficiente para lhe dizer que não podemos ignorar o que acabou de acontecer. Que, por muito que ambos o queiramos, não podemos continuar tendo tantas coisas para dizer um ao outro.

Ele suspira. Olha um instante pela janela antes de tornar a virar-se para a estrada. — Eu apenas quero sair daqui por um bocado. — Mexe-se no assento, tamborila com os dedos no volante. — Aquilo, há pouco com a minha irmã...

— Está tudo bem — corto rapidamente. Vejo como ele se sente desconfortável, e isso enfraquece a minha resolução de falar sobre o assunto. — Não precisas de explicar. Às vezes a minha irmã também fica assim quando está preocupada, e seja como for é um assunto entre vocês os dois, e...

Agora estou a rodear a conversa. Mais uma vez.

— Então tu ouviste tudo — diz o Colton.

Olho pela janela, para as colinas cobertas de vegetação rasteira dourada pelo sol do verão, longe das palavras que continuo a ouvir, uma e outra vez. As palavras da Shelby, e as dele. E depois conto-lhe a verdade.

— Ouvi. Mas isso não é da minha conta, eu...

— Está bem — diz o Colton. — Eu não estava a tentar manter segredo em relação a ti. — Lança-me um olhar. — A sério que não. — A palavra *segredo* fica presa à minha garganta, e apesar de sentir o olhar dele demorar-se em mim, não sou capaz de o enfrentar. Abro ainda mais a janela, desejando que o vento entre em remoinho e leve para longe todos os nossos segredos.

— Seja como for — diz ele, remexendo-se outra vez no assento —, não há muito para contar. — Torna a virar os olhos para a estrada. — Há uns anos adoeci gravemente, uma infeção viral que afetou o meu coração e o deixou tão mal que precisei de um novo. Fui posto na lista de espera para transplantes, fiquei imenso tempo a aguardar, com admissões e altas hospitalares, até que no ano passado recebi finalmente um coração novo.

Inspiro abruptamente. Já sei tudo isso, mas ouvi-lo da sua própria boca atinge-me duma maneira completamente diferente.

O Colton faz uma pausa, e à margem dessa pausa consigo ouvir todas as coisas que ele não me diz. As coisas que ele disse à Shelby acerca do Trent, e da carta. As coisas sobre como foi a sua vida durante esse tempo, e como é agora. Eu espero, calada. Preparo-me para o ouvir dizer-mas, porém, ele não o faz. Apenas mantém o olhar na curva apertada da estrada e acena ligeiramente com a cabeça, como se fosse só isso, como se estivesse tudo dito.

Aceno também em resposta, lentamente, como se ouvisse tudo aquilo pela primeira vez, como se fosse tudo tão simples, mas faço um esforço tremendo para manter a respiração calma, a expressão neutra. A maneira como ele pôs as coisas, como se fosse a história toda, faz-me sentir que é como uma porta que se fechou para me deixar de fora. Talvez para me resguardar de tudo aquilo, mas já é tarde demais. Eu sei demasiado para isso.

Sei que, por detrás de todas as fotos dele a sorrir durante a doença e por detrás dos *posts* da Shelby sobre a maneira positiva como o irmão estava a aguentar, sei que havia dor e sofrimento e culpa. Havia doença e debilidade, e hospitalizações. Perda de peso, e inchaço, e exames intermináveis. Esperanças elevadas, e grandes deceções. Angariação de fundos, e vigílias dos familiares. Grandes sustos e pequenas vitórias.

Havia vida vivida atrás do vidro do hospital e dos limites da casa dele, enquanto os seus amigos e família sentiam o ar do oceano nos pulmões, e a luz do sol e a água na pele. Havia um quarto cheio de barcos que nunca deixariam os seus portos de vidro transparente. Mas ele sorria sempre para a câmara. E trocava a morte por mais do que apenas uma vida de cuidados médicos. Trocava-a por uma âncora de culpa.

Não consigo lidar com a ideia de tornar as coisas ainda piores. Não agora. Não quando sei quanto tudo isso ainda o magoa. Viro a cara para a janela para que o ar entrando com força seja uma boa desculpa para as lágrimas que me ardem nos olhos.

— Enfim — diz o Colton. — Agora estou bem. — Sorri, tentando aligeirar o tom de voz, e leva um punho fechado ao peito. — Forte. E

ia contar-te mais cedo ou mais tarde. — Encolhe os ombros. — Só acho que preferia que tivesses sabido tudo isso por mim.

— Porquê? — pergunto, com a voz pouco mais que um murmúrio.

Ele inclina a cabeça, a pensar, depois abre a boca para dizer algo mas recua. Eu olho em frente, tento dar-lhe espaço para encontrar a resposta enquanto descrevemos mais uma curva apertada. A estrada contorna a montanha muito acima do oceano, e do lado do passageiro não consigo ver o declive, o que me faz sentir grata.

O que consigo ver é o céu, e o oceano espalhando-se a partir das rochas, vasto e cintilante ao sol da tarde. Faz-me desejar que estivessemos lá no caiaque, flutuando numa das extensões de água azul-turquesa banhadas pelo sol, nesse lugar seguro entre o oceano e o céu, onde nada mais importa no momento.

O Colton encolhe os ombros. — Porque não penso em nada dessas coisas quando estou contigo, e é... — Interrompe-se. Sorri, mas não é o sorriso que eu conheço. Há neste uma vulnerabilidade, e também nos olhos. — Esse foi um tempo muito negro na minha vida, e tu...

Olha-me novamente de relance, com um olhar muito sério. — Tu és como a luz, depois de tudo aquilo.

Nesse momento dou-me por vencida. As lágrimas sobem-me aos olhos, e pego na mão dele e seguro-a, tentando contê-las, ao rever tudo. Eu, reparando nele pela primeira vez no café, ele à porta da minha casa com um girassol na mão, nós os dois dentro da gruta escavada na rocha com a luz do sol a entrar e depois a remarmos pela superfície da água, as nossas silhuetas recortadas entre um oceano luminoso e um céu a explodir com o fogo de artifício.

Não posso arriscar-me a perder tudo. Toda esta luz.

Ele está a olhar para mim, à espera que eu diga alguma coisa em resposta, que diga que sinto o mesmo. A estrada à nossa frente dobra-se numa curva tão fechada que obriga o Colton a olhar para ela, obriga-o a abrandar e, como em muitos outros momentos, obriga-me a chegar-me a ele, e desta vez não ofereço resistência.

Encostada a ele, avisto num relance a beira da falésia, e o oceano

e mais longe as rochas com as ondas a rebentar, lá em baixo e ao longe, e por um breve instante parece-me que sinto os dedos dos pés debruçados sobre o abismo e estou a decidir se hei de saltar ou não. Mas depois percebo que já saltei. Saltei de tão alto e tão depressa que nem vi isso acontecer, e agora não há retorno, nada a que me agarrar a não ser a ele.

«De vez em quando na vida há aqueles momentos de realização deslumbrante que não podem ser completamente explicados por esses símbolos chamados palavras. Os seus significados só podem ser articulados pela linguagem inaudível do coração.»

Martin Luther King, Jr.

CAPÍTULO VINTE E OITO

APÓS QUILÓMETROS E quilómetros de curvas sinuosas, falésia abrupta dum lado e encostas de vegetação exuberante com ravinas e quedas-d'água do outro, a estrada finalmente desvia-se ligeiramente para o interior, e passamos por uma pequena tabuleta que diz PARQUE DE CAMPISMO PÚBLICO. O Colton não vira para o parque de campismo, mas sim para um parque de estacionamento no lado costeiro da estrada. Não há ninguém no quiosque para receber o pagamento, e como este está deserto, podemos escolher o lugar. O Colton leva a carrinha até à vedação, para debaixo dum cipreste que abre os seus ramos muito verdes, largos e planos, como um enorme bonsai.

Está tudo em silêncio quando ele olha em volta. — Nem acredito que estás aqui comigo. — Inclina-se para mim e dá-me um beijo, e eu sinto um sorriso nos seus lábios. — Este é o meu lugar preferido. Desde sempre. Vem.

Saímos ambos e ficamos junto às nossas portas abertas, espreguiçando-nos ao sol da tarde. O ar é diferente aqui: mais fresco, e com mais tipos de aromas. O cheiro da água salgada mistura-se com o das árvores e das flores silvestres que nascem e caem por toda a colina. Não conseguimos ver nem ouvir o oceano do lugar onde nos encontramos, mas consigo senti-lo, tal como sinto a última pontinha de tensão escapar-se do Colton quando ele também respira fundo.

— Vamos ver a água — diz ele. E antes de eu poder responder, agarra-me pela mão e conduz-me a uma pequena escada de madeira que sobe acima da vedação, para o outro lado, onde um trilho

serpenteia através das ervas altas e verdes, depois desaparece à beira da falésia. Subimos e passamos para o lado de lá, depois seguimos de mãos dadas pelo trilho. Não falamos, mas não é preciso. A doçura do ar, e a sensação da mão um do outro, o som distante do oceano, tudo isso é perfeito. Tudo isso nos parece aquilo de que precisamos, e onde devíamos estar.

Quando chegamos ao ponto onde o trilho conduz a uma série de degraus íngremes, a vista do oceano abre-se à nossa frente. Faz-me deter.

— Uau! — exclamo. — Isto é lindo!

— Eu sabia que ias gostar — diz o Colton com um sorriso, ao percorrer com o olhar a vasta enseada de água cor de safira lá em baixo. No seu extremo sul, um gracioso arco branco de água mergulha sobre a falésia e respinga para a areia antes de encontrar o oceano. O Colton inspira profunda e lentamente, como se estivesse a sorver tudo aquilo, comparando cada pequeno detalhe com a imagem na sua memória.

— Há quanto tempo não vinhas aqui? — pergunto.

Ele não desvia os olhos da água. — Há muito tempo. Vim com o meu pai, talvez há uns dez anos. Viemos acampar, só nós os dois, mesmo na praia. — Sorri. — Trouxemos o caiaque e as nossas pranchas de *surf* e ficámos todo o dia na água, depois voltámos para a praia e preparámos cachorros quentes e *s'mores*^{**} no fogão de campismo, e à noite observámos as estrelas-cadentes sobre o oceano.

— Parece perfeito.

— E foi. Um dia perfeito. De qualquer maneira, é assim que o recordo. Pensei muito nele quando estava doente. Pensei que talvez esse tivesse sido o meu melhor dia de sempre.

Observamos ambos uma onda, muito maior do que as que vi em Shelter Cove, a aumentar, ganhando velocidade e altura, e depois rebentar numa linha rápida com um estrondo audível mesmo a esta distância.

O Colton dá um pequeno assobio. — Sentes-te com coragem?

— Não a suficiente — respondo quando a onda seguinte faz o mesmo, lançando água branca até grande altura ao rebentar. — Isto aqui é mais perigoso.

Ele concorda com um aceno. — Sim, realmente aqui não dá para andar de caiaque. — Ficamos a ver mais uma onda que percorre a enseada numa linha perfeita, livre. — Mas dá para um bom *surf*.

Observo-o, divertida pelo facto de, todas as vezes que o ouvi dizer aquilo, eu ter pensado que parecia absolutamente assustador. Ainda continuo a preferir as ondas mais baixas junto ao molhe.

— Podes ir surfar se quiseres, eu não me importo. Fico a ver. — A plataforma onde nos encontramos tem um banco e um miradouro, e eu sei que lhe faria bem ir para a água.

— A sério? Não te importarias?

— Não, vai. Ainda não me sinto preparada para essas ondas, mas já vi o que consegues fazer.

Ele volta-se para mim e sorri, depois puxa-me para um beijo rápido e doce que nos surpreende a ambos. — Obrigado. Não vou demorar-me.

— Demora o tempo que quiseres.

— Está bem. Vou só mudar-me e buscar a prancha.

Ele começa a subir o trilho, depois para e volta para mais um beijo. Este é mais profundo, e envia-me pequenas ondas de calor que percorrem todo o meu corpo.

A seguir chega-se um pouco para trás e pousa a testa na minha, ficando os dois de olhos nos olhos. Sorri. — OK. Agora é que vou mesmo trocar de roupa.

— OK — repito. — Eu fico aqui.

Ele recua uns passos, mantendo o olhar no meu até que tem de se virar. Fico a vê-lo subir o trilho a correr até à carrinha, desejando que ele volte novamente para me beijar outra vez, sabendo que, se o fizer, eu não serei capaz de me aguentar mais.

Quando ele regressa com a prancha de *surf*, já eu me mudei para uma outra pequena plataforma de madeira mais abaixo, a meio

caminho entre lances de escadas, equipada com um banco, um parapeito e uma vista perfeita da queda-d'água para a enseada em baixo.

— Trouxe-te uma *sweatshirt* — diz o Colton, entregando-ma. — Para o caso de precisares. — Inclina-se para mim para mais um beijo rápido, depois desce as escadas a correr, de camisola térmica e calções, a prancha debaixo do braço, e sinto-me feliz ao vê-lo assim. A ligeireza voltou ao seu andar.

Fico um momento junto ao parapeito a observá-lo lançar a prancha para o azul profundo da água, saltar para cima dela e começar a remar com as mãos com a graça e a facilidade de alguém que nunca passou um dia fora dela. Ninguém diria que alguma vez ele tinha estado de outra maneira. Ninguém diria vendo-o de fora.

Uma onda alta ergue-se em frente dele, e eu fico nervosa, como ficaria se fosse eu que ali estivesse, mas o Colton enfia os braços na água e braceja com força, depois empurra a extremidade dianteira da prancha para baixo no momento em que a onda avança e começa a rebentar. Por um brevíssimo momento consigo ver a sua silhueta na superfície da onda, a luz a brilhar através da água, e é tão belo que me dá vontade de chorar perante a impossibilidade desta situação que eu criei.

Uma brisa fresca sobe em redemoinho da água, trazendo consigo um frio e um leve indício de chuva. Rola sobre a minha pele nua, e ponho a *sweatshirt* em volta do corpo no momento em que ele acaba a onda e torna a remar com as mãos para apanhar outra. Há um clarão na linha do horizonte, tão rápido que pergunto a mim mesma se realmente o vi, mas poucos minutos depois oiço o ribombo baixo mas impressionante do trovão. As nuvens já se aproximaram, deixando riscos cinzento-pálidos até à água e começando a ofuscar o sol que era tão brilhante ainda momentos antes.

O Colton apanha a onda seguinte precisamente quando outro clarão de luz rasga o céu. Desta vez passam apenas alguns segundos antes do ribombar do trovão. Vejo começarem a formar-se carneiros na água à medida que o vento aumenta. Espero que o

Colton volte para terra, mas ele vira a prancha e dirige-se outra vez para a onda em formação. Uma gota grossa de chuva aterra na minha cara, e eu limpo-a. Olho para a água, para o Colton a levar a prancha contra o pano de fundo do céu tempestuoso, e desejo que ele venha. Um novo relâmpago, e ele fica de pé voltado para a praia. Acena da água, faz o gesto de que está bem, e depois levanta um dedo, como que dizendo «mais uma».

Aceno-lhe também, e as gotas de chuva começam a cair, uma após outra, deixando pontinhos nas escadas à minha volta e acrescentando mais um aroma ao ar. Outro relâmpago atravessa o céu, depois o estrondo dum trovão percorre-o. Puxo o capuz para a cabeça e olho para o dilúvio com os olhos semicerrados, no momento em que o Colton apanha mais uma onda. Assim que acaba, rema com as mãos até à praia; ao chegar, acena novamente, depois enfia a prancha debaixo do braço.

O Colton atravessa a praia a correr enquanto a tempestade se abate sobre nós. Grita-me qualquer coisa, mas as suas palavras perdem-se no vento. A chuva cai com toda a força num lençol denso, e a sua frieza origina pequenos pontinhos avermelhados na minha cara e nas pernas nuas, ensopando rapidamente a *sweatshirt*.

Quando o Colton chega ao pé de mim solta um grito de guerra e não consigo deixar de rir perante a ideia da minha figura, ali de pé com a chuva a colar-me o cabelo à cara. — Vamos — brada ele sobre a tempestade e a espuma do mar. Agarra na minha mão e puxa-me em direção às escadas, fazendo-me sinal de que vá à sua frente. Subo os degraus dois a dois, levada pela chuva impiedosa, e pelo frio, e pelo facto de ele estar logo mesmo atrás de mim. Outro relâmpago faz-me gritar, e sinto o estrondo do trovão imediato estoirar no meu peito. O Colton ri-se alto atrás de mim. — Anda, anda, anda!

Ao chegarmos ao cimo das escadas, o trilho de terra transformou-se numa pequena corrente apressada, e as minhas havaianas escorregam a cada passo. A carrinha do Colton encontra-se ao lado da vedação, uma mancha azul-turquesa no borrão cinzento da chuva.

Trepa a pequena escada, logo seguida pelo Colton. A chuva bate com força no tejadilho e quase abafa o som da porta quando a abro. Entramos de roldão, o Colton atrás de mim, ao mesmo tempo que fecha a porta.

Por um instante parece que o barulho diminuiu, mas depois o céu solta mais uma torrente de chuva, esta ainda mais ruidosa que a última. Encosto-me no assento para recuperar o fôlego, e o Colton atira-se para trás ao meu lado para recuperar o dele. Ficamos um momento em silêncio antes de desatarmos ambos a rir. O Colton sacode a água do cabelo, e eu torço o meu e, pegando-lhe com dois dedos, afasto de mim a sua *sweatshirt* encharcada.

— Que loucura — diz ele, ainda ofegante. — Aquilo surgiu do nada.

— Não foi bem assim. Eu vi a tempestade aproximar-se, desde o início. Nunca tinha visto nada igual. Pensei que ias ser atingido por um raio, quando estavas no mar.

— Eu também pensei nisso — admite ele. — Nada como uma boa disputa com a morte para nos lembrarmos de que estamos vivos. — Sorri, depois estende o braço para trás e pega em duas toalhas. Entrega-me uma.

Passa a dele primeiro pelo cabelo, e eu faço o mesmo antes de despir a blusa e a estender sobre as costas do lugar do condutor. Mais um relâmpago e um trovão rebentam lá fora, e a chuva aumenta de intensidade em resposta. Embrulho os ombros na toalha e aperto-a bem contra mim; depois sentamo-nos no fundo da carrinha, com as costas apoiadas, recuperando o fôlego e vendo a chuva escorrer pelos vidros das janelas.

— Parece que talvez tenhamos de ficar aqui acampados, da maneira como aquilo está a ficar lá fora — diz o Colton, olhando-me de soslaio com um sorriso. — Nem sequer chegámos a ir até à cascata.

— E também não há estrelas-cadentes nem *s'mores*.

— Bem sei — responde o Colton, abanando a cabeça. — Tudo o que temos é — inclina-se para mim e vasculha no meio da consola —

meia garrafa de água, quatro pastilhas elásticas, e duas bolachas com recheio. Não sei como iremos sobreviver. — Faz um esforço para simular uma expressão séria, mas o canto da boca fica repuxado. Tem o corpo a tremer.

— Devíamos despir estas roupas molhadas — afirmo, agora consciente do frio.

Um sorriso abre-se no rosto do Colton. Ele ergue uma sobrancelha. — Ai sim?

Rio-me. — Não me expliquei bem. Mais ou menos. Eu queria dizer...

O Colton continua a sorrir enquanto o calor me sobe à cara e tento explicar-me de novo. — Eu queria dizer por causa do frio, porque estamos todos molhados, e tu podes ficar...

Ele ri-se suavemente e estende o braço, enfia uma madeixa do meu cabelo húmido atrás da minha orelha. E nesse pequenino instante em que os seus dedos roçam na minha pele, há uma mudança evidente no ar entre nós. A chuva cai a direito incessante, uma cortina acinzentada que ofusca tudo para além do espaço onde nos encontramos, e eu encosto-me a ele.

Os braços do Colton envolvem-me e erguem-me para o seu colo de maneira a ficarmos frente a frente. A toalha escorrega-me dos ombros e um arrepio percorre-me, mas não sinto frio. Sinto apenas o calor das suas mãos à medida que elas deslizam pelas minhas costas, se enfiam pelas madeixas molhadas do meu cabelo, e depois descem pelo meu pescoço e pelos ombros, deixando um rasto de pequeninas faíscas onde quer que toquem. Beijo-o, e ele sabe a oceano e a chuva, e a tudo o que quero nesse momento.

O som da trovoada ouve-se baixo e distante, e sinto uma onda de desejo subir em nós ambos quando os nossos lábios se unem mais uma vez com ânsia. Os nossos corpos vão atrás, comprimindo-se um contra o outro, desejando e precisando de maior proximidade. O Colton afasta a sua toalha, e os meus lábios movem-se pelo seu pescoço ao mesmo tempo que as minhas mãos descem pelo seu peito até ao estômago, onde seguem o cóis dos calções.

Ele puxa-me para si como num reflexo e encontra de novo a minha boca no momento em que eu encontro o fundo do meu *top*. Tiro pela cabeça o tecido molhado, e a frescura do ar provoca-me mais um arrepio ao mesmo tempo que chego com a mão ao fecho do sutiã.

Quando o deixo escorregar pelos braços e cair no chão, sinto a respiração súbita que isso causa no Colton. As suas mãos vêm até ao meu rosto, e comprime a testa contra a minha, respirando com força. Com a visão desfocada. Olhos nos olhos.

Oiço novamente a chuva. Sinto o coração, a bater-me no peito com violência, e as nossas respirações, trémulas e irregulares.

O Colton afasta-se muito ligeiramente e roça o polegar pela minha pequenina cicatriz do dia em que nos conhecemos. Fecho os olhos quando ele me beija. Ele inspira fundo, depois encosta-se para trás, e quando abro os olhos ele está a agarrar a camisola térmica. Faz uma pausa, muito breve, depois puxa-a pela cabeça, e ficamos sentados frente a frente.

Nus, à luz ténue.

Recupero o fôlego quando os meus olhos se afastam dos dele, e descem até ao seu peito, até à parte dele que há tanto tempo mantém escondida.

A cicatriz começa mesmo acima da cova onde as suas clavículas se encontram e segue numa linha fina e direita até ao meio do peito. Sinto que ele está a observar a minha reação, sinto-o à espera de ver o que vou fazer, e nesse momento, a necessidade de estender os braços para lhe tocar é avassaladora. Ergo a mão, mas hesito no espaço entre nós, sem a certeza de poder fazê-lo.

Sem dizer uma palavra, ele pega na minha mão e guia-a até ao centro do seu peito. Aperta-a contra a pele de maneira a que eu possa sentir os batimentos que ecoam no meu próprio peito.

— Quinn...

O meu nome é um sussurro que me atrai para ele, para um lugar onde estamos só nós, só agora.

Deixo-me cair para trás e fico deitada, puxando-o para cima de mim até conseguir sentir todo o peso do seu corpo comprimido contra

o meu.

Os seus lábios percorrem-me o pescoço, descem suavemente sobre as minhas clavículas, depois regressam à minha boca, e beijamo-nos afastando os nossos passados. Afastando tudo exceto o estarmos os dois aqui, agora. As nossas cicatrizes, e as nossas dores, e os nossos segredos e a nossa culpa. Damo-los um ao outro e recebemo-los um do outro até que tudo isso se dissipa para longe ao ritmo da chuva.

E da respiração.

E dos batimentos cardíacos.

S'mores — doce típico americano, à base de bolachas, chocolate e *marshmallow*. (NT)

«Há momentos na vida, em que o coração está tão cheio de emoção
Que se acaso for abalado, ou se para o seu fundo cair uma pedra
Qual palavra descuidada, ele transborda, e o seu segredo, derramado no chão como
água, nunca mais pode ser recuperado.»

Henry Wadsworth Longfellow, *O Namoro de Miles Standish*

CAPÍTULO VINTE E NOVE

ACORDO LENTAMENTE, POR isso a única coisa de que me apercebo a princípio é um som baixo e constante, e o levantar e baixar rítmico do lugar onde tenho a cabeça pousada. Estou envolta em calor, mas em redor deste há uma corrente de ar saturado de chuva que me faz querer aconchegar mais para junto do Colton, e do calor da sua pele, e do bater do seu coração.

Por um breve instante o pensamento surpreende-me. Durante tanto tempo pensei nele como a pessoa que tinha o coração do Trent. Não sei dizer quando isso aconteceu, ou como é que mudei a minha ideia, mas agora esse pensamento parece-me distante. Errado até. Este som que oiço e sinto... é o coração do Colton. Abro os olhos, e quando vejo a curva do seu queixo, o bronzeado do seu braço à minha volta, tudo me vem à mente num relance caloroso, a lembrança dos seus lábios macios colados aos meus enquanto a chuva tamborilava insistentemente. Eram o seu coração e o meu juntos; esses momentos foram só nossos.

Uma luz pálida penetra pelas janelas embaciadas, e ainda consigo ouvir o suave zunido do chuvisco lá fora, pontuado pelo som de gotas maiores do cipreste sob o qual estamos estacionados, quando elas aterram no tejadilho metálico da carrinha.

Levo a mão ao centro do seu peito, passo delicadamente um dedo pelo seu pescoço, e o Colton move-se ao meu toque. Inspira fundo e cobre a minha mão com a dele, tal como fez antes. Puxa-a para o seu peito e sorri sem abrir os olhos.

— Olá — exclamo, sentindo de repente uma certa timidez, com os

nossos corpos ainda enredados debaixo dum cobertor.

O Colton abre um olho e depois o outro, e inclina o queixo de forma a poder olhar para mim. — Então não sonhei. — Um sorriso espalha-se-lhe no rosto. — Bem. Seja como for, não desta vez.

Rio-me, dou-lhe um encontrão na brincadeira, mas as imagens de nós, com toda aquela chuva à nossa volta, e a ideia dele a pensar em mim daquela maneira fazem-me sentir uma nova onda de calor que percorre o meu corpo. Ergo-me até à altura dos seus lábios, e os seus braços rodeiam-me; e no preciso momento em que tudo está prestes a desaparecer de novo, oiço o zumbido do meu telemóvel.

Começo a procurá-lo, para ver quem é, mas o Colton torna a puxar-me para si e murmura para os meus lábios enquanto me beija: «Não te preocupes com isso agora.» Retribuo-lhe o beijo enquanto o telefone continua a zumbir antes de ficar silencioso. A seguir o sinal de mensagem no *voicemail*. Uma ligeira preocupação insinua-se em mim. Eu disse à Ryan que ia ver o Colton. Talvez ela queira apenas saber se está tudo bem.

Normalmente, eu não pensaria muito nisso; mas a tempestade, e o facto de eu não estar onde disse que estaria e de também estar a ficar tarde, tudo isso me deixa ansiosa o suficiente para me afastar do Colton, puxar o cobertor até ao peito e pegar no telemóvel.

Quando olho para o visor, sinto um nó no estômago.

Doze chamadas da família perdidas.

Da mãe. Da Ryan. Da avó.

Repetidamente.

— Ai, meu Deus!

O Colton senta-se, subitamente desperto. — O que foi? — pergunta. — O que aconteceu?

Seguro o telemóvel com as mãos trémulas, tento ouvir a primeira mensagem de voz. — Eu... não sei, acho que talvez, talvez seja...

A voz da Ryan, urgente ao meu ouvido, deixa-me dilacerada: *Quinn, é o pai. Tens de vir já para o hospital.*

As portas do serviço de urgência abrem-se com um zumbido.

Juntamente com um cheiro acre e antisséptico, uma imagem instantânea da última vez que estive neste hospital — há mais de um ano — atinge-me com uma força para a qual não estou preparada. Eu estava destroçada com as roupas de corrida, ainda com o sapato do Trent na mão, o meu pai e as enfermeiras a fazerem perguntas, as caras dos pais do Trent quando me viram. Ele já tinha sido levado do serviço de urgência. Decisões tinham sido tomadas. Papéis assinados. O capelão dispensado. Despedidas feitas sem mim.

Paro, tento respirar, mas o chão parece instável debaixo dos meus pés.

— Ei! — exclama o Colton, agarrando-me pelo cotovelo. — Estás bem?

Abro a boca para responder, mas a visão da minha família detém-me. Estão sentados nas mesmas cadeiras bege em que estive sentada com o meu pai, à espera de ver o Trent. À espera de dizer adeus.

Agora são a avó, a mãe e a Ryan que estão sentadas tensas, sem falar. A mãe olha fixamente para a meia distância, uma expressão acabrunhada no rosto, como se tivesse falhado, como se estivesse a rever todas as coisas que podia ter feito de maneira diferente. A Ryan, que tem vestidas as roupas com que pinta e com um olhar à beira das lágrimas, fixa um ponto invisível no chão, como se, concentrando-se muito nele, conseguisse evitar o choro. E a avó. Sentada muito direita, e imóvel, com a mala no colo, as mãos dobradas sobre ela, calma numa tempestade silenciosa.

A mão do Colton pousa suavemente nas minhas costas. — É a tua família?

Aceno afirmativamente, preparando-me para ouvir AVC. E depois atravesso a sala de espera até à fila de cadeiras. Quando lá chego, a Ryan é a primeira a erguer o olhar, e os seus olhos abrem-se muito ao ver-nos. Só então me apercebo de como deve estar a minha aparência, com o cabelo desgrenhado e desalinhado em volta do rosto, o rímel esborratado, a *sweatshirt* do Colton, ainda húmida, pelos ombros.

— O que aconteceu... o pai está bem? — Sinto as lágrimas prepararem-se para sejam quais forem as respostas a essas perguntas. — Ele teve um AVC?

A mãe levanta-se e puxa-me para um abraço tão apertado que chego a pensar que a situação é pior do que eu imaginei. Após um longo momento afrouxa o abraço, mas não me solta. — Ainda não sabemos bem. Eles estão agora a avaliá-lo, e em breve saberemos mais.

— O que aconteceu? Como é que isso... eu pensava que ele estava...

Não termino, porque me apercebo de que nas últimas semanas não tenho pensado muito nisso: a sua medicação, ou os seus exames de rotina. Sintomas. Simplesmente parti do princípio de que ele estava bem. A salvo.

Esqueci-me de que tal coisa não existe.

— Ele estava a ajudar-me com uma das minhas telas — diz a Ryan do seu lugar, sem levantar os olhos do chão. — E depois... depois de repente começou a falar duma maneira estranha, e pensei que ele estava a brincar, por isso ri-me. — Olha então para mim, de lágrimas nos olhos. — Ri-me, e a seguir ele revirou os olhos e caiu no chão. Caiu... — Contorce as mãos no regaço.

A avó pousa a mão nas da Ryan, com firmeza suficiente para as acalmar. — E então tu agiste, e chamaste o 112, e foi tudo o que podias ter feito.

Agora a Ryan levanta-se. — Não, eu devia ter visto logo, devia ter chamado mais cedo...

A mãe aproxima-se, não deixa que a Ryan esteja a culpar-se. — Tu fizeste tudo o que qualquer uma de nós teria feito, querida. O resto estava para além do que nós poderíamos controlar.

Não acho que a minha mãe acredite nas suas próprias palavras. Vejo tudo de novo: ela a recapitular todas as medidas preventivas a que devia ter obrigado o meu pai — e isso dá-me vontade de estender os braços para ela e dizer-lhe que não podia tê-lo feito. Que às vezes, não importa o quanto lamentamos ou desejamos que as

coisas fossem diferentes, não há nada que possamos fazer para as mudar.

O Colton aclara a garganta e dá uns passos até mim. A avó é a única além de mim que repara nisso.

— Quinn, ainda não nos apresentaste o teu amigo. — Acena na minha direção, e a preocupação invade-me.

O Colton avança, de mão estendida para a avó. — Sou o Colton.

A avó segura a mão dele entre as dela. — Muito prazer em conhecer-te, Colton. Tu deves ser a razão pela qual a Quinn ficou tão enfeitiçada pelo oceano. Estou a ver porquê — acrescenta, piscando o olho. — Esta é a minha filha, Susan, e a irmã da Quinn, a Ryan.

— Muito prazer em conhecer-vos — diz o Colton.

A minha mãe faz um aceno e sorri educadamente. A Ryan levanta-se e aperta-lhe a mão, depois o seu olhar vai dele para mim e de novo para ele. — Já ouvi falar muito de ti — diz ela. Eu lanço-lhe um olhar que ela não vê, porque parece estar a estudar o Colton.

A seguir observa-me, e eu peço-lhe em silêncio que não diga mais nada.

— Coisas boas — diz, percebendo o meu pedido. — Obrigada por teres vindo com ela.

— É evidente que sim — responde o Colton.

Ficamos ali de pé um longo momento, em silêncio, até que aparece um médico de bata com aspeto fatigado, e com uma prancheta na mão.

— Sr.^a Sullivan?

— Sim? — responde a mãe, levantando-se.

Todos sustemos a respiração quando o médico se aproxima do nosso grupo. — Posso falar com franqueza? Sobre o seu marido?

A mãe acena afirmativamente.

— Está bem — diz ele. — A boa notícia é que o seu marido está estável, não sofreu um AVC, e não há danos permanentes.

Todos fazemos sinal de que entendemos; depois esperamos pela má notícia.

— A má notícia é que este é o seu segundo AIT, e que os exames

mostram um pequeno coágulo em formação na artéria carótida, que vai para o cérebro. Se não for tratado, é provável que *tenha* mesmo um AVC, ou pior, no futuro próximo. Dispomos de várias opções, mas o tempo é essencial, e eu preferia que ele fosse operado o mais depressa possível.

A mãe concorda com um aceno, tal como todos nós. — Posso vê-lo?

— Com certeza — responde o médico. — Venha comigo.

Ela lança-nos a todos um breve olhar e a avó faz-lhe sinal de que vá. — Vai. Nós ficamos aqui.

Ainda a avó não acabou de falar e já a mãe se voltou e acompanha o médico pelo corredor. Vejo que a sua atenção se desligou completamente de nós, e não a censuro. Nós desaparecemos, e agora o seu mundo é o meu pai. Penso neles os dois, em toda a sua história juntos — trinta e seis anos — e em como me senti quando perdi o Trent após uma pequena fração disso. Como me sentiria se perdesse agora o Colton. Tenho a certeza de que é diferente para ela por causa de todo esse tempo, mas é horrível pensar quanto do nosso mundo está envolvido no amor a outra pessoa.

A Ryan torna a deixar-se cair na sua cadeira, aliviada, embora não completamente. — Não consigo acreditar que me ri dele. Eu apenas... Aquilo aconteceu tão depressa que nem me apercebi.

A avó volta-se para ela, a voz meiga. — Vá lá! Já passou, e tu tens de esquecer isso. — Pega na mão da Ryan. — Vamos as duas caminhar um pouco.

O braço da Ryan pende flácido da mão da avó, e ela abana a cabeça e inspira novamente com uma expressão amedrontada.

— Levanta-te — diz a avó, desta vez mais enérgica.

Isso chama a atenção da minha irmã, e um breve momento de compreensão passa entre ambas, a Ryan ouvindo o eco das palavras que há tanto tempo disse à avó. Engole em seco. Acena um sim e depois obedece. A avó olha para mim e para o Colton. — Vocês os dois ficam bem aqui?

— Sim — respondo, se bem que não tenha a certeza disso.

— Ótimo. Nós não vamos demorar-nos. — E assim dizendo, põe um braço em volta do ombro da Ryan e leva-a até à porta, e lá para fora para o crepúsculo nublado.

Suspiro finalmente.

O Colton está sentado ao meu lado. — Isto é que foi um susto, hã? — Pousa a mão no meu joelho. — Mas parece que o teu pai vai ficar bem.

— Quem me dera que houvesse uma garantia — respondo, olhando para ele.

Ele comprime os lábios. — Nunca há. Para nenhum de nós. Mas a vida é assim.

Ficamos um momento em silêncio.

— Tens fome? — pergunta o Colton. — Sede? Queres um café ou um chocolate quente ou qualquer outra coisa? Eu sei orientar-me num hospital. — Sorri, e custa-me a acreditar como estas pequenas referências a estar doente surgem tão facilmente, agora que eu sei. Quase como se ele se sentisse aliviado por ter revelado o seu segredo.

— Talvez só uma garrafa de água? — digo com voz débil.

— Venho já. — O Colton levanta-se rapidamente, feliz por poder ser útil, mas depois inclina-se para mim, ergue-me o queixo para que possamos olhar-nos de frente e começa a dizer qualquer coisa, mas beija-me apenas delicadamente na testa. — Quinn, eu... eu já volto.

Vira-se e dirige-se para um outro corredor, e eu recosto-me na cadeira, enfio as mãos nos bolsos da *sweatshirt* e fecho os olhos para ter um minuto e respirar. Tento pensar no que aconteceu ao meu pai, e no que o médico disse, e na probabilidade de tudo ficar bem. Todavia, tudo o que vejo é o Colton, à luz pálida da tempestade, a minha mão no seu peito nu, os seus lábios nos meus, a chuva à nossa volta como num sonho.

Abro os olhos, e a luz fluorescente do hospital faz dissipar tudo isso.

Decorrem uns minutos, e por alguns segundos apalpo qualquer coisa enfiada no fundo do bolso do Colton, antes de pensar no que

será e a tirar. É um pedaço de papel, dobrado num quadradinho apertado.

Começo a desdobrá-lo sem sequer pensar, mas detenho-me horrorizada ao reconhecer o papel rasgado, de cor creme. O coração cai-me aos pés. Todo o meu sentimento de culpa e os meus segredos me invadem a partir daquilo que tenho nas mãos. Como um castigo pelo que fiz. Não preciso de abrir a carta para saber o que ela diz. Escrevi rascunho após rascunho, noite após noite, até sentir que tinha escrito exatamente o que devia. Até ela dizer exatamente o que eu queria dizer à pessoa que tinha o coração do Trent.

Sinto uma náusea no estômago enquanto a abro lentamente, com cuidado para não rasgar mais o papel outrora espesso e agora gasto não só por causa da tempestade. Os meus olhos percorrem as palavras, a minha caligrafia, os vincos não feitos por mim mas por ter sido dobrada e desdobrada tantas vezes. Os vincos que o Colton deve ter feito ao enfiá-la no bolso. Para andar sempre com ela.

Olho para as palavras, as minhas palavras, tão cheias de dor e tristeza. A pessoa que escreveu esta carta parece-me uma estranha. Era alguém que procurava uma maneira de se agarrar ao Trent. Alguém que pensava não poder amar mais ninguém. Que não sabia que a pessoa a quem estava a escrever seria quem lhe iria provar que estava enganada.

— O que estás a fazer com isso?

A voz do Colton faz-me erguer a cabeça de repente, e o olhar em choque no seu rosto deve espelhar o meu próprio olhar.

Os seus olhos estão colados à carta que tenho nas mãos.

— Eu... — Atrapalho-me ao tentar dobrá-la de novo, porém ele pousa as duas chávenas de café no chão e tira-ma antes de eu o conseguir. A sua severidade súbita espanta-me.

— Desculpa — digo. — Eu não queria... ela estava no teu bolso, e pensei que talvez fosse...

— Não era para tu leres — afirma o Colton, e eu não sei o que é pior: o seu tom de voz ou a terrível ironia das suas palavras.

Olho para ele ali de pé, tentando dobrá-la novamente para o

pequeno retângulo que esteve metido no seu bolso durante sei lá quanto tempo, e não consigo continuar esta situação. Não consigo suportar ter guardado este segredo durante tanto tempo. Por fim, encontro as palavras. Pronuncio-as cuidadosamente, para que não haja enganos.

— Ela é minha.

As mãos dele ficam paralisadas no ar. Olha para mim, confuso.

— *O quê?*

Há um tremor na sua voz que me faz não querer dizer o que vem a seguir, mas tenho de o fazer.

— É a minha carta. — Engulo com força, a boca subitamente seca.

— Fui eu que a escrevi.

— Tu *o quê?*

Tento manter a voz calma. Falta-me o ar. — Eu escrevi a carta — afirmo. — Para ti. Há meses, depois de... — A minha voz quebra. — Depois de o meu namorado ter morrido num acidente.

Estas palavras, e toda a verdade nelas contida, são feitas de ar, quase inaudíveis, contudo ele ouve-as, e todos os músculos do seu corpo ficam tensos. Abana a cabeça.

— Antes de eu te conhecer — acrescento, com a esperança absurda de que isso possa fazer diferença; mas sei, assim que olho para o Colton, que não faz.

Ele continua de pé, calado, imóvel como uma estátua, tirando o ligeiro movimento de contração dos maxilares.

Levanto-me, dou um passo para ele. — Colton, *por favor...*

Ele recua. — Tu sabias? — pergunta, friamente. — Quando nos conhecemos. Sabias quem eu era?

A pergunta enche-me os olhos de lágrimas. — Sabia — murmuro.

O Colton dá meia-volta para se ir embora.

— Espera — imploro. — *Por favor.* Deixa-me só explicar.

Ele para. Vira-se bruscamente para me encarar. — Explicar *o quê?* Que andavas à procura da pessoa que ficou com o coração do teu namorado? Que me encontraste depois de eu ter assinado um papel a dizer que não queria ser encontrado? — A raiva atravessa-lhe o

rosto como o relâmpago sobre o oceano. — Ou que estiveste comigo há umas *horas* enquanto eu te contava tudo, e nada disseste? — Faz uma pausa, e algo mais se acende no seu rosto. Talvez a lembrança do que se seguiu. Mas rapidamente desapareceu, e a sua voz fica rouca. — Qual era a parte que querias explicar?

Abro a boca para responder, mas a verdade daquilo que eu fiz deixa-me sem palavras por um momento. E depois dou a única explicação que consigo encontrar.

— Tu nunca respondeste.

Digo-o para o chão, não como acusação, mas como a explicação para tudo aquilo, na sua forma mais simples e mais honesta.

O Colton dá um passo para mim. — E porque pensas assim? Eu nunca quis isto. Nunca quis nada disto. — Olha-me diretamente nos olhos, e juro que não o reconheço. — Faz-me um favor — diz ele. — Esquece que me conheceste. Porque eu *nunca* devia ter-te conhecido.

E a seguir saiu. Pela porta automática, para a noite lá fora.

Síndrome do Coração Partido

«Síndrome do coração partido é uma condição em que o *stress* intenso pode levar à falência do músculo cardíaco. A falência é grave, mas frequentemente de curta duração... A causa da síndrome do coração partido não é completamente conhecida.

Na maior parte dos casos, os sintomas são desencadeados por tensão extrema, emocional ou física, tal como desgosto, raiva, ou surpresa intensos. Os investigadores pensam que o *stress* liberta hormonas que “entorpecem” o coração e afetam a sua capacidade de bombear o sangue para o corpo.»

Instituto Nacional do Coração, Pulmão e Sangue

CAPÍTULO TRINTA

ESTOU SENTADA NA sala de espera com a visão enevoada. Não consigo mover-me. O peito destroçado.

Pessoas sem rosto passam para lá e para cá junto às cadeiras onde me encontro. Vozes distorcidas falam pelo intercomunicador. A avó está ao meu lado, com uma mão dá palmadinhas nas costas da cadeira, a outra está pousada no meu joelho. A Ryan está do outro lado. Não olha para mim, não diz uma palavra, e não tenho a certeza se é porque está preocupada com o pai ou porque está tão horrorizada comigo como eu estou.

Sou uma pessoa horrível, egoísta, mentirosa.

Esperamos, juntas nas cadeiras, mas nos nossos mundos separados. Um médico aproxima-se para nos dar notícias. O pai acabou de ser levado para o bloco operatório. Está a ser estabilizado. Vai demorar algumas horas. A mãe volta para ao pé de nós para nos sossegar, os lábios comprimidos para manter o controlo. Parece pequena, ali de pé à nossa frente. E tão assustada. Isto faz-nos partir o coração e é aterrorizador ao mesmo tempo.

A avó levanta-se e abraça a mãe. — Vai correr tudo bem. — Ela não pode ter a certeza. Nenhuma de nós pode, mas todas nos agarramos à confiança da voz da avó.

A mãe encosta a cabeça ao ombro dela, e tem os lábios a tremer.

Os olhos inchados, mas ao ver-nos, à Ryan e a mim, algo muda nela. Olha a avó nos olhos, e esta solta-a do seu abraço. A mãe enxuga os olhos, endireita-se e abre os braços para nós. Faz um esforço para nos parecer muito forte e segura, ao mesmo tempo que repete as palavras da avó.

— Vai correr tudo bem.

Sentamo-nos todas em fila: a avó, a Ryan, a mãe e eu. Ficamos a aguardar em silêncio, carregadas de preocupação, mas unidas pela força que passamos umas às outras. A avó adormece com a cara pousada no punho. A Ryan muda para uma fila de cadeiras vazias e estende-se sobre elas, adormecendo no instante em que fecha os olhos. O queixo da mãe descai sobre o peito.

E então fico novamente sozinha.

Os olhos ardem-me, e o corpo anseia por dormir, contudo a minha mente não o permitirá. A cena com o Colton passa repetidamente pelo meu pensamento, enquanto o tiquetaque do relógio parece o bater dum coração. A dor e a raiva dele, a minha culpa e a vergonha. Segredos. Mentiras. Feridas que não podem ser aliviadas nem tratadas. Danos irreversíveis.

Não sei quanto tempo passou quando o médico aparece à nossa frente. Ponho uma mão no ombro da mãe, e ela senta-se imediatamente, piscando os olhos à luz fluorescente. As rugas em volta dos seus olhos são fundas, porém, ao ver o médico levanta-se. Desperta.

Ele sorri. — Boas notícias. — A Ryan e a avó também já estão de pé, e juntam-se a nós em volta do médico. — A cirurgia correu sem problemas, e conseguimos remover o coágulo e colocar o *stent*. Ele está agora no recobro.

A mãe abraça o médico. — Obrigada, muito obrigada.

Ao dar-lhe uma palmadinha no ombro, o sorriso dele é sincero mas cansado. — Ele ainda não acordou, mas posso pedir a uma enfermeira que vos leve lá acima para que estejam junto dele quando acordar da anestesia.

Quando o médico se vai embora, uma enfermeira vem para levar a mãe até junto do pai, e a avó decide ficar à espera, mas que a Ryan e eu devemos ir para casa. Não discutimos com ela, e não dizemos uma palavra enquanto seguimos pelo corredor, mas ambas parecemos dar o mesmo suspiro de alívio. Embora, no meu caso, ele dure apenas um segundo. Saímos pela mesma porta por onde o Colton saiu, e agora ainda há mais espaço em mim para sentir todo o peso daquilo que o mandou embora. O sentimento de culpa volta como ar de cada vez que respiro, e o meu coração e os pulmões transportam-no a todo o meu corpo.

Não sei onde ele estará. *Volta*, penso. *Fica aqui*. Mas sei que não o fará.

O gemido distante duma sirene torna-se cada vez mais alto e próximo à medida que atravessamos o parque de estacionamento até ao carro da Ryan. Ela prime o botão do comando e abre a porta. Vejo a ambulância chegar junto do letreiro da Urgência. A sirene para, mas as luzes continuam a girar azul-vermelho, azul-vermelho enquanto as portas se abrem e médicos saem de ambos os lados.

Luzes azuis e vermelhas, girando contra o céu pálido do romper do dia. As vozes entrecortadas dos médicos, a confusão ruidosa dos seus rádios em segundo plano.

Subitamente, não consigo respirar.

— Quinn — diz a Ryan, mas a sua voz soa muito distante.

Estou ali na nossa rua, de joelhos, a perder tudo mais uma vez.

As portas traseiras da ambulância abrem-se de rompante, e outro paramédico sai, depois estende os braços lá para dentro e puxa a extremidade da maca. Chama os outros: — Levem-no rapidamente! Vamos, vamos!

— Quinn, *vamos*. — A voz da Ryan traz-me de novo para aqui, para o presente, contudo a dor não diminui.

Aqui, perdi ainda mais.

«Entra no teu peito; bate, e pergunta ao teu coração o que sabe ele.»

William Shakespeare, *Medida por Medida*

CAPÍTULO TRINTA E UM

ESTOU SENTADA NA minha cama, a olhar para o telemóvel na minha mão. Para o número do Colton, pronto a ser chamado se eu simplesmente carregar na tecla. Mas não o faço. Sei que ele não irá responder. Já telefonei, vezes sem conta, e agora a chamada vai diretamente para o *voicemail*, como se ele tivesse desligado o telefone, ou o tivesse deitado fora. Já pensei ir ter com ele, tentei imaginar as palavras que podia dizer que talvez o fizessem entender, mas não há nenhuma. Tento imaginar que podíamos voltar atrás no tempo. Tento ver-nos juntos na água, ou naquela enseada com a cascata, ou a observarmos o pôr do sol da praia. Mas também não consigo. Tudo o que vejo é o seu rosto, tão zangado, e oiço as palavras que ele me disse, numa voz que parecia a dum estranho.

Esquece que me conheceste.

Não foi raiva que senti nessas palavras. Foi dor. Causada por mim. Ninguém pode dizer-me que isso foi o acaso, ou que estava fora do meu controlo, ou que eu não podia ter feito nada de maneira diferente.

Eu procurei-o. Encontrei-o. Deixei-me apaixonar por ele.

Não tinha o direito de fazer nenhuma dessas coisas.

Foram opções que tomei, mas ao tomá-las anulei as dele, e, como disse a Ryan, anulei qualquer hipótese de podermos ter algo real. Apaguei todos os nossos momentos, e dias, e experiências antes mesmo de existirem. E agora estou no passado que ele quer esquecer. Não tenho alternativa senão deixá-lo.

Retiro-me para o isolamento do meu próprio passado, onde mereço estar. Onde me encontro sozinha com todas as coisas que gostaria de poder mudar. Não durmo. Não como. Conte à Ryan o que

aconteceu quando fui à loja dele para lhe dizer a verdade, e depois acerca da tempestade, e o hospital. Desde então quase não falo. Ela dá-me espaço. Vai correr sozinha. Não faz perguntas nem dá conselhos. Não sei dizer se é porque eu não os peço ou se porque não tem nenhuns para me dar.

Alguns dias mais tarde, quando o pai regressa do hospital, arrasto-me para fora do quarto para lhe dizer quão aliviada me sinto por ele estar bem. O quanto o amo. Tento ajudar a cuidar dele, mas apenas metade de mim está presente. A Ryan, ainda abalada por ter assistido ao seu ataque, não sai de ao pé dele, abraçando-o e ficando com os olhos cheios de lágrimas por tudo e por nada. A mãe trata da sua recuperação: ordens dos médicos, prescrições, fazendo o trabalho dele no escritório. Eu definho na retaguarda, afundando-me cada vez mais.

Perdendo-me de novo.

Estou sentada ao computador com o mesmo pijama desde há dois dias, vasculhando o blogue da Shelby para trás e para a frente, quando a Ryan entra sem bater. Ela vê no monitor uma foto do Colton, antes de eu poder fechar a janela.

— Ainda nada?

Abano a cabeça.

— Por que razão não lhe telefonas?

— Já telefonei. Vezes sem conta. Ele não atende.

Ela comprime os lábios e inclina a cabeça. — Acho que, provavelmente, eu também não atenderia, se fosse ele. Não depois de descobrir daquela maneira.

Não estou com vontade de falar sobre o assunto, por isso nada digo. A Ryan respira fundo e encosta-se à secretária à minha frente.

— Eu entrei — diz ela.

— O quê?

— Para aquela escola de arte, em Itália. Eles adoraram o meu portfólio. Pelos vistos, um coração destroçado incentiva a arte.

— Isso é muito bom — respondo. Mas não soa muito convincente. A ideia de não a ter aqui sufoca-me. — Quando é que partes?

— Daqui a umas semanas. — Ficamos um momento em silêncio, e apesar de eu saber que é o que ela deseja, também me parece um pouco triste. — Vou sentir a tua falta — diz ela. — E estou preocupada contigo.

— Neste momento não me suporto a mim própria.

— Sabes que eu te disse que ele merecia saber a verdade?

Ergo o olhar para ela.

— Pois merece, Quinn. Ele merece saber tudo... não apenas o que ele pensa que sabe.

— De que estás a falar? — pergunto.

— Estou a falar do resto da verdade. Que tudo começou acerca do Trent, mas algures nesse trajeto as coisas mudaram. Tu apaixonaste-te por *e*le. Ficaste assustada. Não querias magoá-lo nem perdê-lo. Tudo isto é verdade, não é?

Os meus olhos abrem-se muito, e olho para a minha irmã. — Ele disse-me que me esquecesse de que o *conheci*. — Engulo em seco, e a minha voz sai engrossada pelas lágrimas. — Ele não quer ouvir nada do que tenho para lhe dizer.

— Estás a brincar comigo? Essas são as coisas que ele *precisa* de te ouvir dizer. Achas que *e*le não está a sofrer neste momento, andando por aí sem saber metade da verdade?

Lágrimas, uma após outra, rolam silenciosamente pela minha cara perante essa ideia.

— Pensa em todas as coisas que alguma vez lamentaste não ter feito ou dito. Todas as coisas que gostarias de poder mudar. — Abana a cabeça. — Tu, de todas as pessoas, sabes bem como essas coisas podem magoar. Sabes quanto tempo elas podem perdurar em ti, e modificar-te. — Faz uma pausa e deita um longo olhar à foto do Colton no ecrã do meu computador. Quando volta os olhos para mim, eles estão sérios.

— Por isso não deixes que seja assim. Faz qualquer coisa. Vai procurá-lo e diz-lhe.

«Dá tudo ao amor;
Obedece ao teu coração.»

Ralph Waldo Emerson

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

ESTACIONO NO MESMO miradouro onde parei da primeira vez que fiz este trajeto para ir ter com o Colton. O sol e o ar salgado entram a jorros quando desço a janela, e tento respirar, tal como fiz nesse primeiro dia. As minhas mãos tremem só de pensar em vê-lo.

Mas tantas coisas mudaram.

Nessa altura, tinha prometido a mim mesma que não falaria com ele, que ficaria invisível. Que não iria interferir na sua vida. Agora preciso que ele me oiça. Quero que ele me veja. E apesar daquilo que me levou até ele, não quero pensar nele como não fazendo parte da minha vida.

Preciso de dizer-lhe a verdade que ficou enredada nas mentiras. Que fui procurar o coração do Trent como uma ligação ao passado. Uma maneira de o conservar. Mas que o que descobri quando o encontrei foi uma razão para deixar as coisas correrem. Preciso de lhe dizer que não mudaria isso, mesmo que pudesse.

Ao virar para a rua principal, estou confusa. Mais ainda que naquele primeiro dia. Estaciono no mesmo lugar onde estacionei, em frente do café, e espreito pela montra para ver se há hipótese de o apanhar ali outra vez, mas está vazio. Respiro fundo e atravesso a rua para Good Clean Fun, de olhos baixos, tentando ganhar coragem à medida que avanço. Quando paro na curva e finalmente ergo o olhar, o chão desaparece à frente dos meus pés.

O interior da loja está às escuras. Os suportes normalmente cheios de caiaques estão vazios, e em frente da porta fechada há ramos de flores e dísticos.

Dísticos com o nome do Colton.

A minha visão turva-se, e fico sem ar. Dou um passo para a porta, mas nem sequer consigo vê-la. Tudo o que vejo é o hospital, e o rosto do Colton, e a maneira como ele ficou quando lhe contei a verdade. A maneira como ele estava quando se foi embora. A maneira como não olhou para trás.

Deixo-me cair ali mesmo onde estou, como se me faltassem as pernas.

Isto não pode estar a acontecer.

Não quando eu nem sequer... quando nem tive oportunidade de lhe contar, ou de esclarecer as coisas, ou apenas... apenas de o ver.

A minha cabeça tomba sobre os joelhos, e irrompo num choro. Choro por mim, e pelo Colton, e também pelo Trent. É demasiado, isto. A vida, e o amor, e a fragilidade de tudo. Um refrão triste e desesperado, que se repete na minha cabeça sem parar.

Isto não pode estar a acontecer, isto não pode estar a acontecer, isto não pode...

— Quinn? És tu?

Demoro um segundo a registar a voz, mas quando o faço levanto lentamente a cabeça, receosa do que irei ver ao olhar para a Shelby. Ela está de pé junto a mim, e tenho de semicerrar os olhos por causa da luz do sol e das lágrimas para conseguir vê-la. Ela olha para mim, depois para as flores e dísticos em frente da porta, e abre muito os olhos.

— Oh, meu Deus! — exclama. Depois senta-se à minha frente e pega nas minhas mãos. — Ele não está... Isto é... Ele vai ficar bom.

— O quê? — As palavras saem-me com dificuldade.

— O Colton. Ele vai ficar bem. As pessoas continuam a trazer estas coisas para aqui porque ele ainda não pode ter visitas, e eu tive de fechar a loja até os meus pais voltarem.

O alívio enche-me o peito e consigo finalmente olhar bem para ela. Tem os mesmos olhos verdes que ele... bondosos e nostálgicos, mas também um bocado abatidos.

Enxugo os olhos. — O que aconteceu?

— Ele entrou num processo de rejeição aguda há quatro dias.

— Ai, meu Deus!

O meu próprio coração praticamente para, e o sentimento de culpa toma conta de mim. Há quatro dias. Há quatro dias, quando saímos da loja após a discussão dele com a Shelby sobre falhar a toma dos medicamentos, e quando passámos a tarde juntos, e quando nem uma vez o vi tomar um comprimido.

Há quatro dias, quando ele descobriu a verdade.

— Foi mesmo muito assustador — diz ela. — Eu percebi que alguma coisa não estava bem quando ele chegou a casa. Foi para o quarto, e ouvi o quebrar de vidros, e quando entrei lá a correr ele estava a destruir todas aquelas garrafas. — Faz uma pausa como se estivesse a rever a cena.

— Entrei rapidamente e tentei detê-lo, mas ele só parou depois de ter partido todas; e não quis falar comigo, não quis contar-me o que se passava. Disse que só queria ficar sozinho. Umas horas mais tarde começou com dificuldades respiratórias, e com um parecer horrível. Estava quase em falência total na altura em que a ambulância chegou lá a casa na manhã seguinte.

— Oh, meu Deus! — murmuro. Os meus olhos enchem-se de lágrimas, e volto-os para as mãos que se contorcem no meu regaço. *A culpa é minha, a culpa é minha, a culpa é minha.*

— Ele agora está estável, embora não livre de perigo. Estão a dar-lhe doses maciças de medicamentos antirrejeição, e terá de ser monitorizado no hospital até as biópsias darem bons resultados.

A Shelby respira fundo e encosta-se à parede atrás dela. — Contudo, ele não está a responder tão bem como eles gostariam, e eu acho... acho que há ali mais qualquer coisa além de ter falhado algumas tomas da medicação. — Olha então para mim. — Ele contou-me o que aconteceu... com a carta.

Todos os meus músculos ficam tensos, preparando-se para o que ela pensa de mim.

— Foi por isso que não te telefonei quando tudo isto aconteceu. Não gostei nada do que tu fizeste. Quando ele me contou, quis odiar-te por não teres respeitado a sua própria opção no assunto.

Encolho-me, e ela faz uma pausa. Ablanda um pouco.

— Mas depois percebi que desde há uns tempos eu tenho feito o mesmo, só que de maneira diferente. Expondo as coisas de modo a que toda a gente possa ver, porque de certa forma isso me fazia sentir melhor. Porém, o Colton também não queria tal.

Não sei o que dizer.

A Shelby olha-me nos olhos. — Errei ao proceder assim — diz ela. — E tu erraste ao fazeres o que fizeste. — Respira fundo novamente, e eu procuro as palavras certas para me desculpar.

— Mas vou ser sincera — acrescenta. — Ele tem andado melhor do que nunca desde que te conheceu. Eu nunca escrevi acerca disso, mas ele lutou muito depois do transplante... com muitas coisas em que nós não sabíamos como ajudá-lo. Eu não tinha a certeza de algum dia voltarmos a ter o antigo Colton. — Sorri. — Porém, quando te conheceu foi como se renascesse. Não sei se alguma vez vi o meu irmão tão feliz como quando estava contigo. Portanto, se há algo de que te acusar, é isso.

Lágrimas quentes escorrem-me pelo rosto — de felicidade e de tristeza e de gratidão, tudo ao mesmo tempo.

A Shelby sorri. — Tu foste a primeira pessoa por quem ele perguntou quando acordou, e eu não quis... não achei que fosse boa ideia ele ver-te. — Pega nas minhas mãos e aperta-as. — Mas neste momento está a passar por um mau bocado, e eu acho que ele *precisa* de te ver, por isso ainda bem que aqui estás. Poso levar-te até lá.

Concordo com um aceno, ainda incapaz de falar por entre as lágrimas. Eu achava que conhecia a Shelby por seguir as atualizações que ela publicava na página do Colton, e depois achei que a conhecia melhor por causa das vezes em que a encontrei, mas neste momento consigo vê-la como quem é na verdade: uma pessoa atenciosa, muito protetora, bondosa, que tudo faria pelo irmão, inclusive perdoar-me.

— Obrigada — consigo finalmente articular.

Ela aperta a minha mão mais uma vez. — Obrigada *a ti*, por teres

encontrado o meu irmão.

«Desabafa os teus segredos, desabafa as tuas cicatrizes...
Abre o teu coração»

Phillip Phillips, *Desembrulha o Teu Coração*

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

— **VAI EM FRENTE** — diz a Shelby quando eu hesito à porta do quarto de hospital do Colton. — Ele vai ficar satisfeito por te ver quando acordar. — Ela entrega-me um saco, e os ramos de flores e dísticos da loja. — Aqui tens. Podes levar-lhe isto.

Agarro tudo aquilo nos braços. Quem me dera ter levado também alguma coisa para lhe oferecer.

— Eu vou estar na sala da receção se precisares de mim, *OK*?

Aceno afirmativamente, com o coração na garganta. — Obrigada.

Fico a observá-la enquanto se afasta pelo corredor, e quando vira na esquina fico apenas eu à porta do quarto dele. Olho para a prancheta no suporte, com o autocolante amarelo fluorescente que diz *Colton Thomas*, e os gráficos anexados e notas escrevinhadas que não entendo. Ver o nome dele assim torna a situação mais real, mas isso não é nada comparado com o momento em que entro a porta e o vejo ali na cama do hospital, com tantos tubos e monitores presos a si. É uma imagem que já vi antes, mas agora que o conheço é muito diferente. Muito mais forte.

Aproximo-me.

O seu peito sobe e desce a um ritmo lento e firme, e o *bip* dos monitores é tranquilizador. Vou até junto de um que parece um televisor, onde uma linha constante atravessa o ecrã, saltando a cada batimento do coração, prova visual de que este continua a trabalhar. Fecho os olhos e agradeço em silêncio ao Trent, e embora as circunstâncias pareçam estranhas e incompreensíveis, acho que está certo.

Sei que o Colton não gostaria que eu o visse assim, e não quero

perturbá-lo, por isso a princípio limito-me a ficar ali de pé, sem saber o que fazer. Penso em todas as coisas que quero dizer-lhe, em todas as verdades que espero que ele oiça, e nas coisas que espero que ele também sinta.

Pouso o saco no chão ao lado da cadeira e a jarra com as flores na mesa-de-cabeceira, tão silenciosamente quanto possível. Observo o monitor. Observo-o a respirar. A mão dele pende, ao lado da cama, e quero estender a minha para lhe pegar. Apertá-la contra o meu próprio coração para que ele possa saber o que está ali.

Fico parada junto à cama por mais um momento, depois sento-me na cadeira à espera. O Colton mexe-se com o som. Os seus olhos abrem-se numa frincha, e depois completamente quando me vê.

— Estás aqui — diz ele. A sua voz está rouca, fraca, e eu tenho de lutar contra a ânsia de o abraçar e o cobrir de mil beijos de desculpas.

— Olá — murmuro, receosa de fazer algo mais do que isso. Neste momento sinto-me mais despida do que naquela tarde com ele, à chuva.

Ele aclara a garganta e ergue-se um pouco. Pestaneja, depois estende a mão, e num segundo ali estou eu, com a mão dele na minha, e todas as palavras que tenho esperado para dizer saem de roldão, umas por cima das outras.

— Lamento tanto tudo isto, tudo. Eu só queria ver quem tu eras. Nem sequer tencionava falar contigo. Mas depois tu entraste, e tudo mudou. E quando apareceste à minha porta com aquela flor, e me levaste para o mar, e à gruta, e... todos os dias, tu mostraste-me tantas coisas, e foi ficando cada vez mais difícil, e eu não conseguia...

Faço uma pausa, inspiro trémula, nem quero saber de limpar as lágrimas que me escorrem pela cara.

— Eu não podia contar-te porque nunca esperei apaixonar-me, mas apaixonei-me. Por ti. Apaixonei-me, e continuo apaixonada, e sei que agi mal e que tu até podes nem me perdoar, mas eu...

— Quinn, para — diz ele, com a voz áspera.

As minhas mãos descaem, e dou um passo atrás, horrorizada por nada do que acabei de dizer ter importância. Ele não olha para mim.

Mantém o olhar focado no espaço vazio entre nós.

Ficamos em silêncio um longo momento, tornado ainda mais longo pelos *bips* dos monitores e pela dor que se acumula no meu peito.

Por fim, ele olha para mim, porém, os seus olhos são difíceis de ler.
— Eu não... — Detém-se. Respira fundo. — Nada disso importa para mim.

Desvia o olhar, e o meu coração sucumbe.

— Não da maneira como tu pensas. Importei-me de início, quando me contaste. Não soube como lidar com o assunto, por isso não o fiz. Limitei-me a reagir, porque detestei que tivesses sido tu quem escreveu aquela carta. — Olha agora para mim, com uma expressão cheia de arrependimento, e eu não sei se consigo aguentar o que vem a seguir.

— Mas tenho estado aqui deitado nesta cama desde há três dias, e tudo o que tenho pensado é que ainda detesto muito mais ter sido eu quem tu pensaste que não respondeu à carta.

— O quê? — Dou um passo para ele. — Isso para mim já não interessa, isso foi...

— Interessa — diz o Colton —, porque eu respondi à tua carta.

— Não entendo.

— Respondi-te — repete calmamente. — Muitas vezes.

— O que estás a...?

Ele levanta-se mais para se sentar, e os seus olhos encontram o saco que a Shelby me pediu que trouxesse. — Passas-me aquilo?

Obedeço, e com algum esforço ele enfia a mão lá dentro e retira um maço de cartas presas com um elástico, e estende-mas. — São tuas.

Olho para o maço de cartas na mão dele, dúzias delas empilhadas, com selos, e nunca enviadas, e não consigo proferir uma única palavra.

— Nunca consegui responder como devia ser — diz ele —, não como queria, ou como tu merecias. Nada do que eu dizia correspondia ao que sentia, e o que eu sentia era que não o merecia. Como se fosse errado que alguém tivesse de morrer para que eu

vivesse. — Encolhe os ombros. — Não sabia como agradecer a dádiva da vida a alguém que perdera a pessoa que amava. Não conseguia, por isso nada disse. Tal como tu.

Estende-me novamente o maço. — Estas cartas são tuas, tal como a outra também era.

Olho para elas, e vejo o peso do seu sentimento de culpa, e o seu coração, carregado com esse peso. Quando estendo a mão, sei que nunca abrirei nenhuma delas, mas também sei que ele precisa que eu as receba. Por isso aceito-as.

Estamos sentados em silêncio à luz ténue do seu quarto, rodeados dos nossos segredos e das nossas cicatrizes. Por um instante desejo que pudéssemos voltar atrás àquele lugar mágico onde estivemos juntos, libertos dos nossos passados. Mas sei que não podemos. Na verdade nunca estivemos libertos deles. Por muito que ambos tentássemos, e por muito que ambos desejássemos que fosse de outra maneira, somos feitos dos nossos passados, e das nossas dores, das nossas alegrias e das nossas perdas. Tudo isso está nas próprias fibras dos nossos seres. Gravado nos nossos corações.

A única coisa que podemos fazer agora é escutar o que está dentro deles.

Pouso as cartas em cima da mesa, e depois vou para junto do Colton. Ajeito-me em cima da cama dele e fico deitada ao seu lado. Ele passa o braço à minha volta, e descanso a cabeça no seu peito. Oíço o ritmo constante que quero continuar a ouvir. — E agora? — pergunto.

— Agora? — Ele ri-se um pouco. — É uma boa pergunta. — Faz uma pausa, e quando levanto os olhos para ele, vejo que está a sorrir. — Acho que podemos ter de responder a isso mais para diante — diz ele. — Mas neste momento... — puxa-me mais para si, dá-me um beijo na testa. — Isto basta. Isto é tudo.

«Assim, dizemos que “aprendemos de cor^{***}” aquilo que guardamos na memória ou compreendemos completamente. E note-se, além disso, que se crê que o coração possibilita uma forma mais elevada de conhecimento, um nível de compreensão superior àquele adquirido pelo cérebro.»

F. González Crussi, *Transportar o Coração: Explorar os Mundos Que Há Dentro de Nós*.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

ENCONTRAMO-NOS SUFICIENTEMENTE LONGE da costa para vermos toda a enseada à luz dourada do fim de tarde. Numa extremidade, a queda-d'água cai sobre a falésia num movimento lento, as suas correntes rolando e saltando até chegarem à praia, onde se encontram e misturam com as ondas que batem na areia. Na outra extremidade situam-se as escadas onde eu fiquei a ver o Colton na água, sem saber como é que algum dia poderíamos ficar juntos, mas sabendo que ficaríamos. Que ficamos.

— Este é o dia que eu quero que se repita muitas e muitas vezes — diz o Colton atrás de mim.

Volto-me para ele. — Eu também.

Ele sorri e abana a cabeça. — Não consigo acreditar que fizeste isto.

— Tive a ajuda da tua irmã. — Uma grande ajuda, na verdade. Quando telefonei à Shelby e lhe contei o que queria fazer, ela tratou de tudo para nós: caiaque, tenda, fogão de campismo, *s'mores*, tudo.

— Tudo perfeito — diz o Colton.

— Ter alta do hospital merece um dia perfeito.

Ele sorri. — E ser a nova corredora mais rápida da equipa também.

Isso faz-me rir, mas na verdade sinto-me feliz com o feito... muito feliz por ter um projeto, mesmo que seja apenas o de correr, e frequentar algumas aulas, e ver como as coisas correm.

— Não sei se mereço *tanto* como tu — afirmo —, mas aceito, tal como aceito que me acompanhes.

— Tinhas de aceitar — diz o Colton com um sorriso.

Enfia o remo na água, e dirigimo-nos para a praia enquanto a luz do sol esmorece atrás de nós. Depois de nos lavarmos na cascata, o Colton acende o fogão de campismo e eu observo o fumo a subir em círculos na noite, em direção às estrelas. Tostamos *marshmallows* e falamos sobre quantos mais dias perfeitos podemos passar juntos, sobre todos os lugares que havemos de ver e as coisas que faremos. Todas as possibilidades para o futuro.

Mais tarde, quando começa a arrefecer, tiramos os nossos sacos-cama da tenda e juntamo-los com o fecho-éclair. Estendemo-los na areia e deitamo-nos lado a lado, observando os satélites e as estrelas-cadentes que cruzam o céu. Sinto aquele cansaço agradável causado pelo sol e pelo mar, mas não quero fechar os olhos. Não quero que este dia acabe, e sei que o Colton também não quer, pela maneira como continua a conversar. Continua a contar-me histórias das estrelas e do mar.

Só se interrompe para se virar de lado e me puxar para si e me beijar. E nesse beijo está um daqueles momentos como o que tivemos naquele dia no hospital. Um momento que é tudo. É um momento em que consigo sentir a profundidade da ligação entre o Colton e eu, entre tudo. Consigo sentir os ritmos infindáveis da luz e da escuridão, das marés e dos ventos. Da vida e da morte, e da culpa e do perdão.

E do amor. Sempre do amor.

Estamos deitados juntos, em silêncio, sob um céu infinito, junto dum oceano insondável, e não falamos acerca de como todas estas coisas nos uniram. Não falamos acerca de como não mudaríamos nenhuma delas.

Não precisamos de o fazer, porque estas são as coisas que nós conhecemos *de cor*.

* A palavra «cor» vem do latim *cor*, *cordis* (coração). (NT)

AGRADECIMENTOS

PRIMEIRO E SEMPRE, obrigada ao meu marido, Schuyler, que ficou com o meu coração no dia em que nos conhecemos e que é a razão de eu poder escrever uma história de amor em primeiro lugar.

A seguir, a minha mais profunda gratidão a Alexandra Cooper, que ouviu e encorajou esta ideia quando lha apresentei e esteve presente em todos os passos do percurso que se seguiu, com o seu gentil encorajamento, ideias perspicazes e lendárias (no melhor sentido possível!) cartas a editores.

Não tenho quantidade suficiente de «obrigadas» para o invencível Leigh Feldman, que me viu através deste livro do princípio ao fim — com graça, humor e um coração rigoroso.

Uma imensa gratidão à minha nova família da HarperCollins, que me fez sentir bem-vinda e me ajudou desde o início. Rosemary Brosnan, Alyssa Miele, Renée Cafiero, Raymond Colón, Jenna Lisanti, e Olivia Russo: estou profundamente impressionada com esta equipa dinâmica! E por falar em impressionada, ainda olho para a capa da edição americana e fico maravilhada com o talento de Erin Fitzsimmons e o seu *design*, tão perfeito para esta história.

E há depois os meus queridos amigos que se tornaram a minha família da escrita. Sarah Ockler, que é a minha alma gémea literária e que tive a sorte de conhecer, e ainda mais sorte por lhe chamar minha amiga. Aqui estamos para muitos mais anos de amizade, escrita, vinho, *tarot*, chocolate e para sermos fantásticas!

Agradeço a Morgan Matson, desde o barracão até aos nossos dias a escrever na biblioteca com Albino Bunny, que estiveste sempre comigo como amiga e parceira de escrita, e isso significa mais para mim do que alguma vez possas saber. Anseio por muitos mais anos a escrever contigo, com o teu sorriso, e as tuas múltiplas bebidas!

A Carrie Harris, Elana Johnson, Stasia Kehoe, e Gretchen McNeil,

vocês e a vossa amizade, o vosso apoio, conselhos, os vossos *e-mails* hilariantes e grandeza geral tiveram para mim a importância do mundo, e não consigo imaginar-me a fazer isto sem vós.

E finalmente, um amigo que era um estranho até eu tropeçar na sua história quando fazia pesquisa para esta minha: Zeke Kendall, que tão pacientemente respondeu a todas as minhas perguntas para que eu pudesse conhecer todos os pequenos detalhes, e cuja história (e coração) é mais maravilhoso do que qualquer coisa que eu pudesse escrever. (Isto sou eu a instigar-te, Zeke: é tempo de a escreveres!)